ERICH VON DÄNIKEN

Autor do consagrado *Eram os deuses astronautas?*

A CHEGADA DOS DEUSES

A REVELAÇÃO DOS PONTOS DE ATERRISSAGEM DOS ALIENÍGENAS EM NAZCA

MAIS DE 140 FOTOS DOCUMENTAIS

A CHEGADA DOS
DEUSES

ERICH VON DÄNIKEN

A CHEGADA DOS DEUSES

A revelação dos pontos de aterrissagem
dos alienígenas em Nazca

Tradução de
CLAUDIA GERPE DUARTE

NOVA ERA
Rio de Janeiro

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

D189c
Däniken, Erich von, 1935-
A chegada dos deuses: a revelação dos pontos de aterrisagem dos alienígenas em Nazca / Erich von Däniken; tradução de Claudia Gerpe Duarte. – Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2003.

Tradução de: Zeichen für die Ewigkeit
Apêndice: A fascinante Nazca
ISBN 85-01-06220-0

1. Curiosidades e maravilhas. 2. Civilização antiga – Influências extraterrestres. 3. Vida em outros planetas. 4. Nazca (Peru). I. Título.

03-0152
CDD – 001.94
CDU – 001.94

Título original alemão
ZEICHEN FÜR DIE EWIGKEIT

Publicado inicialmente por C. Bertelsmann Verlag, Munique, uma divisão de Verlagsgruppe Random House GmbH

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-06220-0

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ – 20922-970

SUMÁRIO

Prefácio

1 Nazca, na Pan-American Highway

Flashback
Distorções e subversões!
Na estrada do espírito
Imagens sem instrumentos?
Debaixo e em cima
Que idade você disse?
Um catálogo de perguntas sem sentido
E depois de Reiche?
Novas datações

2 Uma Máfia de Falsificadores?

Quem é o Dr. Cabrera?
Onde estão os "depósitos"?
Perguntas científicas
Novas e falsas ou antigas e verdadeiras?
Argumentos a favor de "dezenas de milhares de anos"
Quem eram esses engenheiros?

3 O Que Aconteceu em Nazca?

A litania de cultos
Mentes acadêmicas
Uma Olímpia pré-histórica?
Outras abordagens práticas

4 Argumentos em Defesa do Impossível

Figuras reluzentes
Visível apenas para os deuses!
Uma perspectiva irresistível
A descoberta fenomenal!
Uma teoria bom fundada
O início de um culto
Aviões dos tempos antigos

5 Onde estão os Extraterrestres?

Apêndice — A Fascinante Nazca
Prezado Leitor...
Índice Remissivo

PREFÁCIO

Nazca? O que há sobre ela? Não precisamos ouvir mais nada a respeito dela, não é mesmo?

Até alguns anos atrás eu achava, como muitas outras pessoas, que sabia praticamente tudo a respeito de Nazca. Sou muito versado em toda a literatura especializada e popular sobre o assunto, em todas as teorias e especulações. Nos últimos trinta anos, estive inúmeras vezes em Nazca. Passei semanas voando sobre o deserto circunjacente e as montanhas próximas, e no início da década de 1970 excursionei e tropecei durante dias no cascalho quente e nas pedras castanho- avermelhadas. Eu achava que tinha solucionado o enigma de Nazca, mas nesse meio tempo me dei conta de que, na verdade, todos sabemos muito pouco a respeito do lugar.

Afinal de contas o que é Nazca? Acima de tudo é um lugar misterioso, estranho e até sinistro. Nazca é ao mesmo tempo compreensível e obscura. Ela é ao mesmo tempo mágica, sedutora, lógica e absurda. Nazca é como um ataque ameaçador à nossa razão. Sua mensagem é velada e confusa — cada teoria a respeito dela é contraditória. Nazca parece inescrutável e insolúvel, louca e insensata. Alguns dos "desenhos escavados", as mensagens visuais que circundam a pequena cidade de Nazca, parecem infantis, resultado de um impulso irrefletido; outros parecem se dirigir à nossa capacidade de raciocínio, pedindo-nos que separemos os fios desse mistério e desbravemos o caminho em direção à verdade.

Nazca esquivou-se até agora das tentativas mais hábeis de solução do seu enigma. Esse fato talvez não seja surpreendente se considerarmos a maneira obstinada pela qual a razão humana se agarra ao que já é conhecido. Nós transportamos, de uma forma quase obsessiva, nosso modo de pensar e nosso conhecimento para pessoas que viveram há muito tempo e cuja visão de mundo era extremamente diferente da nossa. Acreditamos que nossa aguçada sagacidade à la Sherlock Holmes, a nossa metodologia científica, nos conduzirá inevitavelmente ao Santo Graal do conhecimento. Ou então seguimos uma rota diferente, parapsicológica, e tentamos "intuir" a verdade a respeito de Nazca por meio de algum tipo de percepção supersensorial, tornando-nos dogmáticos no decorrer do processo: aqueles que não acreditam nessas "verdades" são praticamente culpados, ao que tudo indica, de um pecado venal. Temos então teorias sobre Nazca, especulações sobre Nazca, dogmas sobre Nazca, fantasias sobre Nazca e uma infinidade de outros loucos comentários a respeito de Nazca, os quais, ao final, não levam a lugar algum.

Nazca é gigantesca — e não estou me referindo apenas às suas dimensões geográficas. À semelhança da Grande Pirâmide do Egito, Nazca é uma máquina do tempo capaz de nos transportar de volta ao passado. Quem quer que compreenda seu significado alcança uma perspectiva de extraordinária profundidade, em cujo âmago cintila um espelho que irradia a luz de volta ao universo.

1

NAZCA, NA PAN-AMERICAN HIGHWAY

Aqueles que não gostam de pensar deveriam pelo menos reajustar de tempos em tempos seus preconceitos.
LUTHER BURBANK, 1849-1926

Era uma vez, nas montanhas distantes do Peru, um requeno, decadente e indolente povoado. Sua única ligação com Lima, a grande capital, era uma estrada de terra pela qual ninguém viajava a não ser em caso de absoluta necessidade, pois ela atravessava centenas de quilômetros de um deserto inóspito de areia e pedras arredondadas. Subidas e descidas, uma curva aqui e ali, e finalmente um último trecho, curto e perigoso, formado por um sinuoso desfiladeiro. Mais ou menos a cada duas horas passava-se por uma aldeia indígena decadente — sempre num lugar onde corriam os riachos oriundos dos longínquos Andes a caminho do Oceano Pacífico. Em tendas improvisadas, os indígenas ofereciam pequenas bananas ama- relo-escuras, laranjas de casca grossa, limões de um verde vivo e limonada caseira de várias tonalidades. O modo de vida dos habitantes dessas aldeias era modesto e monótono. Além de frutas, eles também plantavam cenoura, batata, cebola e algodão, e aos domingos se reuniam em uma pequena igreja católica.

Hoje em dia, metade desse trajeto é uma rodovia de quatro pistas e o resto, uma estrada ampla e asfaltada. A distância entre Lima e Nazca é de cerca de 450 quilômetros na direção sul, e o percurso para o Chile continua através da mundialmente famosa Pan-American Highway. (Conhecida na Europa como a Estrada do Sonho, ela atravessa o continente americano de norte a sul, do Alasca ao Chile.) As aldeias indígenas ao longo da estrada ainda estão no mesmo lugar, mas cresceram enormemente: sinais de trânsito e ruas de mão única conduzem o fluxo do tráfego através de distritos que excedem seus limites e estão saturados com a fumaça dos canos de descarga. À beira da estrada, proliferam restaurantes, postos de gasolina, bares e oficinas mecânicas.

A pacata Nazca transformou-se numa pequena cidade completa com um museu, um parque, lojas e bancos. A freqüência à escola é compulsória. Hotéis de qualidade variada competem uns com os outros para hospedar os turistas, os viajantes que vêm de longe e os aventureiros. As ruas estão repletas dos anúncios habituais e, no limite da cidade, há um pequeno aeródromo que possui uma torre e um bar. Por um preço que varia entre cem e 150 dólares, os aficionados de Nazca podem voar sobre o mundialmente famoso Pampa de Nazca e correm o risco de vomitar enquanto os pilotos forçam seus pequenos motores em uma curva fechada após outra. Depois de cada excursão de meia hora o turista recebe um certificado da Aero Condor, assinado e datado pelo piloto, declarando que ele voou sobre a planície de Nazca.

No entanto, nenhum desses apressados viajantes consegue vislumbrar o *verdadeiro enigma* de Nazca. Por quê? Porque os vôos dos turistas se concentram principalmente nos chamados "desenhos escavados" na superfície castanho-averme- lhada do deserto. Eles retratam figuras como uma aranha gigante,[1] um beija-flor, um macaco, uma espiral e um peixe todas intercaladas por linhas retas estreitas, como se traçadas a régua — e, nas encostas, várias cabeças das quais irradiam raios. Finalmente, existem também no chão marcas isoladas que parecem gigantescas pistas de decolagem. Tudo isso pode ser observado de um avião. No nível do solo não há praticamente nada a ser visto.

[1]

Perguntei ao piloto chefe da Aero Condor, Eduardo Herran,

por que o vale do Ingenio e as montanhas não são mostrados aos turistas.

"Nossas instruções são para voar principalmente sobre os desenhos escavados, porque eles provavelmente interessarão aos turistas. Os vôos também ficariam muito caros se ficássemos voando sobre todos os lugares horas a fio."

Eu voei sobre todos os lugares — dias a fio.

Flashback

Na primavera de 1927 o arqueólogo peruano Toribio Mejia Xesspe estava trabalhando num pequeno vale lateral do rio de Nazca, onde havia algumas ruínas pré-incaicas. Ao subir um pouco mais pela encosta, onde esperava encontrar mais ruínas, ele parou para tomar fôlego e contemplou embaixo do pampa de Chiquerillo, o pampa de los Chinos e o pampa de Nazca. Algo parecia estranho. Ele avistou linhas retas, como se traçadas a régua, no deserto preto-amarronzado debaixo dele. No entanto, ele não pensou muito mais a respeito, presumindo que as linhas provavelmente fossem antigas trilhas pré-colombianas. Foi somente em 1940, depois de percorrer duas dessas linhas, que Toribio Mejia Xesspe escreveu um artigo sobre suas descobertas.[1*] Essa foi a primeira informação a ser publicada sobre as linhas de Nazca.

No dia 22 de junho de f941 o Dr. Paul Kosok, historiador da Long Island University em Nova York, embarcou num avião monomotor para procurar canais de água entre as aldeias de Ica e Nazca. Ele sabia que os incas e outras tribos anteriores a eles haviam

---

* Nesta edição, para identificar as notas convencionamos usar os números sobrescritos[1], e para identificar as fotos optamos pelos números sobrescritos entre colchetes[1]. (N. do E.)

assentado canais de suprimento de água; no entanto, esses canais sempre sumiam de vista em diferentes pontos. Ele estava esperançoso de conseguir localizar do ar, com mais facilidade, as antigas tubulações. Ele também já sabia, havia dois anos, que lá embaixo na planície, em algum lugar entre o riacho Ingenio e a aldeia de Nazca, havia estranhas linhas que pareciam ter sido escavadas no chão. Ele se perguntou se as linhas estariam de algum modo relacionadas com o sistema de suprimento de água.

O final da tarde estava claro, como sempre acontece naquela região. O Dr. Kosok apertou os olhos, mas viu apenas a superfície castanho-avermelhada debaixo dele, até que o avião começou a sobrevoar a estrada sinuosa que subia em direção a Nazca. De repente, a três quilômetros da curva que liga o vale do In- genio à planície de Nazca, o Dr. Kosok reparou em duas linhas estreitas e paralelas no chão marrom-escuro lá embaixo. O que poderiam ser essas linhas? Kosok pediu ao piloto que desse me- ia-volta e seguisse as linhas. Começando de uma colina, eles avançaram dois quilômetros sobre o pampa, terminando no que pareceu ser uma pista de aterrissagem. Kosok estimou que a faixa tivesse trinta metros de largura e pelo menos um quilômetro de comprimento. Como isso era possível? Quem teria assentado uma pista de pouso nesse fim de mundo? Kosok ficou nervoso e ordenou ao piloto que voltasse. Depois de voar na direção oposta durante alguns minutos, o avião passou sobre uma perfeita espiral situada ao lado de uma faixa ainda mais larga do que a anterior. Mais um quilômetro para o sul, Kosok avistou o contorno de um pássaro com uma envergadura de duzentos metros e outra faixa ao lado dele. Intrigado, Kosok fez o piloto voar em círculos, descendo em direção ao solo. Ele viu uma aranha gigante e depois o claro contorno de um macaco com o rabo enrolado. Sobre a face de uma encosta escarpada ele avistou o desenho de uma figura humana de 29 metros de altura, com as mãos estendidas num gesto de saudação. E nas colinas menores estavam gravados rostos corados com grinaldas de raios e com capacetes. O Dr. Paul Kosok havia acidentalmente descoberto o livro de imagens mais misterioso do homem.[2, 3]

De volta à terra firme, Kosok perguntou aos arqueólogos qual a opinião deles sobre o assunto. Eles nunca tinham ouvido falar no que ele havia visto, mas uma coisa estava clara: as faixas não podiam de jeito algum ser pistas de aterrissagem, pois nem os índios nem os incas, e muito menos as tribos pré- incaicas, haviam possuído máquinas voadoras! Surgiu até uma teoria a respeito de uma curiosa religião para explicar as faixas. Afinal de contas, as tribos indígenas haviam praticado os tipos mais estranhos de ritos mágicos.

Anos se passaram. Nesse ínterim, a geógrafa e matemática alemã Maria Reiche (que havia sido aluna da Universidade de Hamburgo e do Instituto de Tecnologia de Dresden) viajou para o Peru. Ela nunca tinha ouvido falar das estranhas marcações em Nazca, mas estava interessada nas ruínas da região dos Andes. Em particular, ela queria pesquisar as ligações calendáricas dos inúmeros *Intihuantanas* peruanos ou "locais de observação solar". Por obra do acaso ou do destino ela conheceu Paul Kosok, que descreveu para ela, muito agitado, as estranhas marcações de Nazca. A jovem alemã, com seu treinamento e conhecimento dos relacionamentos calendáricos, pareceu a Kosok a pessoa perfeita para desvendar o segredo de Nazca.

Em 1946, instigada por Kosok, Maria Reiche começou a voltar a atenção para esse assunto, inicialmente em conjunto com seu outro trabalho. Mas ela logo ficou maravilhada pelas fascinantes marcações. À beira da estrada poeirenta que ia do vale do Ingenio a Nazca havia uma modesta *hacienda* ou fazenda e seus donos alugaram um dos quartos a Reiche. O quarto na Hacienda San Pablo tornou-se assim, durante vários anos, o quartel-general de pesquisas dessa jovem incansável. Podemos ver hoje, no Museo Maria Reiche, que fica nas proximidades, uma figura de cera que a representa trabalhando, cercada por mapas e desenhos.[2] As outras salas do museu contêm impressionantes fotografias em preto e branco dessa época.

[2]

A primeira providência de Maria Reiche foi fazer uma espécie de levantamento da confusão de linhas sobre a superfície do deserto. Munida de um chapéu de palha e de um bloco de desenho, ela perambulou debaixo do calor escaldante, marcando o terreno e fazendo os primeiros desenhos. Ela logo percebeu que fotografias aéreas seriam indispensáveis. Conhecidos seus a ajudaram a entrar em contato com o Servicio Aerofotographico Nacional, uma divisão da força aérea peruana. Os pilotos e oficiais não apenas ficaram interessados no trabalho dela, como também se mostraram ansiosos por ajudar. Assim sendo, foram tiradas as primeiras fotografias e medidas aéreas.

Distorções e subversões!

Em meados da década de 1950 a própria Maria Reiche comparou as linhas semelhantes a trilhas com uma pista de aterrissagem. Mais tarde, ela mencionou esse fato em seu livro *Geheimnis der Wüste* (Segredo do Deserto):[4]

> Olhando do avião para a superfície plana do deserto, o passageiro descobrirá, esboçados nos terraços e encostas, gigantescos triângulos e quadrados cujos contornos parecem ter sido traçados a régua, e cuja superfície clara contrasta claramente com o solo escuro. *Quase que poderíamos acreditar que são pistas de aterrissagem!* [itálico meu].

Em 1968, antes da publicação do livro de Reiche, quando eu disse mais ou menos a mesma coisa no meu livro *Erinnerimgen an lüe Zukimft?* (Carruagens dos Deuses?[5]), fui arrasado. Eu cometera um grande pecado! Cito a seguir a passagem ofensiva:

> A planície de Nazca com sessenta quilômetros de extensão, vista do ar, possui a incontestável aparência de um aeroporto. É realmente muito forçado sugerir que linhas foram traçadas aqui para enviar aos deuses a mensagem: "Aterrissem aqui! Tudo foi preparado de acordo com as suas instruções!" Será que aqueles que construíram essas linhas sabiam o que estavam fazendo? Será que eles sabiam do que os "deuses" precisavam para poder aterrissar?

Desde que eu escrevi estas poucas linhas, publicadas há quase trinta anos mas escritas dois anos antes da sua publicação, um grande número de declarações que eu *nunca* publiquei, escrevi ou fiz oralmente foram erroneamente atribuídas a mim. Por sorte, eu não sofro de um complexo de perseguição e nem sou a favor de teorias de conspiração. No entanto, o fato de a mídia "séria" e as publicações "científicas" disseminarem disparates infundados é motivo de preocupação. O fato de ter sido mal- compreendido é um exemplo típico de como declarações falsamente interpretadas são esculpidas em pedra e arquivadas pela imprensa para serem falsamente citadas de novo a cada oportunidade. O jovem Erich von Dãniken escreveu em 1966 que, quando vista de cima, a planície de Nazca parece uma pista de pouso. Mas a jovem Maria Reiche também disse a mesma coisa!

Ao mesmo tempo, toda a imprensa científica e todas as publicações científicas de que já ouvi falar — e lhes asseguro que elas são extremamente numerosas — garantem ao mundo, num tom de sincera indignação, que eu teria afirmado que a planície de Nazca foi certa vez uma "estação de aterrissagem" para naves espaciais. Eis um exemplo mais recente de uma revista científica:[6]

> No início dos anos 1970 um certo Erik [com k!] von Däniken anunciou que as linhas eram pistas de pouso para naves espaciais. Suas pseudoprovas eram imagens de geoglifos que apresentam uma incrível semelhança com as modernas pistas de aterrissagem. Ele acrescentou que era impossível criar esses grandes sinais e marcações sem a ajuda de aviões.

A literatura científica está repleta dessas notícias falsas e repetidas que se dizem verdadeiras. Não apenas nenhum desses hábeis escritores leu o livro em questão — e muito menos os livros seguintes,[7-9] copiando, em vez disso, disparates uns dos outros – como também eles maldosamente inventam e atribuem a mim coisas que não podem ser encontradas em nenhum dos meus livros. Assim sendo, estou certo de que vocês compreenderão se eu, da minha parte, não levar a sério esses jornalistas e escritores "científicos"! "O sucesso é praticamente o último pecado do qual somos absolvidos" (Truman Capote).

De qualquer modo, depois que a força aérea peruana ofereceu apoio a Maria Reiche, o Ministério da Educação também forneceu uma modesta ajuda. Mais tarde, a American Wen- ner-Gren Foundation e a German Research Society também contribuíram para o projeto. Nos anos que seguiram, outras instituições disponibilizaram pequenos fundos. O dinheiro era insuficiente para um projeto de pesquisa em grande escala, mas bastante para levar o trabalho adiante. Destemida, Maria Reiche arrastou uma escada de alumínio de dois metros através do deserto e polvilhou os desenhos na terra com giz, possibilitando assim que fossem tiradas as primeiras fotos em *close-up*. Finalmente, ela começou a medir as figuras e copiá- las fielmente em escala.

Reiche logo percebeu que os desenhos escavados não estavam distribuídos ao acaso pela região, e sim que eles sempre apareciam na "interseção de várias linhas retas".[10] Além disso, ela descobriu que havia apenas um único desenho de macaco, aranha, baleia, cão etc., porém mais de vinte figuras de pássaros. As pessoas pré-históricas que haviam esculpido essas criaturas na terra deviam ter uma preferência pelos pássaros. Outra coisa: em toda a

região *plana* nem uma única figura humana foi encontrada, nenhum rosto humano, embora houvesse vários deles nas escarpadas paredes dos penhascos na região de Palpa, perto de Nazca. AU estavam retratadas cabeças humanas das quais emanavam raios, outras com adornos de cabeça semelhantes a antenas e uma figura de 29 metros de altura apontando para o céu com o braço direito e para a terra com o esquerdo. Um enigma figurativo do passado. Também extraordinários, gritando para serem decifrados, eram os inúmeros padrões geométricos — freqüentemente, embora nem sempre, ligados aos desenhos de animais. A partir da rede de trilhas, projeta-se uma linha reta de 1,5 quilômetro, como se traçada a régua, e se conecta ao macaco gigante de sessenta metros de altura. Debaixo dos pés desse animal, estendem-se sete grandes pontas aguçadas. Cada pé tem três dedos, uma das mãos tem quatro e a outra cinco.[131] A partir da cauda do macaco, a linha reta continua em um padrão geométrico, composto por 16 linhas em ziguezague de igual comprimento. Será que se trata de matemática superior?

Existem outros enigmas matemáticos e talvez minhas fotos inspirem um fanático por matemática a tentar encontrar uma solução.

Um problema particularmente difícil é o do "duplo labirinto". Três linhas estreitas, totalmente paralelas, surgem simplesmente do nada. Cada uma termina num ângulo reto formando um "clipe". Cinco desses "clipes" estão posicionados em fila, um ao lado do outro, como uma fileira de soldados, e são ligados um ao outro na base.[4] Uma linha mais estreita se estende a partir do último "clipe" e termina no "duplo labirinto". Este é formado por duas formas vizinhas de labirinto em ângulo reto, cujas linhas permitem a passagem tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora. Mas isso não é tudo. Se colocarmos um lápis bem apontado sobre essas formas e traçarmos a trajetória delas, descobriremos do outro lado mais seis "clipes", com o último, uma vez mais, ligado a uma linha estreita, com muitos quilômetros de extensão, que desaparece em algum ponto do horizonte. Resumindo, existem cinco "clipes" um do lado do outro, depois dois labirintos associados e, finalmente, seis "clipes". Quando criança, eu freqüentemente fazia desenhos sem levantar o lápis do papel. No nosso caso, o padrão formado é do mesmo tipo.

Na estrada do espírito

Assim sendo, a maioria desses padrões extraordinários não tinha sido simplesmente colocada isoladamente no terreno — eles também estavam ligados entre si, às vezes através de grandes distâncias. No pampa dejumana, por exemplo, logo depois da segunda curva da estrada que vai do vale do Ingenio até o platô do pampa, avistamos uma enorme rede de trilhas largas e linhas estreitas. A partir das trilhas e das superfícies trapezoidais sobre o terreno, estreitas linhas partem em dlreçao ao infinito. Alinha mais longa até hoje descoberta tem naila menos do que 23 quilômetros de comprimento.[5] Que loucura!

Uma linha tripla ao sul de Palpa é particularmente intrigante, um enigma que implora para ser resolvido. A primeira vista, poderíamos pensar que só existem duas linhas, que começam em algum lugar e correm paralelas a uma distância de dois metros uma da outra, como trilhos. Mas,se observarmos com mais atenção, perceberemos que estamos diante de uma ilusão de ótica: somente a trilha da direita consiste em *uma* linha, enquanto a da esquerda é formada por *duas* linhas separadas por um espaço muito pequeno. A distância entre elas é de cerca de dez centímetros. Trilhos para veículos três rodas? Dificilmente, pois as três linhas correm perfeitamente em linha reta sobre fendas e rachaduras em direção ao topo da seguinte, que está situada a cerca de 2,5 quilômetros de distância. E o que encontramos no cimo da colina, onde as linhas terminam? Nada. Pelo menos, nada até onde podemos determinar, na ausência de perfurações experimentais e muito menos da análise química do solo. Mas voltarei a tocar neste ponto mais tarde.

[3]

[4]

[5]

[6]

E existem outras partes desse platô, que é uma enorme pilhéria, onde poderiam muito bem ser feitas perfurações profundas: por exemplo, no ponto no qual duas pistas de cinqüenta metros de largura se encontram formando um ângulo oblíquo, com linhas mais estreitas convergindo de todos os lados.[6]

Eu contei 21 dessas linhas. Em outro lugar, inúmeras linhas estreitas irradiam de todas as direções possíveis em direção ao fim de uma trilha, como uma coroa de raios. Mas não se trata de "raios" pequenos, de cinco metros de extensão; esses raios têm centenas de metros de comprimento, e alguns até vários quilômetros. Existe algo importante a ser encontrado no ponto de encontro de todos esses caminhos? Será que poderíamos descobrir alguma coisa se usássemos certos processos de medição? Existe algum enigma a ser solucionado lá?

[7]

[8]

Até mesmo excursionistas e turistas que não podem pagar por uma volta de avião sobre o platô conseguem avistar uma dessas "colinas de raios". Existe uma bem perto da estrada, quase que exatamente a 22 quilômetros da pequena cidade de Nazca. É estritamente proibido andar sobre a planície de Nazca, mas essa regra não se aplica à pequena elevação situada do lado direito da estrada. Seu topo está situado a 512 metros acima do nível do mar, mas ela é apenas 34 metros mais alta do que a estrada. Apesar dessa minúscula diferença de altura, vale a pena visitá-la.[7-8] Olhando para o norte através da estrada, vocês poderão avistar duas linhas próximas uma da outra e, vinte metros depois, outro par de linhas. Os dois pares correm na direção da colina na qual vocês se encontram. Na outra direção, as linhas paralelas da direita terminam em uma única trilha após três quilômetros, enquanto as linhas da esquerda correm por dois quilômetros e meio pouco antes de tocar o chamado desenho do "vôo do dragão" e depois também terminam numa trilha, esta com 1,3 quilômetro de extensão. Mas, para enxergar essas pistas, vocês precisarão de binóculos ou de uma lente *zoom,* pois 34 metros é uma altura que não permite se obter uma visão clara. No entanto esses dois pares de linhas não são os únicos que convergem nessa pequena colina. Linhas individuais surgem de quase todas as direções vindas não se sabe de onde e terminam debaixo dos seus pés. O que essa colina esconde? O que há de especial na posição dela? Alguém já fez perfurações no local para tentar descobrir a resposta ou alguma vez já foi feita uma medida de campo magnético?

[9]

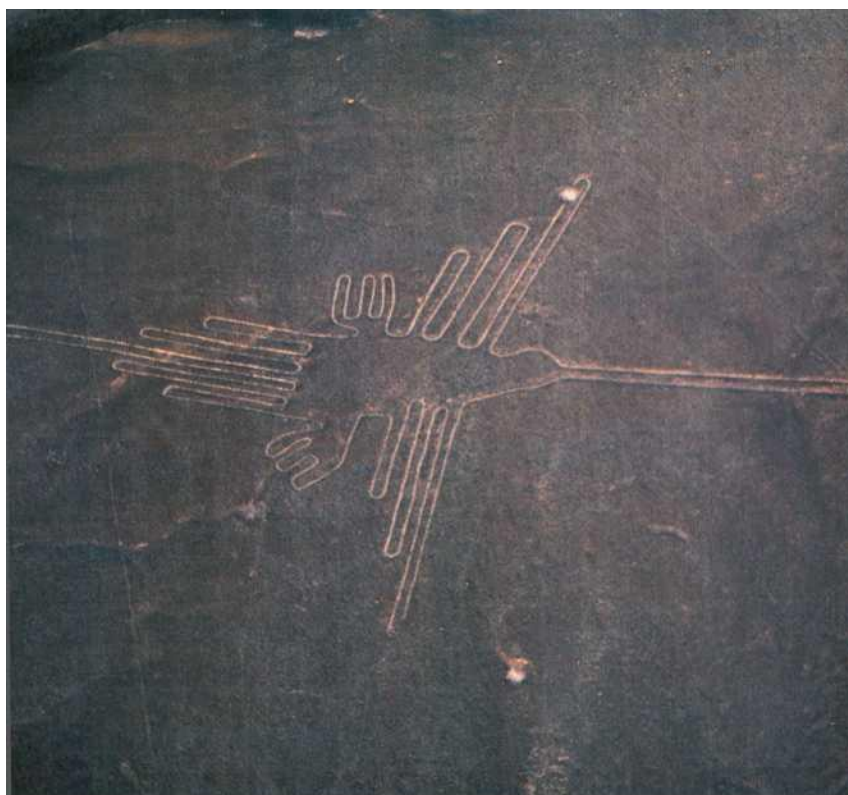
Não há necessidade disso, afirmam os especialistas em Nazca eleitos por si mesmos, dos quais muito poucos passaram mais de 48 horas na região — se é que algum dia lá estiveram! Os mistérios de Nazca há muito já foram esclarecidos, dizem eles. Foram mesmo? Eu gostaria de demonstrar que praticamente não sabemos nada; e o pouco que sabemos se baseia em falsas suposições, em dados erroneamente interpretados e em toda

uma série de preconceitos.

Um grande número de linhas sobe as montanhas, se cruza nelas ou termina de repente. Essa louca rede de linhas parece interminável. Na minha opinião, a mais incompreensível é a trilha de 62 metros de largura que sobe uma pequena colina e depois se espalha a partir do topo através de várias linhas mais estreitas. Parece uma rampa de salto de esqui na montanha que cinco esquiadores imaginários sobem juntos e de cujo ponto mais elevado eles depois se lançam em diferentes direções.[9] Dessas cinco linhas mais estreitas, a do centro continua por dez quilômetros através da planície.

As formas, as pistas e as linhas não têm fim. Começamos a nos sentir enredados em uma estrada de alucinações do espírito. Para conservar alguma lucidez no meio dessa confusão, é importante estabelecer uma diferença entre quatro tipos de marcações:

1 Pistas: a palavra "pista" não precisa necessariamente significar "pista de aterrissagem", embora seja impossível deixar de pensar numa. Essa categoria de marcação também inclui as vias largas que conduzem às pistas. Em espanhol, a mesma palavra é usada — tanto a população local quanto os pilotos as chamam de "las pistas".
2 Linhas estreitas: têm cerca de um metro de largura e estão em geral ligadas às pistas, tendo freqüentemente vários quilômetros de extensão. Existem mais de duas mil linhas estreitas!
3 Figuras geométricas: linhas em ziguezague, clipes, espirais ou padrões estranhos. Elas estão às vezes relacionadas com os desenhos dos animais – o macaco, por exemplo –, e às vezes passam por cima ou por baixo das pistas.
4 Desenhos escavados: representações de um iguana, baleia, cachorro, macaco, aranha, flor, pássaros etc. Até agora já foram descobertos 32 desses desenhos escavados. Imagina- se que o solo tenha sido raspado durante a confecção desses desenhos escavados.

[10]

Imagens sem instrumentos?

As pesquisas disponíveis e a literatura popular sobre o assunto podem facilmente nos levar a acreditar que esses desenhos escavados representam a totalidade do que existe na extraordinária planície de Nazca. Qualquer turista que voe durante meia hora sobre o platô sairá de lá com essa mesma falsa impressão.

No entanto, como salientou Maria Reiche, "as figuras dos animais são apenas minúsculas formas isoladas, espalhadas aqui e ali entre gigantescos desenhos geométricos".[11] Os desenhos escavados bem documentados são, no máximo, uma pequena fração do enigma de Nazca, insignificantes quando comparados com as pistas, os trapezóides e as linhas estreitas. O peixe mede apenas 25 metros; a aranha, 46; o macaco, cerca de sessenta metros e o condor 110. O maior, o beija-flor, com seu longo bico, mede 250 metros.[10]

Embora a escala deles seja bem menor do que a das pistas e das linhas, permanece a pergunta: como foram feitos? Maria Reiche salienta que as proporções deles estão em perfeita harmonia. Na qualidade de geógrafa e matemática experiente que enfatizava bastante a medição exata, ela fez o seguinte comentário:

> Os criadores desses desenhos, que só poderiam ter sido capazes de contemplar do ar a perfeição das suas obras, devem ter primeiro feito o planejamento e o desenho delas em uma escala pequena. De que maneira eles subseqüentemente ampliaram os desenhos, conferindo a cada linha seu lugar e proporções corretas, é um enigma que demandará anos para ser solucionado. Somente alguém que conheça as técnicas empregadas por um agrimensor será capaz de avaliar o tipo de habilidade que teria sido necessário para transportar um desenho feito em uma escala pequena para uma área gigantesca e conservar as proporções totalmente precisas. Os peruanos devem ter possuído instrumentos e ferramentas que desconhecemos, os quais, junto com outros conhecimentos secretos, eles esconderam dos seus conquistadores...[12]

Quais "instrumentos e ferramentas" eram esses? Quem foram esses professores ou sacerdotes geniais que demonstraram aos simples povos indígenas sua arte geométrica? E qual era o objetivo disso tudo? Ninguém faz nada sem motivo, e muito menos quando períodos de tempo extremamente longos estão envolvidos — que eu mais tarde demonstrarei ser o caso. Não sabemos que "instrumentos e ferramentas" foram empregados na construção das complicadas formas dos animais. Foi sugerido que estacas podem ter sido usadas, às quais teriam sido amarradas cordas de comprimento variado. Isso possibilitaria a construção de círculos. No entanto os desenhos dos animais raramente se compõem de meios círculos ou quartos de círculo regulares. A cauda enrolada do macaco poderia ter sido formada através do simples método da "estaca-corda", mas tal método não teria tido nenhuma utilidade no caso do cachorro, do beija-flor, da baleia e de outras criaturas fabulosas até o momento não identificadas.

As linhas retas, por outro lado, poderiam ter sido facilmente marcadas com cordas. Mas qual era a finalidade das linhas em ziguezague, dos "clipes", das espirais, dos labirintos e de outros padrões geométricos aparentemente sem sentido?

Uma dessas formas curiosas é composta por seis linhas principais que reunidas têm aproximadamente seiscentos metros de comprimento. Como no labirinto, a extremidade de cada linha está ligada à linha vizinha. Dentro dessa rede de linhas também existe uma longa seta de quatrocentos metros que culmina num ponto. A seta também está ligada a uma linha vizinha e a um quadrado próximo. Levaríamos uma hora para percorrer a pé toda a

extensão dessa forma geométrica (de aproximadamente cinco quilômetros). Mas, por outro lado, se simplesmente a atravessássemos, quatro minutos seriam suficientes. À primeira vista, pode não fazer sentido levar uma hora fazendo um percurso quando poderíamos levar apenas quatro minutos para chegar ao mesmo lugar. Será que se tratava de um trajeto processional? Mas, se fosse assim, onde estão os sinais das marcas dos pés ou das sandálias? Na extremidade dessa extensa curiosidade geométrica há três pequenos desenhos escavados: uma espécie de lagarto; uma coisa que parece uma árvore mal desenhada (ou, de acordo com Reiche, alga marinha) e uma espécie vaga de corpo do qual saem duas mãos (ou pés?), uma com cinco dedos e a outra com quatro.

O que será que levou os gravadores da terra a desenhar essas imagens? Qual era o fator comum existente nelas? Se as figuras dos animais "têm proporções perfeitas e harmoniosas" (Reiche), por que o pequeno monstro ao lado da forma geométrica tem cinco dedos em uma das mãos e quatro na outra? Por que o macaco tem três dedos em cada pé e quatro dedos em uma das mãos e cinco da outra?

Perto do lugar onde a planície de repente desce em direção ao vale do Ingenio existe uma espiral de seis círculos com uma curva em "S" no meio. O círculo mais externo tem oitenta metros de diâmetro. Há um caminho que começa no vale cinqüenta metros abaixo e que passa diretamente através da espiral indo até o seu centro.[11] As espirais e o caminho devem ter sido construídos *antes* de terem ocorrido os processos geofísicos que provocaram o afundamento da terra nesse ponto. Na outra direção, a espiral se encontra no final de uma pista com 53 metros de largura e 700 metros de comprimento. A oitenta metros à esquerda, existe outra pista com setenta metros de largura e 720 metros de extensão. Essa pista se cruza a noventa graus com uma "pista principal" que tem quilômetros de extensão e 95 metros de largura. Parece loucura? Mas ainda há mais. À direita da pista que termina na espiral existe uma pequena rampa (18 metros de largura, 360 metros de comprimento). E no final dela há uma figura com forma de labirinto. Então o que está acontecendo?

[11]

[12]▷

Debaixo e em cima

Debaixo de todas essas pistas se estende uma desconcertante rede de formas geométricas. Enfatizo a palavra debaixo porque é possível demonstrar que as formas geométricas foram desenhadas *primeiro* e as pistas assentadas mais tarde.[12] O fato de que muitas das linhas estreitas de quilômetros de extensão, retas como se traçadas a régua, também correm na direção dessas pistas não causará surpresa.

[13]

[14]

Infelizmente, os únicos mapas disponíveis da região de azca são extremamente limitados e imperfeitos. O melhor deles — numa escala de 1:10.000, publicado pelo Instituto Geografica Nacional — mostra uma impressionante seção do vale do Ingenio e do pampa de Jumana. Nesse mapa, muitas stas, linhas retas e desenhos escavados são reproduzidos em cala e estão na orientação norte-sul correta. No entanto esse mapa cobre apenas cerca de um quarto dos padrões encontrados nessa área. No outono de 1995 fui capaz de tirar, de um avião, mil excelentes fotografias. Não encontrei nada equivalente a elas nos mapas disponíveis. É claro que existem mapas

terrestres e mapas rodoviários, mas eles não dizem nada sobre o enigma de Nazca. Pedi mais informações à força aérea peruana e aos pilotos que voam com os turistas sobre o platô. Mas simplesmente não existem mapas que mostrem adequadamente os detalhes das marcas na terra. "Como poderia haver mapas desse tipo?", disse rindo Eduardo, o piloto chefe. "É difícil que um dia se passe sem que façamos uma nova descoberta!"

[15]

Do avião — do qual a porta havia sido removida — pude fotografar duas seções controvertidas de marcações.

1 Uma pista claramente reconhecível, com cerca de setenta metros de largura e oitocentos metros de comprimento. Na borda de um penhasco à direita da pista uma espiral, e depois, gravado como uma tatuagem na pele, um largo padrão em ziguezague. Este padrão corre — de uma forma tão pronunciada que até mesmo cegos seriam capazes de percebê-lo — *debaixo* da pista.[13-14] A conclusão de que o padrão geométrico foi gravado primeiro e a pista assentada sobre ele em uma data futura não pode ser evitada.
2 A segunda fotografia mostra o exato oposto: uma pista claramente reconhecível *sobre* a qual corre um padrão em zi- guezague.[15] Essas linhas em ziguezague estão mais próximas umas das outras do que na primeira fotografia. A pista teria sido assentada primeiro, tendo sido depois coberta pelo padrão em ziguezague? Não estou certo — temos quase a impressão de que essas linhas em ziguezague também estavam originalmente *debaixo* da pista, tendo subido à superfície em resultado de milhares de anos de erosão. Estou cada vez mais perplexo com relação ao significado dessas linhas em ziguezague. Qual era o objetivo dessa ornamentação se mais tarde uma pista seria lançada sobre ela, pista esta que iria cobrir dois terços dela? Ou será que tudo isso nada tem que ver com um ornamento? Será que as linhas em ziguezague estão relacionadas com uma tecnologia há muito esquecida, como o que hoje chamamos de "*loops* de controle de indução"?

Esta é uma pergunta herética: ela abre uma ferida que temos o dever de deixar de lado. No entanto as fotos falam por si mesmas. Após uma análise mais completa, as largas linhas em ziguezague *debaixo* da pista são apenas uma parte do quebra- cabeça. Quatro linhas estreitas correm ao longo do lado esquerdo da pista e, ao lado delas, encontra-se uma espiral formada a partir de cinco círculos concêntricos. À direita dela passam seis linhas retas finas, que depois desaparecem *debaixo* da pista. Por que alguém iria querer largas linhas em ziguezague e faixas estreitíssimas passando *debaixo* de uma trilha? Seriam elas uma maneira de marcar alguma coisa? Um tipo de texto? Uma espécie de mensagem? Que utilidade teriam elas depois que uma pista fosse colocada sobre elas?

Não se tratava então nem de um ornamento nem de uma mensagem, mas apenas de uma singularidade da história? Será que uma antiga geração — a quem ainda não havia ocorrido traçar trilhas semelhantes a pistas no deserto — começou a fazer desenhos geométricos, talvez sem suspeitar de que gerações futuras iriam cobrir sua obra com estradas? Mas isso por sua vez pressupõe que esses "construtores de estradas" não davam a menor importância aos desenhos dos seus antepassados. Trata-se dificilmente de uma teoria muito satisfatória. Afinal de contas, havia muito espaço em outros lugares para a construção das pistas. Por que elas tiverem de ser assentadas diretamente sobre os padrões geométricos? O que havia de tão importante nessa posição particular?

Mas existe ainda outra razão pela qual esse tipo de lógica não nos leva muito longe: também existem pistas *sobre* outras pistas!

Uma fotografia aérea que eu tirei — não do nível do solo do platô do deserto e sim do topo achatado de uma colina na região de Palpa — comprova essa afirmação.[1161] As duas pistas começam praticamente no mesmo ponto, mas se separam em ângulo de 45 graus. Existem nove linhas estreitas antes que a pista propriamente dita tenha início, de certa maneira semelhantes às marcas de orientação que antecedem a pista de aterrissagem em um aeroporto. (Não incluí a linha central, mais brilhante, pois desconfio de que ela tenha sido feita nos tempos modernos por algum tipo de veículo.) *Debaixo* da pista da direita é possível avistar claramente uma outra pista, mais antiga, muito mais larga e bem maior do que ela. Estimo que essa pista subjacente tenha oitenta metros de largura e 1,3 quilômetro de extensão. Assim, uma pista de dimensões menores foi assentada sobre uma pista mais antiga e maior.

Outra fotografia mostra as mesmas pistas a partir tie outra perspectiva.[17] Ela permite que tenhamos uma visão clara de tudo: a nova pista e, debaixo dela, a mais antiga e mais larga. *Sobre* a velha pista corre um padrão geométrico mais curto, mas este ainda permanece *debaixo* da pista mais nova. Podemos concluir com segurança, a partir disso, que a "era da construção de pistas" deve ter se estendido por um período considerável. De quantos anos? A pesquisa arqueológica faz referência a uma cultura que esteve ativa aproximadamente a partir de 500 d.C. Esta data se baseia em uma estaca de madeira encontrada no meio de um monte de pedras. Análises realizadas por meio da datação por carbono 14 determinaram que a estaca era de 525 d.C. (com um possível erro de oitenta anos). Pessoalmente, não dou muita importância a isso. O fato de alguém ter colocado uma estaca de madeira em um monte de pedras no século VI não significa que as pistas já não existissem muito tempo antes disso.

[17] [16]

Que idade você disse?

Maria Reiche declarou que todo o processo deve ter continuado durante "centenas de anos".[13] Escritores peruanos dizem até mesmo que a pista mais antiga tem quatro mil anos de idade.[14] Ninguém sabe a verdade. As poucas datações científicas realizadas são contraditórias e questionáveis. Quem pode garantir que uma pequena fogueira, a partir de

cujos vestígios foram feitas datações por carbono, não é muito mais nova do que as pistas e as marcas? Deveria haver incontáveis locais onde pudessem ser encontrados vestígios de fogueiras deixadas pelas diferentes gerações de pessoas que em alguma ocasião trabalharam no pampa, carregando pedras e assentando cordas de marcação. Deveria haver restos de comida e fragmentos de roupas. Mas não existe nada. É como se os indígenas do pampa tivessem desaparecido no ar. Em nenhum lugar foi encontrado um imponente monumento que possa ter sido erigido em memória do primeiro sacerdote ou do supervisor chefe. Nenhum local sagrado ou templo para celebrar príncipes ou sacerdotes. Nenhuma inscrição que forneça alguma pista a respeito da raça legendária que se imortalizou na planície de Nazca. A não ser, é claro, que os desenhos e as linhas sejam essa inscrição.

Quantas pedras devem ter sido carregadas no total? Pensem no seguinte: existem mais de duas mil linhas estreitas, algumas das quais têm três, cinco, seis, dez e até mais de vinte quilômetros de extensão. Entremeadas com essas linhas estão superfícies trapezóides, que chegam a ter oitenta metros no ponto mais largo, que convergem para uma linha estreita 3,6 quilômetros depois. Existem ainda as pistas, que têm de trinta a 110 metros de largura e até 1,4 quilômetro de extensão. Finalmente, vêm os desenhos escavados que se compõem aproximadamente de cem espirais e figuras geométricas. E as pistas que estão assentadas *sobre* outras pistas.

Ao lermos a literatura existente sobre Nazca, temos a impressão de que a coisa toda foi infantilmente fácil — de que tudo que os índios precisaram fazer foi livrar a superfície do deserto das pedras menores para revelar a superfície inferior de tom mais claro. "Basta pisar na superfície para se revelar o solo mais claro que fica embaixo e para deixar um rasto duradouro[15]." Isso não é verdade e a explicação não é suficiente. O solo dos vários pampas ao redor de Nazca é composto por depósitos aluviais, entremeados com sílex, ardósia, greda e rocha vulcânica. As pedras da superfície estão expostas há milhares de décadas a extremas variações de temperatura. Nas noites de inverno, a temperatura cai para quatro graus centígrados, enquanto a temperatura durante o dia chega a quarenta graus. O calor e o frio fragmentam as pedras transformando- as em um cascalho semelhante ao tipo assentado entre os dormentes das estradas de ferro. O calor também oxida a pedra da superfície, de modo que ela adquire uma cor marrom- ferrugem. A pedra, quando se fragmenta, libera poeira; parte desta se deposita no chão e parte é levada pelo vento.

Esse processo geológico não perturba o solo debaixo da superfície. Se as pedras marrom-ferrugem são retiradas, uma camada mais clara aparece. Foi assim que os desenhos escavados foram feitos — eu mesmo fiz a experiência em vários lugares. Às vezes dá certo, às vezes não dá. A superfície do deserto é com freqüência tão dura que "chutar" as pedras com o sapato não implica nenhum resultado — nenhuma cor mais clara aparece. Por outro lado, não há dúvida de que os carros e as motocicletas que têm passado pelo pampa desde a década de 1950 deixaram atrás de si pálidos rastos. Essas feias cicatrizes freqüentemente destruíram e cortaram as antigas marcas feitas no chão. Mas, apesar desse fato indiscutível, algo ainda me confunde.

Hoje em dia o solo debaixo da superfície revelado pelas figuras, pistas e linhas é pouco mais claro do que o resto da superfície. Tudo parece relativamente uniforme — exceto, talvez, pelas figuras que Maria Reiche e outros polvilharam com giz ou varreram com vassouras. É, portanto, impressionante que os gigantescos sinais e rastos existentes na superfície do deserto possam ser tão claramente distinguíveis de um avião. Por que isso acontece? Qualquer turista que esteja visitando Nazca pode subir à torre de observação de metal perto da estrada e avistar cinco linhas e o contorno de uma pista. No entanto não existe nenhuma diferença de cor entre as linhas e o resto da superfície, nenhuma camada mais clara logo abaixo da superfície é visível. Em cada uma das minhas visitas a Nazca, também tirei fotografias no nível do chão. Apenas muito raramente as linhas e os rastos mostram qualquer diferença de cor. Vejo-me então forçado a perguntar: o que está

acontecendo? Como podemos enxergar essas figuras, principalmente com essa nitidez, quando hoje em dia tudo está coberto pela mesma cor marrom-ferrugem?[18-19] Por que não apenas os contornos mas também toda a superfície das pistas parecem ser nitidamente branco-amarelados, contrastando com o resto do pampa, como se tivessem sido um dia cobertos com argamassa, embora no nível do chão eles pareçam ser da mesma cor das imediações? Por que, pelo amor de Deus, as linhas em ziguezague de aproximadamente um metro de largura podem ser tão claramente distinguidas das pistas — mesmo quando estão situadas *debaixo* delas? Terá outro tipo de material sido usado? Além do fato de as pedras da superfície terem sido retiradas das pistas e das linhas, será que estas originalmente consistiam em outra coisa? ludo isso é bobagem? Pura especulação sem nenhum fundamento? Permitam-me apresentar alguns dados consistentes.

Ninguém pode contestar que uma linha em ziguezague corre *por baixo* da pista mostrada na fotografia 13. Se, como tem sido afirmado, as pessoas que construíram as trilhas apenas rasparam a superfície, retirando pequenas pedras para revelar a camada inferior mais clara da superfície, então as linhas em ziguezague também teriam desaparecido. Para deixar visível a cor de greda mais clara dessa camada inferior *todas* as pedras precisam ser retiradas. Por conseguinte, o padrão em ziguezague também teria sido eliminado, a não ser que fosse composto por outro material adicional. E será que essas linhas em ziguezague tinham um propósito diferente daquele que lhes é atribuído pelos arqueólogos que obstinadamente perseguem a idéia do "ritual religioso"?

Deixando de lado essas questões, os criadores da mensagem de Nazca certamente devem ter retirado uma enorme quantidade de pedras, pois as depressões na superfície do deserto onde estão situadas as linhas e as pistas chegam a ter trinta centímetros de profundidade até hoje. Ainda podemos avistar com freqüência montes de pedras em ambos os lados das trilhas.[20]

Mas se toda essa labuta no deserto e nas colinas e montanhas circunvizinhas começou porvolta de 500 d.C. econtinuoudurante séculos — como deve ter sido o caso de um trabalho de gigantescas proporções como este —, ela teria continuado até o início da era dos incas, por volta do século XIII. Por que então estes não deram seguimento aos rituais e ao culto dos seus antepassados, se é que se tratava disso? Por que toda essa raspagem parou? Por que essa grande representação, esse misterioso culto das "pistas" só tinha lugar na região de Nazca e ao norte dela? É verdade que muitos desenhos escavados gigantes em penhascos e encostas podem ser encontrados na região litorânea de Paracas (no Peru) e também mais para o sul, chegando a aparecer em Antofagasta (no Chile), mas pistas e linhas com vários quilômetros de extensão só aparecem em Nazca. Maria Reiche diz o seguinte:

> Os criadores dessas linhas escolheram essa região sabendo que seu trabalho não seria destruído nem pelo vento nem pela chuva: o vento apenas sopra a poeira e a areia que possa cobrir as trilhas; e antes do início da poluição do ar, praticamente, não havia chuva.[16]

Tampouco há chuva hoje em dia, exceto pelos dez minutos de chuvisco por ano. Mas se as pessoas que raspavam o chão escolheram a região "sabendo" que nada iria desaparecer durante um longo tempo, por que seus sucessores não honraram essa intenção, raspando pistas *sobre* as linhas em ziguezague e as marcas na terra? Afinal de contas esse culto, seja lá de que tipo fosse, deve ter sido igualmente importante para as gerações posteriores, caso contrário elas não teriam assentado "pistas sobre pistas". E se todo esse processo de raspar e escavar prosseguiu durante centenas de anos, o que claramente deve ter acontecido e — contando a partir do ano 500 — continuou até pouco antes do início do período inca clássico, por volta de 1200, por que nenhum inca jamais disse alguma coisa

a respeito do assunto? Por que nenhum dos historiógrafos escreveu uma única palavra sobre as curiosas marcações ao redor de Nazca? Por que nenhum dos soldados, padres ou comerciantes espanhóis reparou nesse gigantesco livro de imagens no deserto de Nazca?

[18]

[19]

[20]

Minha suspeita é de que isso aconteceu porque os desenhos no terreno são muito mais antigos do que se supõe. Quando os conquistadores espanhóis chegaram, os índios havia muito já haviam esquecido a religião dos "construtores de pistas". Seus interesses giravam em torno dos "Filhos do Sol", dos seus templos, fortificações, dias santificados, guerras e do cultivo do pão de cada dia. Gigantescas marcas no solo? Ninguém conhecia nem se importava com essas coisas.

A arqueologia de Nazca é conduzida de uma maneira excessivamente superficial — em todos os sentidos da palavra. A resposta que esses "profissionais" nos fornecem não é suficiente para mitigar nossa sede de verdade. Eles se restringem às costumeiras idéias

semiprontas em vez de fazer uma análise mais profunda. Qualquer pessoa que tente descobrir mais coisas, que empregue um tipo de pensamento mais penetrante – mesmo que apenas fazendo perguntas inconvenientes –, está "sendo abelhuda e perturbando uma condição de equilíbrio". Presume-se que a palavra mágica "culto" abranja tudo e responda a todas as perguntas de uma vez por todas. Mas eu não parei de fazer perguntas, pois as respostas que recebi até agora são francamente insatisfatórias.

Um catálogo de perguntas sem sentido

Qual era o objetivo dos criadores das linhas e das pistas? A solução do calendário há muito se revelou redundante e as possíveis ligações entre os desenhos escavados e as constelações astronômicas, mesmo que verdadeiras, não podem explicar as pistas. De onde as pessoas que fizeram os desenhos escavados extraíram seu conhecimento de geometria? Que instrumentos elas usaram? Quais os "sacerdotes de medição" que determinaram a localização e as proporções dos desenhos e por que eles foram escolhidos? Para que espécie de mapas essas pessoas transferiram seus cálculos e sobre que tipo de material elas traçaram os planos que seriam mais tarde ampliados para as enormes dimensões dos desenhos escavados? De que maneira era organizado o trabalho? Este era realizado em vários lugares ao mesmo tempo ou num único local? As marcas eram feitas simplesmente pela retirada das pequenas pedras do deserto ou algum material adicional era empregado? Algum tipo de cor? Fragmentos reluzentes de mica? Calcário dissolvido em água? Por que as linhas em ziguezague e outros padrões não desaparecem debaixo das pistas se o único método de execução das marcas foi o da retirada das pedras?

As proporções específicas das pistas e das superfícies trapezoidais eram de fato muito importantes? Para que serviam as linhas que chegavam a se estender por vinte quilômetros e às vezes se alinhavam diretamente com uma pista? Qual era a finalidade das linhas que terminavam de repente no topo de uma colina ou montanha e depois se separavam como rampas de salto de esqui?

Havia um plano global específico? Havia uma fase inicial de planejamento, ou cada grupo de trabalhadores fazia sua parte da maneira como bem queria? Quem organizava tudo e coordenava os exércitos de trabalhadores? Como eles bebiam água no calor escaldante do deserto? Se uma equipe de raspadores trabalhasse durante vários meses em uma superfície trapezoidal de cerca de três quilômetros de comprimento, eles teriam de deixar o local de trabalho no final da tarde e retornar todas as manhãs. Onde estão então as pegadas dos seus pés, sandálias ou sapatos? Existem muito poucos lugares onde podem ser percebidas trilhas de pedestres e todas estão situadas nas montanhas, perto dos vestígios de antigas habitações. Existem pistas enormes em locais isolados no meio do platô, sem nenhum rasto de caminhos que pudessem levar a elas. Se é de fato verdade que a camada mais clara, logo abaixo da superfície do deserto, aparecia imediatamente quando alguém mexia em uma pedra que estava ali havia milênios, inúmeras pegadas deveriam estar visíveis. É praticamente impossível que várias centenas de pessoas que saem para trabalhar e depois voltam para casa à noite deixem de perturbar as pedras que pisam. Então, o que aconteceu aos rastos? Se existem, simplesmente não estão à vista. As motocicletas e os carros deixaram suas marcas feias por toda parte do chão do deserto através de rabiscos branco-amarelados. Mesmo que eles não tenham usado carroças e carruagens, onde estão as pegadas dos raspadores? Eles com certeza tinham pés, não é mesmo?

Será que algum segredo ou mistério jaz debaixo das colinas em direção às quais irradiam diversas linhas? O que está oculto nos pontos da vasta planície para os quais linhas com quilômetros de extensão convergem vindas de todos os lados?[21]

[21]

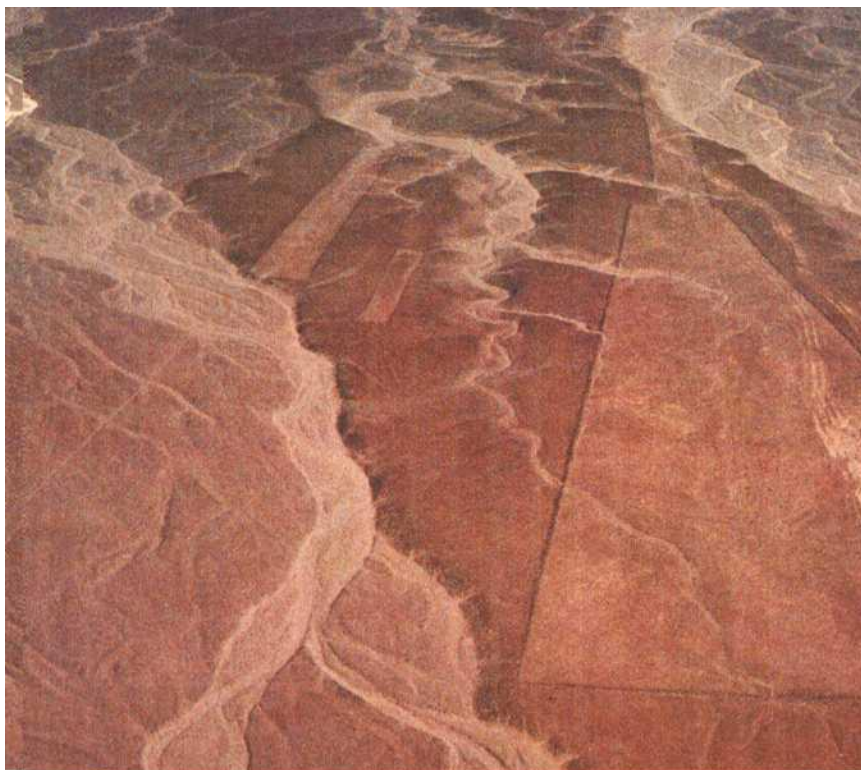
Por que não são feitas medidas científicas com instrumentos modernos? Por que ninguém raspa a superfície de uma pista para chegar à linha em ziguezague que está debaixo dela? Por que ninguém submete o material das marcas a uma análise química?

Há muito, muito tempo, segundo a interpretação oficial, cursos de água isolados atravessavam o pampa. Eles também podem ser claramente vistos nas fotografias aéreas. Por que esses cursos de água nunca correram *sobre* as superfícies trapezoidais e as pistas que chegam a ter 3,6 quilômetros de comprimento? [22-26] Quem for de opinião que os cursos de água já estavam presentes *antes* de as marcas terem sido feitas no chão, e que os raspadores fizeram posteriormente suas marcações entre esses cursos, está redondamente enganado. Embora a água nunca tenha coberto as pistas realmente longas, ela chegou a tocar nelas e até a invadi-las em muitos lugares. Isso significa que as marcas no solo têm necessariamente de ter estado lá *antes* da água. Graças aos modernos métodos de datação, seria fácil descobrir qual das pistas era a mais antiga, a pista "primordial" por assim dizer. Amostras retiradas de várias pistas possibilitariam a execução dessa análise; por que ninguém está interessado em fazer isso?

E o que fez com que esse povo da Antiguidade realizasse todo esse trabalho? Que tipo de culto ou adoração os estimulava, geração após geração, a fazer um esforço tão intenso?

Alguns leitores poderão fazer uma objeção neste ponto e perguntar por que Erich von Däniken não fornece ele próprio algumas das respostas a essas perguntas. Por que *ele* não faz uma raspagem em uma das pistas para chegar à linha em zi- guezague que está debaixo dela? Por que *ele* não organiza as análises químicas que recomenda? Eu adoraria fazer isso — se tivesse a devida permissão!

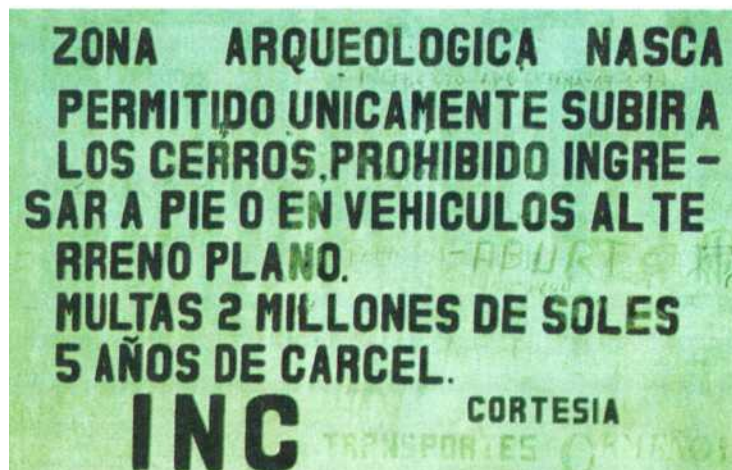
[22]

[23] [24]

[25]

Depois de todos os tipos de pessoas irresponsáveis terem destruído partes dos desenhos com seus carros e motocicletas, o governo do Peru finalmente interveio — na hora exata. Depois de uma recomendação urgente de Maria Reiche, o pampa de Nazca foi oficialmente declarado um "parque arqueológico". Grandes placas de sinalização[1271] anunciam esse fato em todas as vias de acesso da região: não é permitido caminhar ou dirigir veículos no pampa. Qualquer pessoa que desobedeça a essa determinação pode ser multada em um milhão de dólares e ser condenada a cinco anos de prisão. Consigo pensar em melhores maneiras de passar o tempo do que definhar em um cárcere peruano! Além disso, a invasão secreta do território apresenta certas dificuldades práticas: a região é enorme e algum tipo de veículo é essencial para chegar aos diferentes lugares e, nesses amplos espaços abertos, até mesmo uma pessoa andando sozinha logo seria avistada por um dos pequenos aviões que diariamente sobrevoam os desenhos escavados com os turistas. Os pilotos têm ordem para informar imediatamente pelo rádio se avistarem lá embaixo qualquer veículo, pessoa ou grupo de pessoas. Guardas estão colocados em pontos estratégicos, como na torre de observação que mencionei anteriormente, e quando notificados atiram-se sobre motocicletas e partem em perseguição aos invasores.

Mas e quanto a obter uma permissão oficial? O Instituto Cultural Peruano em Lima é o lugar onde se pode entrar com o pedido. Ele tem vários departamentos, além de uma divisão de proteção a Nazca. A boa notícia com relação a esse fato é que Nazca recebe a proteção de que precisa. A má notícia é que um pedido de autorização pode levar anos para ser processado, o requerente é obrigado a responder a um enorme questionário cheio de perguntas e precisa, é claro, concordar com as opiniões predominantes, sem demonstrar nenhum desejo de fazer perguntas inconvenientes. Começamos a nos perguntar se vale a pena fazer uma pesquisa se temos de nos sujeitar a rígidas condições. A perspectiva oficial precisa sempre parecer "razoável" e pouco imaginativa, extraindo seu ponto de partida de modos de pensar atuais e de opiniões e teorias aceitas como válidas. Um exemplo do que

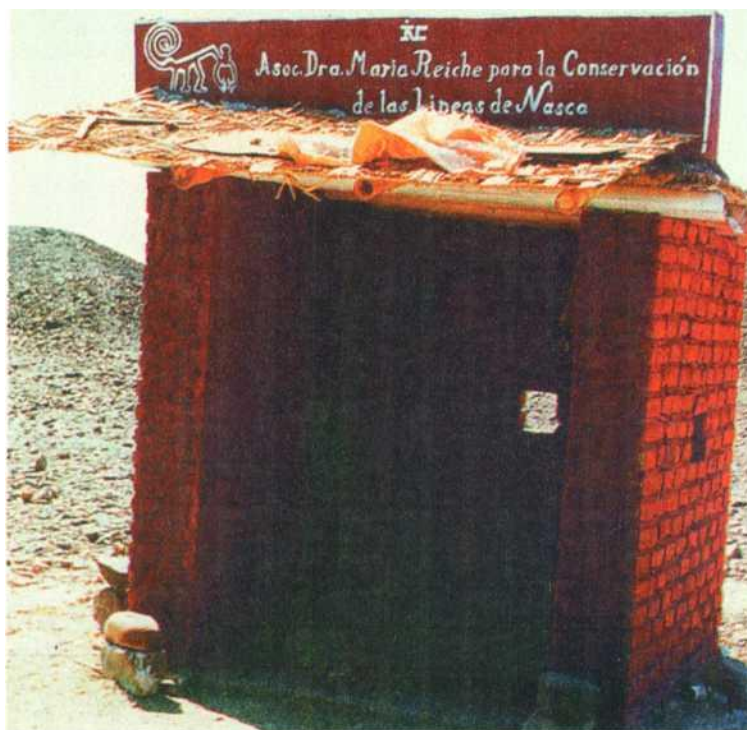
acabo de dizer é a teoria da arqueóloga americana Helaine Silverman, que aparentemente é uma "professora assistente" de antropologia.[17] Ela acredita que há dois mil anos vários clãs se reuniram na região de Nazca para controlar as rotas comerciais. Cada clã se apropriou de uma figura geométrica particular como um "escudo de armas". Para definir e demarcar cada território, essas imagens foram raspadas em uma enorme escala sobre a superfície do deserto.

[27]

Voilà! O enigma de Nazca está solucionado e a imprensa científica espalha essa descoberta como a encarnação da verdade! Não há nada a ser dito contra um possível escudo de armas, mas as teorias das "rotas comerciais" e da "demarcação dos territórios" não resistem a um exame mais profundo nem por um minuto. Demarcar território nas áridas regiões desérticas de Nazca? De qualquer modo, os "escudos de armas" freqüentemente estão situados bem perto uns dos outros, estão incompletos e não poderiam de modo algum indicar limites territoriais. Nenhuma folha de grama, de árvore ou de arbusto crescia ali, nada havia para colher e, por conseguinte, nada para comer. Tudo bem, eu sei que alguns caras espertos vão dizer que as condições eram diferentes há dois mil anos. Eram mesmo? Mas .ve o painpa tivesse outro clima naquela época, *se* ele tivesse sido coberto por um verde exuberante, teria sido impossível raspar as pedras da superfície seca(!) de modo a revelar a camada inferior mais clara. Ou é uma coisa ou é outra. Com efeito, os "escudos de armas" não nos dizem nada a respeito das pistas. E, para culminar, como poderiam os clãs indígenas extrair algum sentido dos seus "escudos de armas" se eles só podiam ser reconhecidos quando vistos do ar?

É, portanto, impossível reunir informações cientificamente precisas a respeito dos segredos de Nazca e submetê-las a uma análise interdisciplinar? Qual foi o papel representado por Maria Reiche, a ilustre senhora de Nazca?

E depois de Reiche?

Todas as honras possíveis do Peru foram derramadas sobre Maria Reiche. Existem escolas Maria Reiche, ruas Maria Reiche,[28] um Museu Maria Reiche, uma Torre de Observação Maria Reiche. Até mesmo o aeroporto de Nazca tem o nome dela. Reiche tornou-se cidadã honorária do Peru e foi condecorada pelo Presidente Alberto Fujimori com a maior distinção da nação, a Ordem do Sol. A situação financeira é hoje bem melhor do que foi em décadas anteriores, quando Reiche teve de realizar sua pesquisa sozinha e sem apoio. Hoje em dia há pelo menos uma fundação de caridade que forneceria fundos para a solução do enigma de Nazca. O trabalho poderia começar imediatamente, não fossem as dificuldades continuamente opostas por algumas pessoas e pelo governo.

A Doutora Maria Reiche está hoje com noventa anos. O vento e o sol deixaram sua marca nessa grande pesquisadora.

[28]

Há anos ela está cega e quase surda. Décadas atrás, ela dava uma palestra todas as noites para os hóspedes do Touristas Hotel em Nazca (hoje chamado Lineas de Nazca). Depois, sua irmã médica, Renate Reiche, veio de Stuttgart para ajudá-la. Doutora Renate também se instalou em Nazca e passou a apresentar as palestras no lugar da irmã enferma. Renate Reiche sempre ficava zangada — e não escondia esse sentimento — quando alguém ousava duvidar das teorias da irmã. Ao contrário da graciosa Maria, Renate tinha um gênio forte e dificilmente se deixava abalar. Ela morreu em Lima, vítima de uma doença hepática.

Maria Reiche faleceu também, em 6 de junho de 1998, aos 95 anos. Eu me pergunto então por que um grande número
de marcas interessantes no solo na região de Palpa (ao norte de Nazca, mas ainda parte do complexo global) não é mencionado no seu *magnum opus* sobre o assunto.[18] A resposta é que somente parte desse livro, que foi publicado em 1993, foi escrito por Maria Reiche. Não menos problemática para aqueles que a conhecem bem foi sua decisão de adotar uma filha – não uma pobre criança peruana, mas sim uma mulher adulta. Essa pessoa de sorte, que obviamente conseguiu tocar o coração de Maria Reiche, se chama Anna Cogorno. Não sei exatamente o que aconteceu, mas sei que o dinheiro de Maria Reiche teve alguma coisa que ver com a questão!

Nesse ínterim, nada está acontecendo no platô de Nazca. Aqueles que têm o desejo de realizar o trabalho e os recursos para levá- lo adiante estão de pés e mãos atados. A Reiche Foundation e a Nazca Protection Commision parecem não ter nenhum interesse em favorecer a pesquisa. O mesmo acontece com a filha adotada de Maria Reiche, que age como se a Reiche Foundation e toda a planície de Nazca fossem sua propriedade particular. O que devem então fazer os pesquisadores sérios e bem-intencionados?

É indiscutível o fato de que durante um período de milênios várias culturas sucessivas habitaram os vales ao redor de Nazca, especialmente o vale do Ingenio. A arqueologia nos fala de "Nazca 1 a Nazca 7". Foram descobertos os vestígios de cerca de quinhentos povoamentos, que datam de 800 a.C. a 1400 d.C. Por conseguinte, a região de Nazca foi habitada durante um período de tempo considerável. O hoje irrigado vale do Ingenio esteve um dia cheio de pistas, linhas estreitas e superfícies trapezoidais. A vista que

descortinamos de um avião confirma esse fato: sobre faixas estreitas em locais da superfície que permanecem incultos ou não irrigados, existem linhas isoladas mas ainda visíveis que correm mais ou menos por cem metros antes de serem tragadas pelo verde. Este fato deveria deixar-nos assombrados, mas as pessoas deixam de perceber o que está diante dos olhos delas. Pense no seguinte: os campos são artificialmente irrigados e depois cultivados com tratores e grades. Depois, alguns anos mais tarde, quando, por alguma razão, certos campos não são irrigados ou cultivados, quando eles são abandonados e novamente ficam secos — de repente as linhas começam a reaparecer! Esse fato contradiz totalmente o ponto de vista oficial de que essas marcas foram formadas através da raspagem do cascalho do deserto para deixar visível uma superfície inferior mais clara. Em vários pontos do vale do Ingenio ainda podemos encontrar várias linhas paralelas e padrões labirínticos,[29] mas provavelmente não por muito mais tempo: os tratores já "limparam" grande parte desses locais e estão dando seguimento ao seu "bom trabalho" em um ritmo constante.

Os potes de barro dos povos da Antiguidade podem ser datados. Por que então não poderia ser possível usar métodos semelhantes para descobrir quando as pistas foram criadas?

Novas datações

Arqueólogos da University of Illinois em Urbana, nos Estados Unidos, efetivamente dataram as pistas. Alguém sugeriu que os construtores das pistas deviam carregar recipientes com água potável e que vestígios desses recipientes, que teriam de vez em quando caído no chão e se quebrado, provavelmente seriam encontrados. Eles partiram então nessa busca e encontraram, sem muita dificuldade, o que estavam procurando — fragmentos de cerâmica espalhados, aqui e ali, entre as pedras. Eles começaram um processo de datação com mais de cem amostras — um processo árduo e cansativo. Se vários pedaços de cerâmica datados como "Nazca 1" fossem encontrados em uma linha ou pista, a lógica indicaria que eles haviam sido fabricados naquela época. Infelizmente, fragmentos de cerâmica com uma amplitude de *diferentes* datas freqüentemente foram encontrados bem perto uns dos outros. O que isso significa? Teriam os habitantes de "Nazca 4" tropeçado em antigas marcas e deixado cair seus recipientes? Ou será que os habitantes de "Nazca 5" ainda possuíam potes de uma época anterior que se partiram quando eles avançaram pelo deserto? Todo o quadro começou a parecer muito confuso. Por outro lado, cerca de um quarto das linhas e pistas não puderam ser datadas com o emprego desses métodos, "porque não foram encontrados pedaços de cerâmica", ou porque "os fragmentos de cerâmica estavam tão gastos pela erosão que nenhuma datação satisfatória pôde ser realizada".[19]

Receio que todo esse intenso trabalho de datação, na minha opinião, não possa provar muita coisa. As pistas mais antigas já podiam existir muito tempo antes de outras pessoas chegarem e as reconstruírem. Nazca era, sem dúvida, um tipo de lugar sagrado, um local de peregrinação. Era imenso e inigualável. Assim sendo, no decorrer dos séculos, muitas pessoas devem ter ido continuamente visitá-lo — e, como a região era muito quente, devem ter carregado consigo recipientes com água potável. Talvez peregrinos fatigados tenham jogado fora os potes vazios, como acontece até hoje nos pontos turísticos. Descobrimos agora esses vestígios e tiramos conclusões a respeito da idade dos rastos originais. Até onde consigo enxergar, a única conclusão segura a que podemos chegar seria a de que o maior número de fragmentos de cerâmica seriam encontrados nas marcas mais antigas — visto que com o decorrer dos anos um número maior de pessoas teria ido visitá- las. Nada disso explica, contudo, porque existem linhas com 23 quilômetros de extensão, por que três

linhas convergem no topo de uma e depois terminam de repente ou por que linhas em ziguezague não desaparecem apesar de cobertas por uma pista.

Outra circunstância irritante é o fato de muitos arqueólogos e pesquisadores amadores se concentrarem exclusivamente em Nazca. Na verdade a planície de Nazca não representa muito mais do que a imitação de uma "cultura de pistas", que originalmente se estendia sobre a região de Palpa. Quando comparado com Palpa, o platô de Nazca é apenas uma cópia barata da primeira, exceto pelos desenhos escavados e algumas configurações de pistas. A superfície do deserto de Nazca – a qual, por sinal, está longe de ser lisa (e

voltaremos a tratar deste ponto) — ostenta muitas pistas de baixa qualidade, construídas "a baixo custo" pela simples raspagem das pedras da superfície. Estas ainda delineiam as bordas das pistas, não havendo, portanto, nenhum mistério a respeito de como as últimas foram construídas.

Mas na região de Palpa, situada a cerca de dez minutos de avião de Nazca, as marcas no chão olham fixamente para nós de uma maneira misteriosa e provocante, como que nos desafiando a solucionar seu enigma. Embora a região de Palpa também seja chamada de planície, apenas sua parte menor é
realmente chata. Palpa está localizada nas montanhas e as pistas estão situadas sobre colinas cujo topo foi artificialmente achatado, entre as quais se encontram vários vales. Foi feita uma utilização extremamente engenhosa da inclinação natural da terra com seus repentinos declives escarpados. E, exatamente como em Nazca, não há nenhum sinal das pegadas do formigueiro humano que deve ter trabalhado no local.

Uma das pistas de Palpa é ladeada em ambos os lados por linhas duplas paralelas. *Debaixo* dela existem linhas estreitas claramente visíveis, que correm em direção à pista em um ângulo fortemente inclinado. Uma das extremidades dessas linhas estreitas se liga através de uma curva curta a uma das linhas paralelas. E, como que para rematar tudo isso, o começo da pista ostenta quatro níveis semelhantes a degraus. A questão sobre o que veio primeiro — a pista, as linhas paralelas ou os degraus — não é relevante, pois tudo deve ter sido criado como parte de um plano, no qual todos os elementos estão integrados. Tanto os "degraus" quanto a linha subjacente pertencem à pista; do contrário, não se harmonizariam de uma maneira tão elegante com a linha paralela da direita.[30,31]

Quem, diante dessas marcas, ainda consegue justificar a afirmação de que elas foram formadas pela simples "remoção" de pequenas pedras ou que elas representam apenas o "escudo de armas" de algum clã indígena?

Apenas alguns vales depois a teoria da "raspagem" se torna completamente absurda. A pista com aproximadamente sessenta metros de largura e setecentos metros de comprimento se estende sobre o topo de várias montanhas. Para nivelar o chão para a pista, os picos tiveram primeiro de ser achatados o material, levado embora.[32] Em outras palavras, antes que [ualquer pessoa pudesse assentar a pista com suas linhas *subjacentes* em ziguezague, um trabalho inicial "pioneiro" se azia necessário para preparar a superfície. Retirar as pedras por rieio da raspagem não teria resolvido o problema. Pouco a 'ouco, vai ficando cada vez mais claro que grande parte do ue lemos a respeito de Nazca só pode ser, na melhor das hi- óteses, uma meia-verdade — ou, o que é mais provável, uma íeia não-verdade.

Na região ao redor de Nazca, existem montanhas que são io planas quanto uma mesa — como se tivessem sido aplai- adas por um gigante.[33] No entanto as montanhas "normais" a região não têm de modo algum essa aparência.[34]

No vale do Ingenio, entre a planície de Nazca e as montanhas le Palpa, encontramos duas pistas com um *design* extremamente "moderno": da extremidade de uma delas ramifica-se de uma espécie de "rampa" que depois corre paralela à pista principal.[35] A larga extremidade da outra pista é ladeada em ambos os lados por "rampas".[36] Quer ou não as pessoas gostem isso, a idéia de uma pista de pouso moderna é inegável. Não onsigo deixar de perguntar aos meus botões qual o tipo de modelo que os indígenas usaram para servir de base para esses *designs*.

As marcas de rodas nas fotos são de carros e motocicletas da ossa época. Alguns idiotas obviamente não conseguiram re- L stir à tentação de passar, fazendo barulho, por cima das linhas das pistas. O impressionante, contudo, é que, uma vez mais, ião há sinal das pegadas dos construtores das pistas. O argu- nento de que elas teriam sido apagadas pelo vento no decorrer (os séculos (ou milênios) é pura bobagem. Se as pegadas tives- em sido apagadas pelo vento, por que as linhas estreitas ao lado ;a pista ainda estariam visíveis? Afinal de contas elas não são iais largas do que pegadas. O vento, até onde eu sei, não atua e forma seletiva, poupando as linhas mais finas enquanto paga as pegadas. E quem quer que sugira que os raspadores veram o cuidado de andar do lado de

dentro das linhas e das istas, com certeza teria de admitir que pelo menos uma pega- a teria de, em algum ponto, levar às linhas. Os raspadores não oderiam simplesmente ter voado para lá.

[30]

[31]

[32]

A planície de Nazca, o vale do Ingenio parcialmente cultivado e as montanhas de Palpa parecem contrariar todas as teorias apresentadas para explicá-los. Como é possível explicar uma figura[37,38] cuja superfície possui um padrão regular de buracos? Hoje em dia esses buracos consistem em pequenos montes de pedra, sobre os quais crescem ervas daninhas. Eles devem ter tido um dia uma função, pois a pista começa com 11 buracos e, a seguir, depois de um intervalo sem buracos, segue-se um padrão regular de buracos. Como solucionamos este problema?

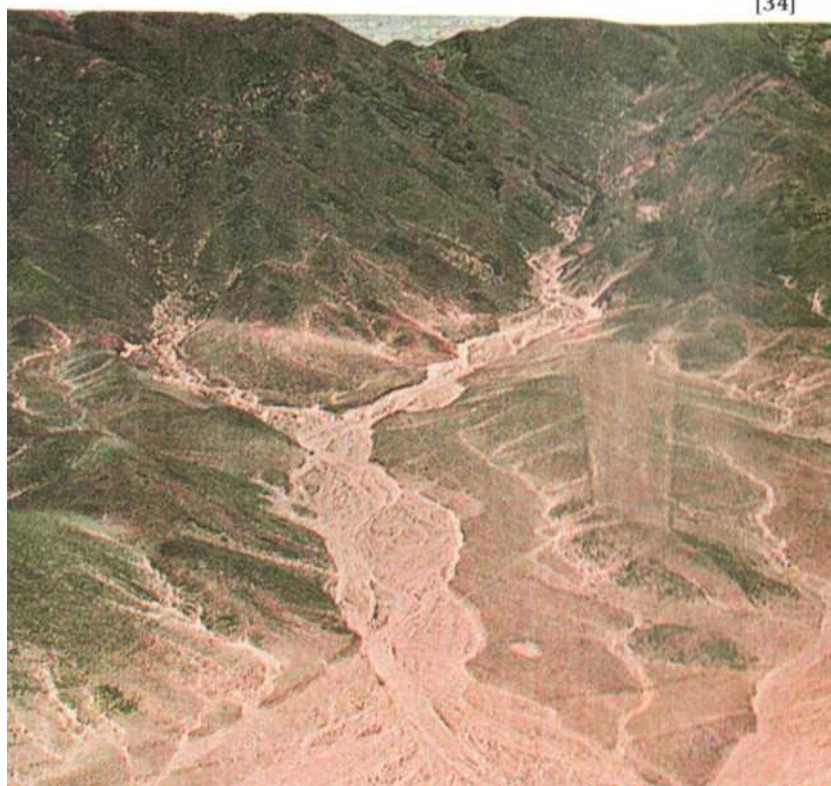
Ainda mais curiosa é a gigantesca pista em forma de Y [39] A pista principal, com noventa metros de largura, se bifurca em duas e depois em algumas linhas mais estreitas que devem ser parte integrante de todo o "trabalho", visto que estão ligadas ao Y de uma maneira geometricamente precisa. Igualmente incompreensível é a superfície trapezoidal que se conecta a um triângulo equilátero.[22] Uma linha estreita e curva corre do pico do triângulo por cerca de dois quilômetros e se perde na distância. Nos dois lados dessa marca existem sinais de água, que muito raramente inunda a planície de Nazca. O estranho é que a água não invadiu a marca propriamente dita.

Existem também faixas peculiares que, vistas do ar, nos fazem lembrar de algum tipo de "mapa de genes", por mais ridícula que essa comparação possa parecer. (Quero mais do que depressa dizer que certamente não existe nada desse tipo, para o caso de alguém achar que estou afirmando acreditar que as linhas de Nazca sejam uma "imagem de genes".) As faixas são subdivididas por pequenas seções pretas[40] e têm um metro e trinta centímetros de largura.

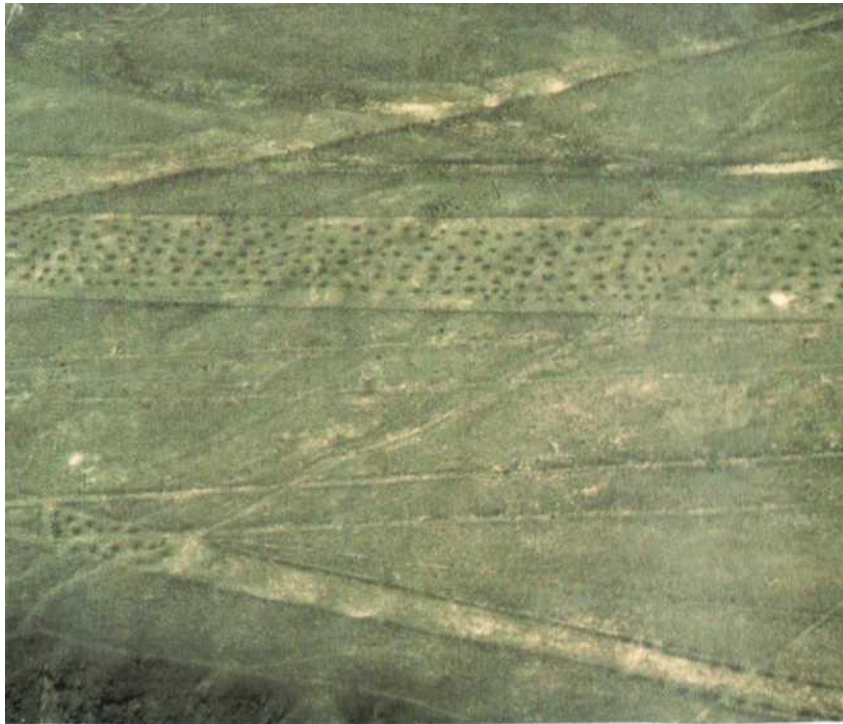
E, finalmente, existe a pista que os pilotos de hoje chamam de "aeroporto dos ETs". Ela começa como uma superfície larga e continua por 3,2 quilômetros, ficando cada vez mais estreita. Os pilotos realizam sobre ela "falsas aterrissagens": eles descem de uma altura de mil metros em direção ao começo da pista até alcançar uma altura de três metros e depois voltam a subir. Trata-se de uma incrível experiências para os turistas — talvez semelhante à aterrissagem de um ônibus

espacial.

Há muito mais a ser dito a respeito de Nazca — coisas ainda mais misteriosas e incompreensíveis, como a chave geométrica desenhada no chão milênios atrás por um sábio matemático. Mas, antes de falar sobre essas coisas, eu gostaria de inserir um capítulo suplementar que — quem sabe — talvez tenha uma forte relação com antigos gravadores de Nazca.

[33]

[34]

[35]

[36]

[37]

[38]

[39]

[40]

Notas

1. Toribio Mejia Xesspe, *Acueductos y caminos antiguos de la hoya del Rio Grande de Nazca,* Actas

y Trabajos Cientificos del XXVII Congreso 1939, vol. 1, Congreso International de Americanistas, Lima, pp. 559-69, 1940.
2. Paul Kosok, *The Mysterious Markings of Nazca,* Natural History, vol. 56, 1947.
3. Paul Kosok e Maria Reiche, *Ancient Drawings on the Desert of Peru,* Archaelogy, vol. 2, 1949.
4. Maria Reiche, *Geheimnis der Wüste,* Stuttgart, s.d.
5. Erich von Däniken, *Chariots of the Gods?,* Londres, 1968. No Brasil, *Eram os deuses astronautas?* (Melhoramentos, 1969).
6. Félix Légare, "Les lignes de Nazca, Trop belles pour être vraies", *La Revue Québec Science,* 1995.
7. Erich von Däniken, *Zurück zu den Sternen,* Düsseldorf, 1969.
8. Erich von Däniken, *Meine Welt in Mildern,* Düsseldorf, 1973.
9. Erich von Däniken, *Habe ich mich geirrt'!,* Munique, 1985.
10. Reiche, *op. cit.*
11. Kosok e Reiche, *op. cit.*
12. Reiche, *op. cit.*
13. *Ibid.*
14. Marcela Gomez, "El Misterio de la Pampa", *Aboard,* Aero Peru, fevereiro de 1992.
15. Hermann Kern *etal.* sobre Maria Reiche, *Peruanische Erdzeichen,* Munique, 1974.
16. *Ibid.*
17. Helaine Silverman, "Beyond the Pampa: The Geoglyphs in the Valleys of Nazca", *National Geographic Research and Exploration,* 1990, pp. 435-56.
18. Maria Reiche, *Contributiones a la Geometrie y Astronomiu en el antiguo Peru,* Lima, 1993.
19. Silverman, *op. cit.*

2

UMA MÁFIA DE FALSIFICADORES?

Não se pode legislar contra os boatos.
JOHANN NESTROY, 1801-1862

Ica, a capital da província, está situada a apenas 50 quilômetros ao norte da pequena cidade de Nazca. A família do Dr. Jan- vier Cabrera reside no meio da capital, na Plaza de Armas.[41] Ele é dono de uma curiosa coleção de milhares de pedras gravadas, sobre as quais escrevi longamente no meu livro *Beweise* (prova de von Däniken)[1] Essa coleção contém gravações antigas e novas, autênticas e falsas. Procurei um dos falsificadores e denunciei seu processo de falsificação, mas também encontrei legitimação geológica para as peças realmente antigas e providenciei fotografias microscópicas que comprovaram a idade delas.

Vinte anos se passaram depois disso. Sempre que ia ao Peru, eu visitava o Dr. Cabrera e, com o passar dos anos, tornei-me muito amigo dele. Certa vez, mais ou menos há 14 anos, os membros da família Cabrera desempenharam a função de anfitriões para um dos meus grupos de excursionistas. Estávamos provando o drinque local, *pisco sour,* quando Cabrera de repente me chamou à parte. Ele me disse que gostaria de me mostrar algo que apenas muito poucos dos seus melhores amigos já tinham visto até aquele dia. No pátio interno da sua casa, ele tirou uma chave gigante do bolso e abriu uma porta que dava para um aposento longo e escuro. Ele ligou o interruptor e me conduziu para dentro.

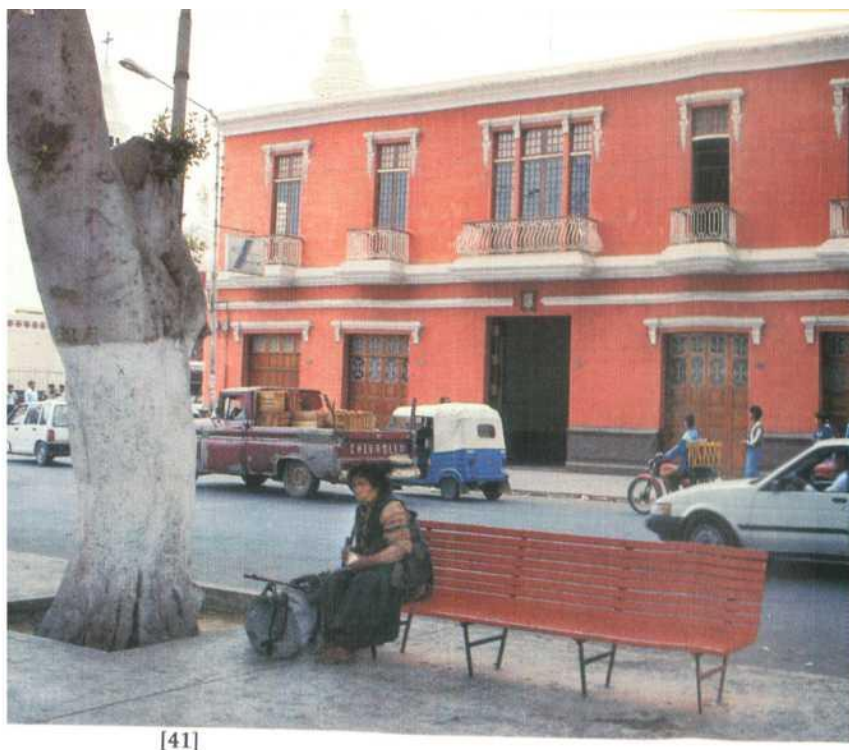
No início, fiquei sem fala. À direita e à esquerda do estreito corredor, vi robustas prateleiras de madeira que iam do chão)o teto e, sobre elas, várias centenas de figuras, uma ao lado ia outra, e também enfileiradas uma atrás da outra.[42, 43]

— Que figuras são essas? — perguntei.

— Uma coleção de figuras de barro não queimado, de uma ivilização que existiu há vinte mil, talvez cinqüenta mil ou até cem mil anos.

— E de onde elas vêm? — perguntei, atônito.

— Do depósito — ele respondeu secamente.

Quando meus olhos foram pouco a pouco se acostumando à luz pálida, eles perceberam primeiro uma figura com cerca de oitenta centímetros de altura. Ela estava no chão e dava um sorriso largo para mim.[44] Um par de olhos redondos, arregalados, olhavam de dentro de grandes órbitas, fazendo-me pensar em uma coruja. Bem perto dela, notei uma segunda figura, que segurava uma espécie de animal de encontro ao peito.[45] Imediatamente fiz uma conexão com figuras semelhantes que eu vira no parque arqueológico de San Augustin, na Colômbia, embora aquelas fossem de pedra e bem maiores do que as de Cabrera. Deparei então, no nível dos olhos, com uma figura de duas cabeças, uma em cima da outra.[46, 47] Esse tipo de figura também me era familiar, por causa de San Augustin. Quando estendi a mão para pegar uma figura semelhante a um sapo com um pescoço de tamanho exagerado, uma grande barata correu através da estante — e pude perceber que o lugar estava cheio delas. Havia caixas no chão, muitas delas empilhadas, abarrotadas das mais estranhas figuras, todas envolvidas em jornal. Uma louca coleção.

[41]

[42]

[43]

[44]

"Veja, Erich", disse Cabrera, interrompendo os pensamentos que rodopiavam na minha cabeça. Ele balançava nas mãos uma figura humana com uma expressão de macaco. Essa figura tinha um telescópio nas mãos e olhava para cima através dele. Uau! Pensei eu — pois eu vira uma figura muito semelhante, também com telescópio, entre as pedras gravadas.[48, 49] Com a mão esquerda, Cabrera me estendeu um pterossáurio, sobre o qual estava montada uma figura humana com cabeça de pássaro. A coleção de pedras também ostentava várias dessas figuras. Antes de deixar o aposento, avistei algo na estante, no nível do olho, que parecia uma raquete de tênis feita de barro. No entanto essa "raquete" estava adornada com estranhas imagens. Havia 12 dessas raquetes, apoiadas umas nas outras.[50] Pelo amor de Deus, quem iria falsificar essas coisas?

Quando voltei para perto do meu grupo de excursionistas, uma das filhas de Cabrera se sentou ao meu lado — os Cabrera são bastante produtivos e a família tem oito membros.

— Erich — disse a mocinha, olhando séria para mim —, por favor, acredite no meu pai. O que ele diz é verdade. As figuras vêm de um depósito subterrâneo e são incrivelmente velhas.

Percebi lágrimas nos olhos dela, e perguntei a ela por que estava aborrecida.

— Os arqueólogos do Peru não levam meu pai a sério. Eles *não podem* levá-lo a sério.

— Por quê?

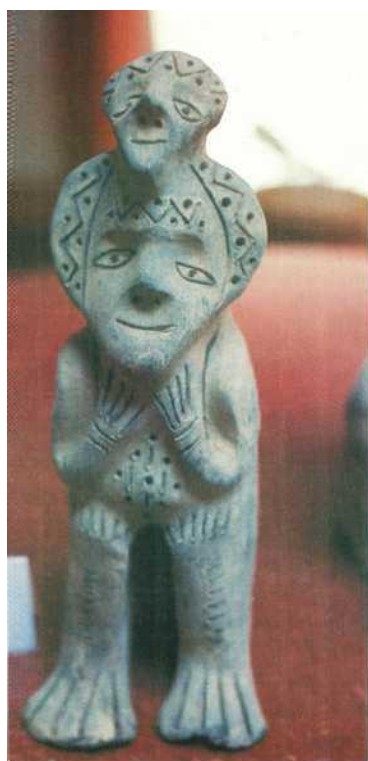
— Se eles o levassem a sério, teriam também de acreditar na sua coleção de pedras e figuras de barro. Eles não podem fazer isso sem destruir as opiniões arqueológicas deles. E, se eles achassem que as figuras do meu pai são autênticas, eles teriam de confiscá-las. O governo logo descobriria o precioso tesouro do meu pai. De acordo com a lei peruana, os achados arqueológicos não podem permanecer como propriedade de uma pessoa — eles pertencem ao Estado.

Tudo o que ela disse era verdade, mas me deixou ainda mais confuso. O que eu deveria pensar sobre essa coleção? Deveria eu escrever a respeito dela e me expor ao ridículo? Deveria eu expor Cabrera como um falsificador? Por que estaria alguma família indígena trabalhando para eles na produção dessas peças? Cabrera não estava tendo nenhum lucro

com elas, não as estava vendendo — pelo contrário, ele as guardava trancadas, como um tesouro. Ele nunca vendeu nenhuma delas.

A filha de Cabrera me trouxe de volta ao presente.

— Erich, por favor, escreva sobre esta coleção! Papa merece isso. Você não tem idéia de como ele sofre. Ele está arrasado: os arqueólogos e o governo insistem em afirmar que suas figuras não podem ser autênticas, mas ele sabe que elas são!

Prometi à menina que voltaria para examinar mais detalhadamente essa curiosa coleção. Quatro anos depois, voltei a Ica. Vias eu tive de adiar uma inspeção mais longa — eu queria fazer tudo da maneira correta e essas coisas não podem ser feitas às pressas. Meu plano era esvaziar, pelo menos em parte, o estreito aposento com as estantes de madeira, medir e comparar as figuras, e tirar o maior número possível de fotos delas. Um dos critérios para determinar a autenticidade das figuras seria a idade. Assim sendo, durante essa visita, pedi algumas amostras ao Dr. Cabrera. Ele generosamente me ofereceu a chave do aposento. Para ter a certeza de que eu estaria pegando uma amostra de uma figura e não de algum pedaço de argila que tivesse caído no chão, quebrei o braço de um personagem humanóide e coloquei-o em um saco plástico. Que Janvier Cabrera e todos os antigos deuses do Peru me perdoem!

[46]

[47]

[48]

[49] [50]

Quem é o Dr. Cabrera?

Quem é então esse Dr. Cabrera e como ele veio a possuir essa coleção de pedras gravadas e figuras de barro?

A família Cabrera descende de uma antiga família cujas raízes recuam às primeiras

gerações de colonos espanhóis. Janvier Cabrera nasceu em Ica no dia 13 de maio de 1924. Depois de terminar o ensino médio, ele foi para Lima estudar medicina, formou-see trabalhou posteriormente, durante muitos anos, no Hospital de Seguros Social em Ica. Em 1961, Cabrera ajudou a fundar a universidade local. Nesse meio tempo, ele se especializara em cirurgia e agora era professor da nova universidade.

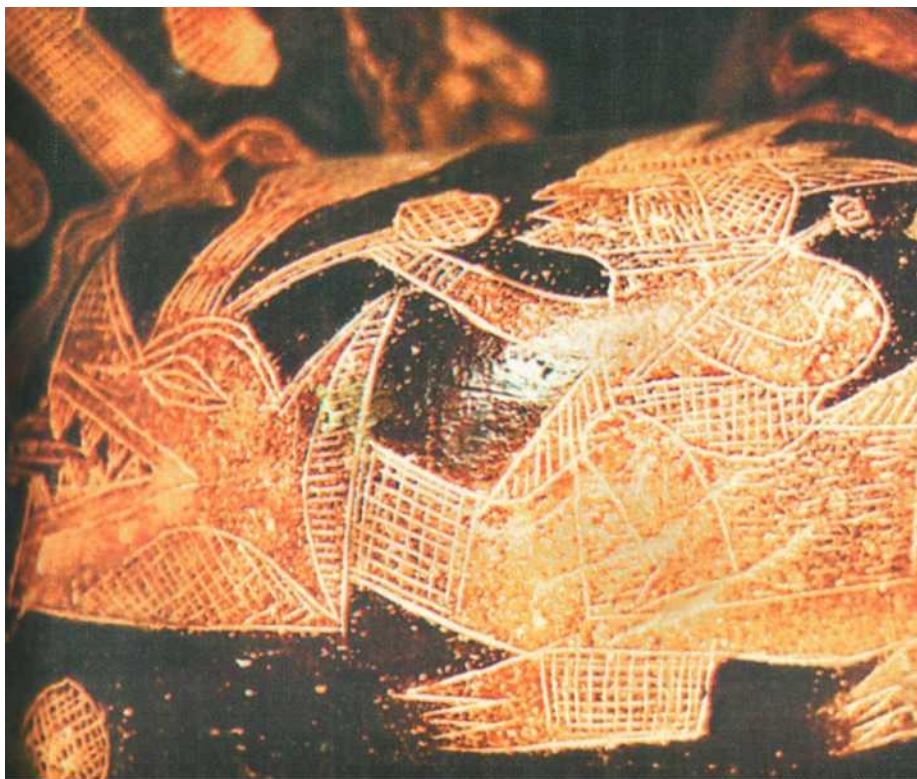
Na qualidade de cirurgião, Cabrera freqüentemente operava índios pobres que não tinham condições de pagar pelo tratamento. Eles o recompensavam com figuras empoeiradas e pedras gravadas, as quais o próprio Cabrera, no início, julgava ser falsificadas. Até 1966, Cabrera nunca se interessara por arqueologia.

Nesse ínterim, os irmãos Carlos e Pablo Soldi, que tinham uma vinha nos arredores de Ica e também haviam recebido pedras gravadas dos índios, começaram a colecioná-las. Cabrera conhecia os vinicultores e freqüentemente ria da "falsa coleção de arte" deles. Os irmãos pensavam de maneira diferente. Eles acreditavam nos índios. Eles cederam a coleção ao museu da cidade e logo especialistas vieram de Lima para examinar as pedras. Embora esses especialistas não tenham realizado nenhuma análise científica, eles declararam que as gravações, sem exceção, eram modernas falsificações. Eles disseram que as imagens gravadas eram muito variadas e contraditórias, e não se encaixavam na perspectiva arqueológica da atualidade. Apesar disso, as pedras gravadas foram colocadas em exibição no museu de Ica (mas foram novamente retiradas em 1970).

No dia 13 de maio desse mesmo ano Cabrera recebeu um presente de aniversário do fotógrafo Felix Llosa Romero, uma pequena pedra gravada com um motivo muito curioso. Tratava-se de uma espécie de pteroussáurio, montado por um índio que o controlava com um bastão.[51] Cabrera passou a usar a pedra corno peso de papel, mas quanto mais ele olhava para ela, mais pensativo ficava. De onde vinha esse motivo? É claro que ele aprendera na escola que nenhum ser humano jamais poderia ter visto um dinossauro. Todos os dinossauros haviam morrido mais ou menos sessenta milhões de anos atrás, em uma época em que os seres humanos ainda não existiam.
Na oportunidade seguinte, Cabrera perguntou a Romero a respeito da origem do seu peso de papel. Romero lhe disse que esquecesse a pergunta porque o assunto era perigoso. Ele acrescentou que havia dezenas de milhares dessas pedras gravadas, bem como milhares de figuras de barro. Os "simples" índios não eram tão idiotas. Eles preservavam o legado dos seus antepassa dos e sabiam que sua coleção de pedras e figuras de barro seria dizimada no momento em que seu esconderijo fosse descoberto.

Cabrera, na época com 42 anos, não acreditou numa palavra disso tudo. No entanto, no mesmo ano, os irmãos Soldi perguntaram a ele se gostaria de comprar algumas das suas pedras, pois eles não tinham mais lugar para guardá-las e teriam de passar a deixá-las ao ar livre. Cabrera foi dar uma olhada na coleção deles e concordou em comprá-la, dizendo que uma exposição dessa "arte moderna" poderia prestar um serviço aos índios.[52] Pela ridícula soma de sete mil soles antigos (que valiam na época cerca de trinta libras), Cabrera tornou-se proprietário de 341 pedras, que ele colocou sobre uma estante improvisada em um dos aposentos da sua casa.

Quanto mais ele examinava a coleção nos meses que seguiram, mais impressionado ele ficava. Muitas operações cirúrgicas estavam retratadas — e esse assunto ele conhecia. Mas as práticas ilustradas nas pedras divergiam completamente do seu conhecimento a respeito do assunto. A gravação de um transplante de coração — mas onde estava o aparelho coração/pulmão necessário à realização da cirurgia? Por que não era feita uma transfusão de sangue nas veias? Onde estavam os vários tubos que tinham de entrar pela boca do paciente?[53] Será que os índios falsificadores não sabiam nada sobre as modernas técnicas de cirurgia e estavam simplesmente fazendo uso da imaginação? De onde eles tiraram a idéia para gravar nas pedras os diferentes tipos de dinossauros?[54, 55] E por que havia imagens de índios olhando para o céu estrelado através de telescópios? Por que, em algumas pedras, havia mapas e contornos de continentes inteiros que na realidade

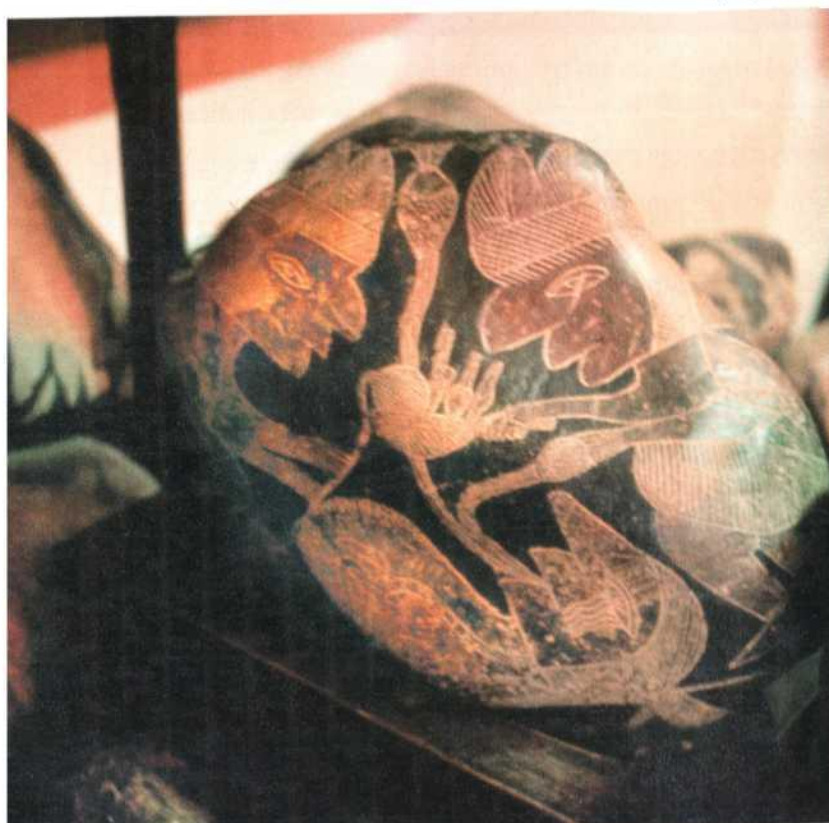
simplesmente não existiam?[56]

[51]

As pedras foram pouco a pouco enfeitiçando Cabrera. Pela primeira vez ele começou a interrogar os antigos agricultores que ele havia tratado e que ainda o procuravam em busca de conselhos. Um homem que estava à morte lhe falou a respeito de um "depósito" onde milhares de pedras gravadas e estatuetas de barro estariam armazenadas. Cabrera permaneceu cético, inclusive porque óbvias falsificações haviam aparecido nesse meio tempo e estavam sendo vendidas aos turistas. Os índios não eram burros. Eles conheciam maneiras de subsidiar seus miseráveis salários. E o agricultor moribundo não revelou o lugar exato desse local secreto. Quanto maior o número de turistas que visitavam o Peru, mais pedras gravadas eram produzidas para serem vendidas a eles. Visitei em 1973 um dos falsificadores, Basilo Uschuya, e ele admitiu abertamente ter falsificado todas as pedras, inclusive as da coleção de Cabrera.[57] Esse mesmo falsificador, o mesmo sobre quem eu escrevera vinte anos antes no meu livro sobre as provas, havia confessado a um jornalista chamado Andreas Fischer que as pedras gravadas eram genuínas, com exceção das poucas centenas que ele havia fabricado para vender aos turistas. No entanto ele disse que continuava a fingir para o público que elas eram todas falsas. Quando lhe perguntaram por quê, ele respondeu: "Se eu fosse vender pedras com gravações antigas e genuínas, eu me veria em sérios apuros com os índios locais, porque eles levam a sério sua herança cultural. Além disso, eu também acabaria sendo preso."

Cabrera, que agora já não tinha mais certeza do significado de "antigo" ou "moderno", pegou quatro pedras que julgava ser genuínas e levou-as para serem analisadas. A primeira certificação foi realizada pelo geólogo Dr. Eric Wolf, da companhia de mineração Mauricio Hochschild em Lima; a segunda pela Facultad de Minas do Lima Technical College (sob a supervisão do Dr. Fernando de la Casa e do Dr. César Sotillo). Ambos confirmaram a enorme idade das pedras gravadas. As análises se basearam no fato de que as pedras estavam cobertas por uma fina camada natural de oxidação que deveria ter milhares de anos de idade.[2] Visitei o Dr. Cabrera em 1976, junto com o arquiteto chefe da NASA na

época, Joseph Blumrich. Nessa ocasião, ele nos deu quatro amostras de gravações antigas e novas. Sob o microscópio, a diferença entre as gravações falsas[58] e as genuínas[59] era indiscutível.[3]

[52]

[53]

[54]

[55]

[56]

[57]

Com o passar dos anos, Cabrera se isolara cada vez mais. Ele ficara confuso a respeito do que era genuíno e do que era falso, e abalado pela atitude dos arqueólogos peruanos que riram das suas pedras por as considerarem ridículas, embora nenhum deles tivesse feito uma análise científica delas. Ele passou então a procurar o "depósito" e passou muitas noites conversando com os índios. Ele foi enfeitiçado por um outro mundo, mundo esse que, segundo ele, recuava pelo menos cem mil anos. Ele negligenciou sua carreira na universidade como conferencista na área da medicina, o que o deixou extremamente es-tressado e lhe trouxe uma série de dificuldades que culminaram com seu divórcio. Ele se tornou um "excêntrico com idéias malucas" e começou a apresentar todos os tipos de teorias confusas a respeito de uma forma de engenharia genética que teria sido praticada milhares de anos antes e sobre uma "espécie humana anterior que tivera contato com extraterrestres".

Onde estão os "depósitos"?

No início da década de 1970 Cabrera possuía algumas pedras maiores—com maiores estou querendo dizer que tinham cerca de um metro e meio de altura — nas quais máquinas voadoras estavam claramente retratadas. Não eram aviões do tipo a que estamos acostumados, mas sim estranhos aparelhos voadores no céu, semelhantes aos encontrados nos textos indígenas e descritos pelo especialista em índios Lutz Gentes em seu livro realista porém extremamente interessante.[4] (A mesma coisa é descrita do ponto de vista da religião védica pelo escritor Armin Risi.[5]) Tive a oportunidade de admirar essas pedras com meus próprios olhos, mas elas foram depois recolhidas por caminhões militares e levadas para Lima. A força aérea peruana estava planejando montar um museu a respeito da história das aeronaves e as pedras de Cabrera exibiam estranhas máquinas voadoras antigas. O Museo Aeronáutico está localizado no aeroporto de Lima eé inacessível ao público em geral. Não consegui descobrir se as pedras de Cabrera ornamentam ou não as salas do museu. Imagino que sim, porque elas foram submetidas à análise antes de serem aceitas na coleção.

[58]

[59]

Além das pedras gravadas, também havia, é claro, as figuras de barro, que desejo discutir aqui. O Dr. Cabrera tem hoje 77 anos e se tornou uma pessoa muito desconfiada, sem saber em quem pode realmente confiar. Ele ainda recebe turistas individuais ou em grupo, mostra sua coleção de pedras e as interpreta do seu jeito excêntrico. Mas até mesmo alguém como eu, que já conheço Cabrera há algumas décadas, tem dificuldade em acompanhar suas histórias. E história é a palavra correta, pois elas não se encaixam em nenhuma interpretação científica. O idoso Cabrera também usa gravações que ele deve

saber que são falsas para demonstrar suas crenças. Por quê? Terá ele se apaixonado de tal maneira pelas próprias teorias a ponto de achar que imitações irão ser úteis a ele? Tive a oportunidade de me sentar ao lado do Dr. Cabrera e conversar com ele de uma maneira tranqüila e descontraída. Ele afirmou saber agora a localização do "depósito" secreto com seus muitos milhares de estatuetas.

— Janvier — disse eu —, ninguém vai acreditar em você se você não disser onde está esse "depósito". Será que você pode ao menos mostrá-lo para *mim?*

Janvier Cabrera olhou-me de cima a baixo antes de responder o seguinte:

— De que isso serviria para você? Para provar qualquer coisa, você teria de mostrar a exata localização do depósito. Mas é exatamente isso que você não deve fazer. Você estaria abusando da minha confiança e poria os índios contra você. Você teria de sair rapidamente do Peru. E a sua comunidade científica? Eles iriam dar boas risadas! Iriam declarar que a coisa toda é uma grande fraude e ninguém iria querer ter algo a ver com isso. Como eles iriam achar que tudo não passa de um embuste, ninguém iria importar-se caso as figuras fossem despedaçadas e destruídas.

Janvier Cabrera olhou para mim com amargura. Ede certo modo ele estava certo. Sei, a partir da minha experiência, como é fácil alguém ser ridicularizado na ausência de uma prova irrefutável e, às vezes, até mesmo quando essa prova existe!

Tentei extrair mais informações dele e pedi que ele falasse mais sobre esse "depósito". Finalmente eu descobri que o rio Ica havia causado a erosão em diversas camadas geológicas no decorrer de milhares de anos e que durante esse processo havia trazido à luz as primeiras pedras gravadas. E o "depósito"? Cabrera achava que os arqueólogos peruanos deviam saber alguma coisa sobre esses depósitos, pois o primeiro havia sido descoberto por Julio Caesar Tello, o fundador da arqueologia peruana. Em Serro Corrado, uma cadeia de contrafortes além de Paracas, Tello havia deparado com várias cavernas de granito que continham produtos têxteis indígenas. O acesso a essas cavernas se dava exclusivamente através de uma passagem vertical com seis metros de profundidade. As cavernas em si mediam aproximadamente cinco, por sete, por três metros.

— E você encontrou as figuras de barro numa caverna desse tipo?

Cabrera fez que sim com a cabeça e disse que ainda havia cerca de dez mil delas lá. Não apenas em uma, mas em várias cavernas de granito. Eu fiquei em dúvida. Granito? Aqui, nesta região? A cidade de Ica era cercada por um deserto de pedra e areia que se estendia além de Nazca. É claro que havia os contrafortes dos Andes, parte dos quais era de granito, mas eles estavam bem longe, a leste. Eu não tinha certeza, não sou um geólogo. Cabrera percebeu minha hesitação.

— Você não acredita que existam construções gigantescas de granito, feitas pelo homem, debaixo da areia do deserto?

— Tenho dificuldade em imaginar isso — respondi, um tanto ou quanto confuso.

— Vá então a Nazca — pelo menos você conhece bem o lugar — e suba em um dos *puquiosl*

— Em um dos *o quê*?

— *Puquios* — repetiu Cabrera. — Os sistemas subterrâneos de água da Antiguidade que estão ao redor de Nazca. Ninguém sabe a idade deles, mas eles ainda funcionam até hoje. Eles foram parcialmente cavados em granito e parcialmente reforçados por grandes monólitos de granito. Você encontrará muitas passagens, galerias *epucjuios* de granito com um quilômetro de extensão.

Fiz o que ele sugeriu. Mas, antes de relatar o que encontrei, quero voltar a outro assunto — a coleção de figuras de barro. Eram elas antigas e, portanto, genuínas? Relíquias de uma antiga civilização?

Perguntas científicas

Quando voltei à Suíça, solicitei ao Dr. Waldemar A. Keller do Instituto Geográfico da Universidade de Zurique que fizesse uma análise da amostra que eu havia retirado de uma figura de barro. Algumas semanas mais tarde, recebi o devastador resultado:

> Caro Sr. Daniken,
> O senhor nos enviou a seguinte amostra para que nela fosse realizada a datação por carbono 14.
> Origem: Ica, Peru.
> Código:
> Material: barro não queimado.
>
> Registramos esta amostra como UZ-3937/ETH-16012.
> Ela produziu uma leitura C14 de *moderna*.
>
> Atenciosamente
>
> Dr. W. A. Keller

A preparação do material da amostra necessária para determinar sua idade foi realizada no laboratório de carbono 14 do Instituto Geográfico da Universidade de Zurique. A datação foi realizada por meio da tecnologia MAS (Accelerator Mass Spectometry), no acelerador em série do Instituto de Física da Partícula no Instituto de Tecnologia da Suíça (ETH) em Höng-gerberg.

Então a coleção de Cabrera era falsa. Argila não queimada, moderna, da nossa época. Esses cientistas eram famosos em todo o mundo pelo cuidado e precisão com que faziam suas datações por carbono 14. Enquanto eu ainda estava imaginando por que cargas d'água Cabrera estaria envolvido numa falsificação em tão grande escala, meu olhar caiu sobre uma carta que acompanhava o resultado que o Dr. Keller delicadamente me enviara. Interrompi de repente meus pensamentos. Afinal, as coisas não eram tão definitivas quanto haviam parecido à primeira vista. Eis os dizeres da carta:

> Os exames preparatórios incluíram análises realizadas no microscópio eletrônico, no radioespectógrafo e outras análises específicas de elementos. A composição típica mostra, como era esperado, uma combinação de cerâmica com argila.
> Em outras palavras, basicamente silicatos de magnésio/alumínio com um conteúdo relativamente elevado de ferro. Além disso, além de inclusões de quartzo, havia também algumas com um elevado conteúdo de cálcio e fósforo (possivelmente partículas de cálcio-fosfato). A análise de elemento revelou que havia carvão suficiente na amostra para permitir a datação por carbono 14, de modo que a idade poderia ser determinada através do método MAS. Como o material, segundo você mencionou na sua carta, é barro não queimado, *ainda não estou*
> *certo sobre a origem desse carbono, ou em que momento do tempo e sob que circunstâncias ele se combinou com o material da amostra.* Talvez seu conhecimento e sua experiência consigam esclarecer melhor o assunto.[6]

A carta me fez refletir. Por um lado, havia um material de carbono suficiente para

permitir a realização da datação; por outro lado, havia o motivo sobre a origem desse carbono. A datação por carbono 14 se baseia na suposição de que o isótopo radioativo do carbono (C) está sempre presente na atmosfera em quantidades constantes com o peso atômico 14. Esse isótopo do carbono é absorvido por todas as plantas, de modo que ele está contido em quantidades constantes não apenas nas árvores, raízes e folhas, mas também em todos os outros organismos vivos. Todos os materiais radioativos estão sujeitos a um período particular de decomposição — que começa com a morte no reino humano e no reino animal, e com a colheita e a combustão no reino vegetal. O isótopo do carbono 14 possui uma meia-vida de 5.600 anos. Isso significa que 5.600 anos depois da morte de um organismo, apenas metade da quantidade original de C14 ainda pode ser medida, depois de 11.200 anos apenas um quarto e depois de 22.400 anos apenas um oitavo. Nossos instrumentos atuais são capazes de medir vestígios com até trinta mil anos de idade.

O resultado das medidas realizadas pela Universidade de Zurique foi que o carbono da amostra era *moderno* — em outras palavras, ela continha a quantidade total de isótopos de C14. Mas de onde veio esse carbono? Enquanto eu falava com
o Dr. Keller ao telefone, lembrei-me de repente das baratas que infestavam o local onde estavam as figuras de Cabrera. Baratas! O excremento delas continha massas de carbono moderno. Teria isso afetado a datação?

Mas aconteceu também outra coisa. A Ancient Astronaut Society, uma sociedade internacional de caridade que se preocupa com a possibilidade de extraterrestres terem visitado a Terra na pré-história havia solicitado, independentemente de mim, uma segunda análise das figuras de Cabrera. O geólogo Dr. Johannes Fiebag havia conseguido duas amostras com o Dr. Cabrera e as entregou a um colega, o Dr. Ernst Freyburg, para que as examinasse. O Dr. Freyburg realizou uma exaustiva análise na Universidade de Weimar. Eis o que diz seu relatório:

> Os dois exemplos (referência interna UF6 e UF7) continham, cada um, a mesma quantidade de quartzo, potássio e sódio- feldspato, bem como os minerais argilosos ilita e muscovita.
> A amostra UF6 também continha os minerais argilosos caoli- nita e montmorilonita. No geral, trata-se de unia composição argilo-mineral típica. A crosta externa também continha cal- cita, ao lado dos minerais já mencionados. O múltiplo radio- grama demonstra uma linha de base instável das curvas individuais como prova de uma certa quantidade de substância radiomórfica (= vítrea).
>
> A Termo Análise Diferencial (DTA) determina a perda de massa de uma amostra entre vinte e mil graus centígrados.
> No material em questão, na amplitude inferior de temperatura até duzentos graus, existe uma perda de massa de 1,4 porcento, causada tanto pelo conteúdo residual de água quanto pela porção hidratada dos minerais argilosos.
>
> A 424 e a 534 graus centígrados, aparecem duas reações exotérmicas, o que demonstra a presença de uma substância orgânica combustível. A temperatura de combustão da linhita equivale a essa amplitude.
>
> Acima de oitocentos graus centígrados, o gráfico de DTA indica a presença de uma substância vítrea, o que é confirmado pelos achados radiológicos. Sob o microscópio eletrônico podemos afirmar que as áreas vítreas se compõem principalmente de SiO,. Não obstante, as estruturas não podem ser claramente atribuídas à formação de organismos pelo ácido silícico.[7]

O resumo da análise também diz que a crosta mais leve se compõe do areia de

calcário, na qual as figuras haviam sido colocadas depois de secas. E a idade?

> Não foi possível obter um resultado claro. A existência de um conteúdo de água residual (embora em quantidades muito pequenas) indica, contudo, uma idade relativamente recente. A presença de carbono possibilitaria a realização de uma datação por carbono 14, mas ela só determinaria a idade do carbono.

Então, onde ficamos? Como disse Goethe:

> Aqui estou então, pobre tolo, uma vez mais,
> E sei tanto quanto sabia antes![8]

A Universidade de Zurique diz que a amostra é "moderna", mas esse resultado pode ser causado pelos excrementos das baratas. A Universidade de Weimar retém seu julgamento, mas afirma que existem "quantidades muito pequenas" de um conteúdo de água residual. No entanto essa água não precisa necessariamente ser "água residual"; ela pode resultar das condições úmidas do "depósito" de Cabrera.

Novas e falsas ou antigas e verdadeiras?

Pessoalmente, acho difícil acreditar que as estatuetas de Cabrera sejam extremamente antigas. No entanto os resultados das datações são mais confusos do que parecem à primeira vista. Será que eu julguei errado? Uma das doenças mais difundidas é o diagnóstico. Quais são os argumentos a favor do fato de toda a coleção de Cabrera ser falsa?

- A excentricidade de Cabrera, aliada a uma certa teimosia que aumentou com a idade.
- Sua má vontade com relação à arqueologia, particularmente da variedade peruana.
- Seu sentimento de identidade nacional: ele gostaria que "seu" país tivesse algo excepcional desde os dias de Noé.
- Sua convicção de que uma civilização muito mais antiga existiu antes da nossa.
- As estatuetas propriamente ditas: por que uma civilização mais antiga iria armazenar seu conhecimento em cavernas de granito sob a forma de figuras de barro não queimadas?
- As falsificações claramente identificáveis dos nossos dias — tanto de figuras de barro quanto de pedras gravadas. Estou me referindo aos motivos que de modo algum poderiam ter mais de 30.000 anos de idade, como cópias dos desenhos escavados da planície de Nazca ou uma figura "parecida com Moisés" com duas "tabuinhas de pedra" nas mãos.

E existe alguma coisa a ser contraposta a esses sólidos argumentos, uma remota possibilidade de que as figuras possam, afinal de contas, ser genuínas? Existe! Embora alguns dos pontos mencionados pareçam indiscutíveis, outros podem ter uma explicação. A pergunta a respeito de como uma figura "parecida com Moisés" pode ter aparecido na coleção de Cabrera, por exemplo, poderia ser esclarecida a partir do seguinte ângulo:

A "Bíblia" dos mórmons, uma comunidade religiosa encontrada principalmente nos Estados Unidos, é chamada de *Book of Mormon* [Livro dos mórmons]. As 24 folhas do Livro de Ester, que trata da história do povo jared, pertencem a ela. Supõe-se que os jareditas

deixaram a Mesopotâmia na ocasião em que a Torre de Babel foi construída — seja lá quando foi isso. Eles chegaram à América do Sul em dois estranhos navios, iluminados dia e noite por 16 "pedras reluzentes". Eles conseguiram chegar lá seguindo a orientação do "Senhor supremo que veio das nuvens" e que não apenas ensinou a eles a arte da construção naval como também lhes deu a bússola.

Os jareditas foram os antepassados dos mórmons. A viagem que fizeram da costa do Chile dos nossos dias, passando pela América Central e finalmente chegando à América do Norte durou muitos milhares de anos. É bem possível que esses imigrantes possam ter ouvido falar na história de Moisés, bem como em outras coisas de um passado muito distante. Eles podem muito bem ter construído figuras de Moisés e outras estatuetas, e tê-las escondido em algum lugar. O que não consigo imaginar, contudo, é que isso tenha acontecido há dezenas de milhares de anos.

Existem vários argumentos que apóiam a autenticidade das figuras:

- Seu número. Apenas a coleção de Cabrera se compõe de mais
- de 2.500 peças.
- A repetição de representações idênticas ou muito semelhan
- tes. Em uma das prateleiras, encontrei 12 "raquetes de tênis" juntas. Outra prateleira continha cerca de mais trinta dessas "tampas de caçarola com alças". Se Cabrera havia encomendado as falsificações, por que ele iria querer trinta de uma vez só? De que isso lhe serviria?
- O fato de Cabrera nunca vender suas figuras, guardando-as ciumentamente.
- As imagens de cirurgias. Fotografei uma série delas e elas não
- correspondem ao conhecimento da medicina moderna. Cabrera, que afinal de contas é um professor emérito de cirurgia, deve saber todos os procedimentos envolvidos em uma operação. Por que os hipotéticos falsificadores iriam mostrar algo extremamente diferente?
- As cenas de homossexualidade. Elas aparecem tanto nas pedras gravadas quanto nas figuras de barro. Cabrera detesta a homossexualidade, jamais pediria que essas cenas fossem retratadas e em hipótese alguma pagaria por elas![161,1]
- O divórcio de Cabrera. Sua mulher exigiu metade das pedras
- gravadas e das figuras, e Cabrera recorreu ao supremo tribunal do país para não ter de entregar nenhuma parte da sua coleção à ex-mulher. Será que ele se importaria com isso se as peças fossem falsas? E por que iria sua mulher querer metade de uma coleção falsa e sem valor?
- Os motivos correspondentes em outras coleções semelhantes, a milhares de quilômetros de Ica, inclusive:

    a) A coleção de Acambaro no México. Centenas de figuras de barro com motivos semelhantes aos da coleção de Cabrera, inclusive dinossauros.
    b) A coleção do falecido padre Crespi em Cuenca, no Equador. Salas inteiras cheias de estatuetas feitas de madeira e barro.[61, 62] Folhas de metal gravadas. Motivos semelhantes são retratados, inclusive dinossauros.
    c) As figuras na "Caverna de Burrows": em 1982, Russel Burrows encontrou um sistema de cavernas "em algum lugar de Illinois", cuja localização exata só é conhecida por muito poucas pessoas.[9] Existem dois livros que reproduzem as estatuetas ali encontradas.[10, 11] Muitas delas são semelhantes aos objetos da coleção de Cabrera.
    d) As milhares de figuras "antropomórficas" de pedra e de barro encontradas em todo o Japão que freqüentemente retratam criaturas que são uma mistura de

seres humanos com animais. Elas podem ser vistas em muitos museus japoneses diferentes. Existe disponível um livro com fotografias dessas figuras.[12] Muitas delas são extremamente semelhantes às de Cabrera.

e) Figuras de barro, como as da coleção de Cabrera, que foram encontradas em várias cidades do Equador (Valdivia, Agua Blanca, Chirije, San Isodoro, La Tolita). Entre elas também são encontradas criaturas que são uma mistura de seres humanos com animais.[13]
f) Pegadas de dinossauros e seres humanos na *mesma* camada de pedra, encontradas no Rio Paluxy perto de Glen Rose no Texas.[14]

[60]

E essas não esgotam, de modo algum, tudo o que existe. Eu pessoalmente sei da existência de várias coleções particulares na América do Sul e na América Central que contêm motivos semelhantes. Essas coleções particulares não podem na verdade ser contadas, porque cada proprietário está convencido de que suas figuras são genuínas e, como Cabrera, não querem que as autoridades comecem a se intrometer. Em algum lugar do mundo deve haver uma enorme quantidade de falsificadores trabalhando, continuamente criando figuras semelhantes! Essa máfia de falsificadores também deve ter feito acordos secretos com os índios no Equador, no Peru, no México e nos Estados Unidos, bem como com muitos colecionadores particulares, para garantir que os motivos nas suas falsificações estejam mais ou menos de acordo uns com os outros — inclusive as figuras que são uma mistura de seres humanos com animais e os dinossauros.

Discutir a respeito da idade das diversas coleções no momento não nos levará muito longe. O que me impressiona, contudo, é que nos últimos quatro anos foram feitas várias descobertas que põem em dúvida as atuais teorias sobre a contínua evolução da raça humana.

Argumentos a favor de “dezenas de milhares de anos”

1. Urso Branco, um velho índio hopi, conta a história do seu clã, que se supõe recuar a *centenas de milhares* de anos.[15] O chefe *sitíiix* Lobo Branco diz a mesma coisa. Atualmente com noventa anos, ele até diz que a história da população indígena da América do Norte recua a quatro milhões de anos.[16]
2. O Dr. Richard Thompson e o Dr. Michael Cremo causaram furor nos Estados Unidos com a revelação que fizeram em dois grandes volumes. Em *Forbidden Arthaelogy* (Arqueologia Proibida), volumes 1 e 2, eles oferecem prova de que o legado cultural da humanidade recua a mais de cem mil anos.[17]
3. Em 1994, no vale Rhoney, foram descobertas as “cavernas de Chauvet". Elas continham uma galeria de arte da idade da pedra que retratava "monstros" surrealistas e também motivos animais. Havia também "cabeças que nos fazem pensar em dinossauros", bem como "homens-pássaros".[18] Essas obras de arte foram datadas como tendo *32* mil anos de idade. O arqueólogo francês Michel Lorblanchet disse que "Chauvet é apenas a ponta do *iceberg*. Deve ter havido outros estágios preparatórios que levaram ao que veio se expressar aqui e dos quais ainda nada sabemos”.
4. O explorador de cavernas romeno Christian l-ascu descobriu as ruínas de um local de culto que se diz ter entre setenta mil e 85 mil anos de idade, numa caverna de calcário nas montanhas Bihor.[1*'] Ele encontrou no local ossos dispostos em forma de uma cruz que apontavam para os quatro pontos cardeais.
5. Sessenta quilômetros a leste de Carson City, no estado de Nevada, nos Estados Unidos, foi encontrada a mais antiga múmia da América do Norte. Ela foi datada como tendo cem mil anos. Onde há uma múmia, também necessariamente deve ter existido uma cultura à qual ela pertencia.[20]
6. Na caverna da Pedra Pintada perto de Santarém (norte do Brasil) foram encontradas em cavernas pinturas de 12000 a.C. Havia entre elas uma figura humana com cabeça de inseto. A coleção de Cabrera ostenta um desenho semelhante.
7. Em setembro de 1996, o Dr. Lesley, diretor da University of Wollongong na Austrália (150 quilômetros ao sul de Sydney) anunciou que haviam sido encontrados sinais e desenhos gravados em pedra, além de ferramentas, com 176.000 anos de idade. O lugar onde foram encontrados está situado na borda do platô Kimberley no noroeste da Austrália, a leste de Kununurra. O *Sydney Morning Herald* relatou que haviam sido descobertas gigantescas esculturas em pedra, que faziam lembrar Stonehenge na Inglaterra.[21] Havia também vários milhares de inscrições, que se estimam ter até 75.000 anos de idade. Nas montanhas Kimberley há uma infinidade de pinturas pré-históricas em pedra, entre elas "criaturas mitológicas" e figuras com “halos" ao redor da cabeça.
8. No Museo Padre Le Paige em San-Pedro-de-Atacama, no Chile, estão expostas figuras de barro que poderiam ter saído diretamente da coleção de Cabrera. Sua idade é incerta — e em alguns casos calorosamente debatida. O padre Le Paige, já falecido, dedicou a vida à arqueologia chilena. Seis meses antes de morrei ele declarou, numa entrevista, que havia encontrado galerias subterrâneas que continham esqueletos e figuras com mais de cem mil anos de idade. Eis o que ele disse:

> Acredito que seres extraterrestres também estavam enterrados lá. O formato do rosto de algumas das múmias que encontrei era praticamente desconhecido na terra. As pessoas não acreditariam em mim se eu descrevesse as outras coisas que descobri nas sepulturas![22]

Estes são apenas alguns dos relatórios que adicionei aos meus arquivos nos últimos

anos. Não apenas as datas são impressionantes, recuando muito mais do que jamais pudemos imaginar, como também os motivos. Por que encontramos representações semelhantes de "homens-pássaros", criaturas que são uma mistura de seres humanos com animais e até dinossauros, separadas dez mil quilômetros umas das outras — apesar de nenhum ser humano jamais ter visto um dinossauro? Que diabo estava acontecendo na cabeça dos nossos antepassados da idade da pedra? Não me surpreendo mais com as ingênuas soluções dos arqueólogos: eles continuam cochilando no seu bem-aventurado mundo de sonho, na sua selva xamanista psicológica de equívocos. Isso pode satisfazer a eles, mas não a mim. O arqueólogo francês Michel Lorblanchet, por exemplo, que estudou as pinturas em Chauvet, acreditava que esses artistas da idade da pedra só podem ter "imaginado essas fantásticas visões em estado de transe".[21] Segundo ele, essas visões provêm "diretamente do subconsciente".

As figuras de barro de Cabrera podem ser falsas, ou uma combinação de motivos falsos com motivos muito antigos e genuínos. Não quero fazer um julgamento final sobre a questão, mas perguntas ficam em aberto. Por que um tão grande número de diferentes coleções revelam *designs* estreitamente relacionados? E de onde os falsificadores tiram suas idéias? Afinal de contas, os índios do Peru não podem obter inspiração de pinturas milenares da França. E os artistas franceses da idade da pedra dificilmente podem ter ido à Austrália para obter idéias.

Consigo imaginar que as figuras de Cabrera possam ter sido produzidas numa escola. As crianças podem ter feito em barro o que aprenderam nas aulas de história. Esse fato seria responsável pelas numerosas repetições, com pequenas variações. É bem possível que no Peru pré-histórico também houvesse outras formas de arte, bem diferentes das figuras de barro: tecidos, por exemplo, ou uma espécie de “papel" como o usado pelos maias na América Central. Os tecidos que sobreviveram aos milênios efetivamente exibem motivos semelhantes às figuras, mas é claro que o “papel" hipotético não sobreviveu.
O que resta são algumas cavernas cheias de figuras de barro, feitas por um grupo de crianças e adultos — em outras palavras, por um tipo de escola.

As imagens no Apêndice no final deste livro (Fotos 109- 124) têm a intenção de estimular outros debates a respeito da coleção de Cabrera. Elas poderão provocar comparações com outras coleções que eu desconheço.

E o que dizer dos *puquios,* os canais de água subterrâneos ao redor de Nazca? Eles existem de fato? São eles, pelo menos, indiscutivelmente antigos? E se for este o caso, quem foram os engenheiros que os construíram?

A primeira pessoa em Nazca a quem fiz perguntas sobre os *puquios* foi Eduardo Herran, o piloto chefe da Aero Condor. Eu o conheço há mais de trinta anos e ele conhece a região como a palma da mão.

— Você quer ver os *puquios*? Siga-me.

Voamos sobre o vale de Nazca com o estreito riacho que desce dos Andes. Eduardo me mostrou uma série de buracos redondos no chão, que se encontravam vindos de duas direções. Eles me fizeram lembrar grandes olhos que nasciam do chão em forma de espiral.[1631]

— Aqui estão os seus *puquios* — disse rindo Eduardo. — Há 29 deles no vale de Nazca, dois no vale de Taruga e quatro no vale de Las Trancas. O fato de eles ainda funcionarem, fornecendo água doce, é simplesmente impressionante, de modo que foram deixados inalterados com o passar dos séculos.

— Eles são buracos de água, uma espécie de poço profundo?

— Mais do que isso — explicou Eduardo. — Os buracos que você pode ver daqui de cima são os únicos locais de acesso à água doce. Debaixo deles existem canos de pedra através dos quais corre a água. Ninguém conhece a extensão em quilômetros desses canos subterrâneos.

— E quando foram construídos? — perguntei.

Eduardo me disse para perguntar aos especialistas. Até onde sabia, disse ele, havia controvérsias com relação à época da construção deles — cada pesquisador tinha uma opinião própria. Até os índios tinham uma perspectiva diferente. A população local acreditava que debaixo de Cerro Blanco, uma montanha de 2.500 metros de altura não muito longe de Nazca e conhecida pela enorme duna de areia que cobre sua parte superior, havia um grande lago, de onde corria a água dos *puquios*. Uma das lendas diz que o deus criador Viracocha fez os *puquios*. Há muito, muito tempo, quando a região havia secado e os habitantes estavam ficando famintos, os índios rezaram com fervor a Viracocha. Eles gritaram a palavra "nana", que equivale a "dor e aflição" na língua kechua. A palavra "nana" se transformou mais tarde no nome "Nazca". Toda a população havia feito uma peregrinação ao sopé da montanha Cerro Blanco, pois esta era a montanha sagrada deles, onde sempre haviam rezado aos deuses. Viracocha então havia descido até eles envolto em fogo e fumaça e, ao ver o tormento do seu povo, havia começado a chorar. Suas lágrimas formaram um grande lago debaixo de Cerro Blanco e ele conduziu as águas do lago através de canais subterrâneos e *puquios*.

[63]

Nada mais do que uma lenda. No entanto ela lembra de certo modo os israelitas e o deus que desceu até eles vindo do Monte Sinai. Além disso, ninguém a que fiz perguntas consegue compreender por que a maior duna de areia do mundo está no topo de Cerro Blanco. Montes de areia enormes como esse não são geralmente encontrados no pico das altas montanhas. Quando há areia, esta é geralmente soprada pelo vento, ou coberta pela neve ou pela água. A areia se transforma então em arenito, ou uma vegetação subterrânea começa a brotar nela. Mas não em Cerro Blanco. Não será possível, então, que tenha realmente havido regos que conduziam a água de Cerro Blanco para uma caverna subterrânea?

Quem eram esses engenheiros?

Eu e meus amigos Uli Dopatka e Valentin Nussbaumer alugamos um jipe e partimos em busca dos *puquios*. Como de costume, o sol reluzia implacável sobre a paisagem seca e não havia nenhuma estrada. Finalmente, exaustos depois de fazer vários desvios errados e percorrer um longo trecho a pé, deparamos com o primeiro *puquio*. Uma espiral perfeitamente nivelada se dirigia para baixo. Em seu ponto mais largo ela tinha 12,70 metros de diâmetro. Fragmentos de pedra de vários tamanhos compunham um muro habilmenteconstruído, que formava uma trilha que ia em direção ao nível inferior seguinte. Em seu ponto mais profundo, 5,30 metros abaixo da superfície, um curso de água borbulhava através de um canal de água construído pelo homem e coberto por um monólito de granito.[64-66]

[64]

Mergulhamos, um de cada vez, as mãos no riacho. A água ra doce e limpa — ao contrário do rio local de Nazca que ti- ha um mau cheiro terrível e estava repleto de todos os tipos e porcaria. A espiral seguinte estava localizada setenta metros íais adiante, depois da qual havia cinco outras a intervalos e algumas centenas de metros. Todas eram poços de água oce, de um manancial desconhecido, construídos por pessoas ara quem deve ter sido extremamente importante ter água oce naquele lugar específico. Isso pode parecer óbvio, mas ão é, quando conhecemos a região. Os vales adjacentes a íazca são o do Ingenio e o do Palpa, através dos quais corre íais água do que no chamado "rio" Nazca. O que impedia ma pequena tribo de índios que desejavam se dedicar a um modesto cultivo de se estabelecer nos vedes adjacentes? Ou que os impedia de encontrar um vale nos Andes cinqüenta quilômetros para o leste, onde havia água doce em abundância? Por que era tão importante para eles se estabelecerem na agreste e pouco promissora região de Nazca? Os

povos nômades nunca pensam de uma maneira pouco prática. A água é o pré-requisito fundamental para qualquer povoamento. Mas lá não havia água, ou havia muito pouca; de qualquer modo, não era suficiente. Esse fato é demonstrado pela necessidade de um sistema de água subterrâneo ao redor de Nazca. Por conseguinte, esse ponto particular no deserto deve ter tido alguma outra atração. Ele deve ter sido de algum modo único, de tal maneira que o povoamento tinha necessariamente de ser lá, mesmo que isso significasse a construção dos *puquios* para o suprimento de água. Isso me faz lembrar a mais antiga cidade da América Central, Tikal. Lá também havia escassez de água, o que não impediu a construção de uma grande metrópole em milhares de prédios e mais de setenta pirâmides. Por que os maias não se estabeleceram quarenta quilômetros mais adiante, à beira do lago Peten-Itza? Porque o local de Tikal era sagrado: acreditava-se que a "família do céu" havia se estabelecido originalmente naquele lugar.[24] Por conseguinte, o sítio se tornou um ponto de peregrinação. Assim, a cidade tinha de ser ali e não em outro lugar! E, como não havia água no local, canais de água com quilômetros de extensão e gigantescos reservatórios subterrâneos foram construídos.

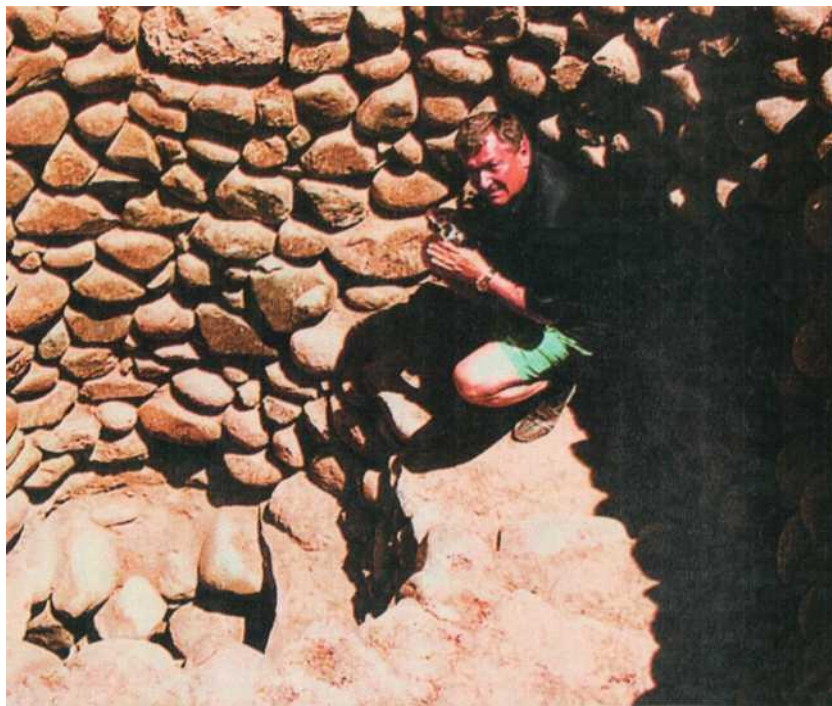
Desconfio de que o mesmo aconteceu em Nazca. Não existe um motivo plausível pelo qual uma tribo indígena iria estabelecer-se em uma parte árida do país, a não ser que o motivo fosse religioso. Que religião? As linhas de Nazca semelhantes a rastros têm alguma relação com ela? Esse sistema de água subterrâneo só existe na região de Nazca, o que é confirmado pelos especialistas.[25]

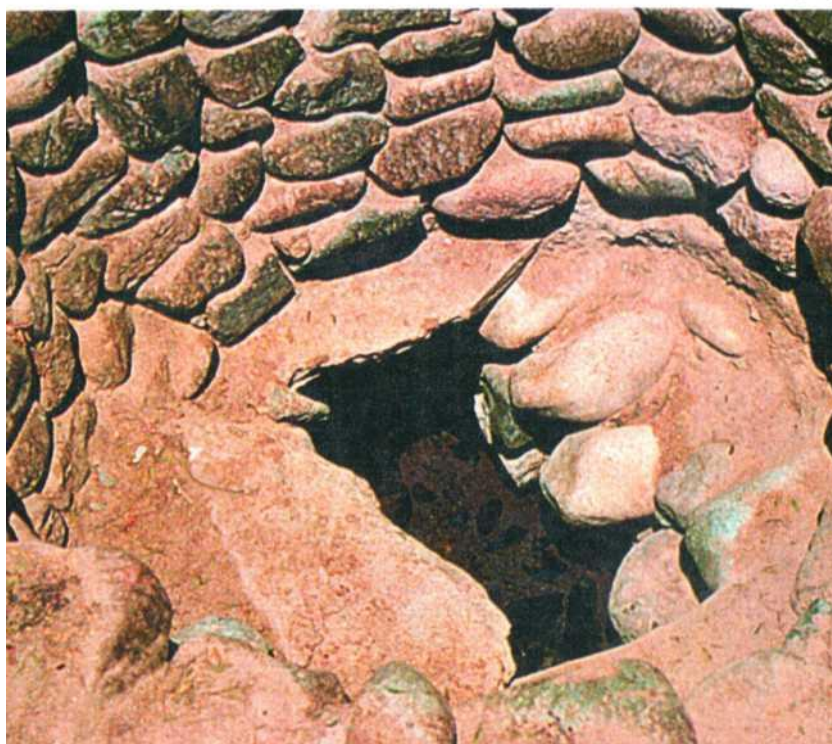
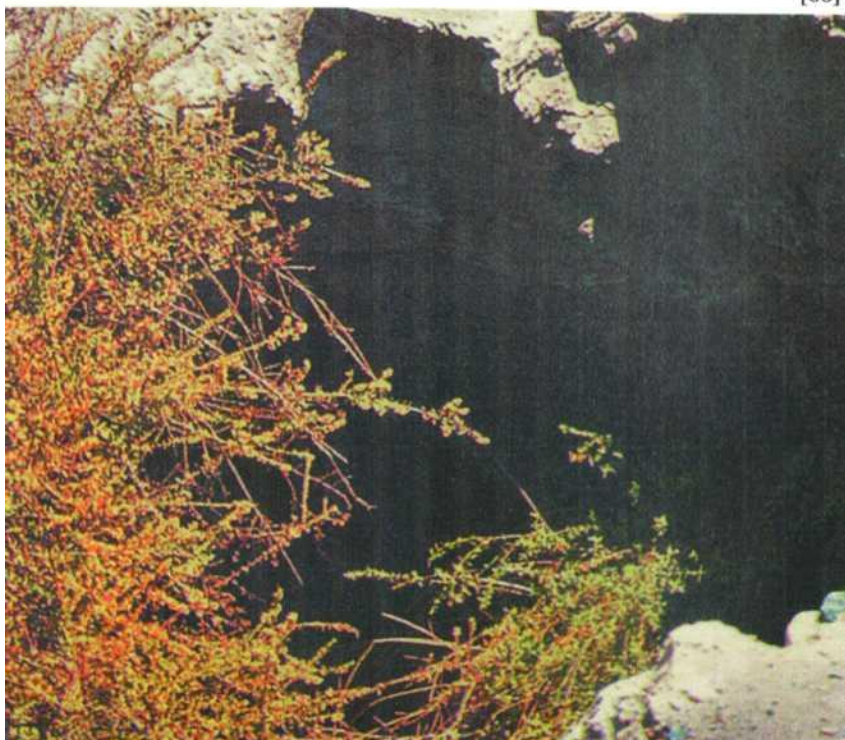
E como foram construídos os canais subterrâneos?

Uli, Valentin e eu ajudamos um ao outro e nos arrastamos o mais possível por dentro dos canais individuais. A construção não apenas dos "canos" como também dos buracos de acesso era de vários tipos. Às vezes espirais de pedra desciam às profundezas e os canos estavam assentados em um leito artificial de pedra habilmente cortada, coberto por lajes de granito.[67, 68] O cano estava sempre a uma profundidade de cerca de seis metros abaixo do solo, e em todos os casos os canais efetivos de água eram canos artificialmente construídos, e não cursos de água naturais. A literatura especializada fornece várias dimensões para esses canais: cinqüenta centímetros de largura e setenta de altura, ou setenta de largura por setenta de altura.[26] Apenas suficientemente grandes para permitir a passagem de um homem ajoelhado. Dois desses canos sem dúvida correm debaixo do leito do Rio de Nazca.[27] Ninguém conhece o curso deles a partir daí. Mas somos forçados a perguntar como e por que eles fizeram isso. Por que os construtores desse sistema assentaram um canal de água debaixo do leito de um rio? Havia vários *puquios* em ambos os lados do rio. E como esses índios da pré-história conseguiram construir essa maravilha da engenharia com suas simples ferramentas e métodos de vedação? Teriam eles drenado o leito do rio?

Pouco provável. Então eles devem ter cavado um túnel, como na mineração. Mas a água que gotejava do rio que estava em cima tornaria a escavação do túnel praticamente impossível.

Existe uma coisa curiosa: os conquistadores espanhóis nada sabiam nem sobre a origem das figuras e das linhas da planície de Nazca, nem sobre o sistema de água subterrâneo. Desse modo, a rede subterrânea já devia existir antes da chegada deles. Vários especialistas tentaram determinar a data da sua construção, e os resultados foram variados: qualquer coisa entre o nebuloso início dos tempos e 1400 d.C. É até mesmo possível que a rede de canais de água subterrâneos seja bem mais velha do que os buracos de acesso situados acima dela.[28]-[29] Apenas uma coisa é certa: existe na região de Nazca uma enorme rede subterrânea de canais ("una verdadera red subterrânea"[30]). A tecnologia que a criou é desconhecida, mas é "única no Peru e provavelmente em toda a América".[31] Será possível que essa rede esteja de algum modo relacionada não apenas com o suprimento de água doce, mas também com as pistas e as linhas? Essa hipótese não deve ser menosprezada. Por volta do início dos anos 40 Alberto Rossel Castro havia descoberto três *puquios* juntos entre o rio Grande e a Pan- American Highway, a estrada principal que corre do norte para

o sul. Eles são chamados Achako, Anklia e San Marcelo. O *puquio* San Marcelo está situado dez metros abaixo da superfície entre os riachos Aja e Tierra Blanca, que só têm água em certas partes do ano. Mas é exatamente nesse ponto que começam as primeiras linhas de Nazca. A inundação curta e esporádica dos riachos chega no máximo à borda das pistas. Será que essa água da enchente se escoa para um sistema de reco lhimento subterrâneo? Kurpe, outro cano de água do lado leste da estrada, está situado perto de contrafortes mas ainda está dentro da área das linhas de Nazca. Seu buraco de acesso mede vinte metros de um lado a outro.

[65]

[66]

[67]

[68]

[69]

[70]

[71]

[72]

[73]

Na superfície do deserto de Nazca existem dois lugares (talvez haja outros; só conheço esses dois) onde se encontram muitas linhas diferentes, vindas de todas as direções. E no meio, onde elas se juntam, existe um largo buraco no chão.[71-7,1] Será a entrada de um *puquio*? Eu adoraria ter sido baixado de um helicóptero para olhar o local mais de perto. Infelizmente não há a menor chance de isso acontecer — é impossível conseguir

autorização para essas coisas.

O que devemos então deduzir do enigma de Nazca? Será que uma das inúmeras teorias sobre Nazca está certa? Ou será que todos deixamos escapar algo importante?

Notas

1. Erich von Däniken, provas, Londres, Nova York, 1977.
2. Janvier Cabrera-Darquien, *El Mensaje de la Piedras Grabadas de lca,* Lima, 1976.
3. Erich von Däniken, *op. cit.*
4. Lutz Gentes, *Die Wirklichkeit der Götter. Raumfahrt im frühen Indien,* Munique/Essen, 1996.
5. Armin Risi, *Gott und die Götter. Das vedische Weltbild revolutioniert die moderne Wissenschaft,* Esoterik und Theologie, Zurique/ Berlim, 1995.
6. Datação completada pelo Instituto Geográfico da Universidade Zurich-Irchel em 16 de julho de 1996. Carta do Dr. Waldemar A. Keller com a mesma data.
7. Ernst Freyburg, "Mineralogische Untersuchung na Feststein- und Tonfigurproben aus Peru", *Scientific Ancient Skies,* vol. 2, 1995.
8. Tradução de M. Barton.
9. Luc Bürgin, "Burrow's Cave — eine sensationelle Entdeckung in America?", *Fremde aus detn All,* Munique, 1995.
10. R. Burrows e F. Rydholm, *The Mystery Cave of Many Faces,* Marquette, 1992.
11. J. Scherz e R. Burrows, *Rock Art Pieces from Burrows' Cave,* Marquette, 1992.
12. Título em japonês ilegível, *copyright* Kodansha, Japão, NDC 210.
13. "Entre tiestos y restauradores", *El Comercio,* 23 de maio de 1996.
14. Cecil N. Dougherty, *Valley of the Giants,* Clebirne, Texas, 1971.
15. Joseph F. Blumrich, *Kasskara und die sieben Welten— Weisser liär erzählt den Erdmythos der Hopi-Indianem,* Düsseldorf, 1979.
16. Sioux chief White Wolf (chefe *sioux* Lobo Branco), *Ancient Skies,* vol. 23, n. 1, Highland Park, Illinois, 1996.
17. Richard Thompson e Michael A. Cremo, *Forbidden Archaelogy,* Essen, 1994.
18. "Geisterzeichen in der l iefe", *Der Spiegel,* n. 50, 1996.
19. *Ibid.*
20. "Tasche mit Asche", *Der Spiegel,* n. 19, 1996.
21. "Spektakulärer Fund von Skulpturen in Westaustralien", *Neue Zürcher Zeitung,* 23 de setembro de 1996.
22. Erich von Däniken, *Reise nach Kiribati,* Düsseldorf, 1982, p. 170.
23. "Geisterzeichen in der Tiefe", *Der Spiegel,* n. 50, 1996.
24. Erich von Däniken, *Der Tag, an dem die Götter kamen,* Munique, 1984, capítulo 1.
25. Katherine Schreiber ejosué Lancho Rojas, "Los puquios de Nazca: un sistema de galerias filtrantes", *Boletin de Uma,* n. 59, setembro de 1988.
26. Alberto P. Rossel Castro, "Sistema de irrigacion antigua de Rio Grande de Nazca", *Revista dei Museo Nacional,* Lima, vol. 11, n. 2, 1942.
27. Anthony Aveni, "The Lines of Nazca", *Memoirs of the American Philosophical Society,* vol. 193, 1990.
28. Persis B. Clarkson e I. Roland Dorn, "New Chronomctric Dates for the Puquios of Nazca", *Latin American Antiquity,* vol. 6, n. 1, 1995.
29. *Acueductos y caminos antiguos de la hoya del Rio Grande de Nazca,* Actas y Trabajos Científicos del XXVII Congresso 1939, vol. I, Congreso International de Ameicanistas, Lima, pp. 559-69.

30. Rossell Castro, *op. cit.*
31. Schreiber e Lancho Rojas, *op. cit.*

O QUE ACONTECEU EM NAZCA?

A diferença entre Deus e os historiadores consiste acima de tudo no fato de que Deus não pode alterar o passado.
SAMUEL BUTLER, 1835-1902

Na estante vermelha do meu escritório, diretamente na minha linha de visão, estão empilhados 102 livros, revistas e folhetos a respeito de Nazca. Examinei minuciosamente todos eles, cobri-os de marcas coloridas e rabisquei anotações na margem deles. Nazca e mais Nazca! Teorias e mais teorias. E muitos autores simplesmente adotam a opinião de outro, de modo que fica óbvio para qualquer pessoa que conheça alguma coisa sobre o assunto que o escritor em questão não pode nunca ter colocado os pés em Nazca — a não ser, é claro, que ele tenha sacrificado seu precioso tempo e feito um breve passeio turístico por lá. Tampouco a ciência oferece algo sobre o que possamos ter certeza, embora o tom das publicações científicas relevantes dê a impressão de que tudo já foi esclarecido há muito tempo.

Finalmente — segundo eu li na revista científica *Nature* —, a datação foi determinada com sucesso.[1] Como? No calor, um filme fino contendo óxido de manganês, traços de ferro e minerais argilosos, formas ao redor das pequenas pedras. Debaixo da pedra, contudo, líquen, mofo e cianobactérias se desenvolvem — em outras palavras, material orgânico. Tudo que precisamos fazer então é encontrar pedras que foram removidas da sua posição original por aqueles que construíram as linhas de Nazca e depois datar os traços orgânicos debaixo delas com métodos de datação por carbono 14. O líquen e o mofo não se formam em condições de extremo calor e sim no lado da pedra que fica na sombra. Não há falta de pedras na borda das pistas em Nazca, pedras essas que, de acordo com os cientistas, têm de ter sido removidas pelos construtores das linhas. A partir de então elas aparentemente permaneceram onde foram colocadas, possibilitando que o líquen e o mofo se desenvolvessem debaixo delas. Um teste foi então realizado em *nove* pedras recolhidas da borda de uma linha ou pista de Nazca. A datação mostrou uma idade entre 190 a.C. e 600 d.C. O jornal *Neue Zürcher Zeitung* noticiou o seguinte: "Desse modo, foram obtidos resultados que corresponderam com relativa precisão à datação puramente estilística dos vestígios de cerâmica."[2]

Esse método pode ser uma boa idéia. Mas como podemos ter certeza de que as nove pedras testadas foram realmente removidas pelos construtores originais das linhas e que nunca mais foram tocadas? Talvez, há 1.800 anos, turistas da época pré-incaica tenham passeado pelo pampa e deslocado, com suas sandálias, pedras da borda das linhas para outro lugar. É claro que isso não anula ou invalida necessariamente os resultados, mas será que essa datação é válida para a primeira e mais antiga das pistas?

O Professor Anthony Aveni, antropólogo e astrônomo da Colgate University nos Estados Unidos, parece saber exatamente o que aconteceu em Nazca: "Conhecemos agora a identidade dos construtores das linhas", escreve ele, e a seguir passa a lançar dúvidas sobre as idéias de Maria Reiche.[3] Reiche, diz ele, identificou muitas das figuras de animais como mapas de estrelas, estabelecendo uma relação, por exemplo, entre o macaco e as constelações do Leão e da Ursa Maior, e a aranha com a constelação de Órion. Ele acredita, no entanto, que as idéias dela falavam muito pouco a respeito do povo que criou essas figuras. Ele diz que esse povo ainda existe e chama a atenção para a Cuzco dos nossos dias. Ali, nas alturas dos Andes, um sistema pré-incaico de linhas pode efetivamente ser

encontrado. Os índios do local as chamam de *ceques* — uma rede de linhas visíveis e invisíveis que convergem para Cuzco vindas de todas as direções. O "sistema ceque" ao redor de Cuzco está relacionado com o calendário, o suprimento de água e os deuses da montanha, e cerimônias anuais ainda têm lugar hoje em dia sobre linhas específicas. Aveni sobrepõe esses fatos a Nazca, acreditando que existem ligações geométricas entre as linhas e os cursos de água subterrâneos. Segundo ele, então, os índios de Nazca tinham rituais e marcas de linhas ligados ao suprimento de água, da mesma maneira que os índios de Cuzco ainda têm hoje em dia. Ele então pergunta se as linhas de Nazca não poderiam, além do objetivo ritual, ter servido como um tipo de estrada — referindo-se a caminhos e locais para cerimônias, além de danças rituais. Aveni até mesmo sugere que as linhas e marcas geométricas em Nazca talvez tenham servido para delimitar a área de um trabalho feito em homenagem aos deuses. Podemos ter certeza de uma das coisas que ele diz, ou seja, que o povo de Nazca construiu as linhas de Nazca. Mesmo? Bem, quem mais as teria construído?

Resumindo então o seu ponto de vista, os índios procuravam certas áreas para realizar suas cerimônias. As linhas retas e estreitas indicavam o curso da água — considerada sagrada – tanto em cima quanto embaixo do solo: e as figuras geométricas surgiram como locais de adoração a um ou outro deus. Professora Helaine Silverman, co-autora do artigo de Aveni, havia escrito anteriormente um tratado científico de sua autoria, no qual ela sugeria que os desenhos escavados ao redor de Nazca eram os símbolos tribais de vários clãs índios.[4] Em princípio, não tenho nada contra esse tipo de perspectiva, mas como, precisamos perguntar, podiam as diversas comunidades indígenas reconhecer seus símbolos e os símbolos dos outros? Afinal de contas eles só podem ser reconhecidos do ar – e não, como é continuamente sugerido, do topo de algumas montanhas. Neste caso, estou me referindo às figuras sobre o pampa e não às pistas e às extensas linhas.

O professor americano Dr. Aldon Mason, arqueólogo especializado na América do Sul, escreveu um grande número de páginas a respeito das cerâmicas e tecidos encontrados entre Paracas e Nazca. Uma ou duas listras a mais, uma cor diferente — e aparentemente estamos falando de um estilo e de uma comunidade bem diferentes. "A ausência do azul e do verde é digna de nota. Os motivos caem em duas categorias principais: naturalistas-zoomorfos e representações mitológicas."[5] Aprendemos que as sepulturas de Nazca tinham a forma de garrafa com uma passagem superior e uma profundidade de até cinco metros. (Isso me faz imediatamente lembrar do "depósito" de Cabrera.) "Muitos dos crânios de Nazca apresentam uma deformidade no comprimento", observa o Professor Mason.

Essa observação merece nossa atenção. (No museu de Ica há dois desses crânios.) Há anos eu me pergunto por que as pessoas iriam querer torturar os filhos encompridando e, portanto, deformando os ossos ainda moles do crânio deles. Se esse costume estivesse restrito ao Peru, poderíamos considerá-lo uma aberração local. Mas este não é o caso. Crânios deformados foram encontrados nos lugares mais distantes como na América do Norte, no México, no Equador, na Bolívia, no Chile, na Patagônia, na Oceania, nas estepes européias, na África central e ocidental, na Bretanha e, é claro, no Egito. E agora, nos diz o Professor Mason, eles foram encontrados nas sepulturas de Nazca.

Que tipo de perversão era essa que fazia nossos antepassados quererem comprimir a cabeça dos filhos e encompridá- las? Os arqueólogos falam de uma espécie de "pensamento utilitário" que encarava essa deformidade como sendo de alguma maneira útil, talvez para o uso de acessórios de cabeça que permitia que as pessoas carregassem a carga com mais facilidade. Não acredito em nada disso. Uma cabeça normal está mais bem equipada para carregar fardos do que uma que foi esticada e deformada. Outra idéia é que essa deformidade pode ter representado um ideal de beleza, ou que ela servia para distinguir uma classe social de outra.

Meu ponto de vista é diferente. Os seres humanos sempre foram grandes imitadores, orientando-se de acordo com algum ideal ou modelo. Essa deformação craniana nada mais

é do que um "embelezamento" antinatural, um exemplo horrível da vaidade humana de tal modo disseminada na época pré- histórica que se tornou verdadeiramente internacional.

Mas *quem* estava sendo imitado? Em todo o planeta, as pessoas haviam encontrado deuses grandiosos. E em toda parte os imitadores que queriam parecer importantes copiavam esses seres, pelo menos externamente. Os sacerdotes rapidamente tiveram a idéia de parecer divinos tendo crânios longos. Essa era uma maneira fácil de conseguir ascendência sobre os outros!

Não estou, portanto, nem um pouco impressionado com os crânios deformados das sepulturas de Nazca. Eu teria ficado surpreso se nenhum tivesse sido encontrado. Eles se encaixam na imagem global da região, como as estatuetas zoomorfas ou os tecidos com desenhos místicos.

Além disso, dois neurologistas — em outras palavras, especialistas em cérebro e nervos — me deram outras informações que me fizeram pensar mais: é bastante exeqüível comprimir os ossos moles do crânio de um bebê, dia após dia, entre duas pranchas, até que a cabeça fique duas ou três vezes mais comprida do que uma cabeça normal. Mas a capacidade *cerebral* não é nem um pouco alterada. O tamanho do cérebro não é afetado pela deformação. O resto do crânio encompri- dado simplesmente se enche de líquido. A criança ou não viverá muito tempo ou sofrerá de hidrocefalia.

Todos os crânios deformados até agora descobertos no mundo foram simplesmente catalogados. Nenhuma pesquisa exata — a partir de um novo ângulo — jamais foi realizada. Tudo sempre pareceu muito claro e auto-explanatório. Mas e se pelo menos alguns desses crânios não forem de origem terrestre?

O Professor Aldon Mason diz o seguinte a respeito dos desenhos escavados ao redor de Nazca: "Eles foram sem dúvida criados para os olhos de divindades celestes." Enfim uma idéia sensata!

A litania de cultos

Somente grandes editoras podem se dar ao luxo de publicar regularmente aqueles belos livros ilustrados que colocamos nas estantes. O público alvo dessas publicações é principalmente o leitor jovem. Em uma dessas obras ilustradas a respeito das linhas de Nazca vocês poderão ler que alguns autores — estão se referindo a mim! — acham que as linhas foram construídas por extraterrestres. Mas, para sustentar essa hipótese, diz o livro, "teríamos que passar por cima de certos fatos estabelecidos" e pressupor que seres com uma inteligência superior haviam "voado na velocidade da luz e usado o deserto de Nazca como um aeroporto espacial".[6]

Trata-se apenas da mesma asneira regurgitada que corrompe mais da metade da literatura especializada. Um autor adota a idéia de outro e pronto: supõe-se que ela seja verdadeira. Quero estabelecer dois fatos. Primeiro, a velocidade da luz *não* é necessária para a viagem espacial interestelar — nem mesmo metade ou um décimo dela. Um ou dois por cento da velocidade da luz é suficiente. E os especialistas acham que será bem possível conseguir isso num futuro próximo.[7, 8] Segundo, eu nunca afirmei, em lugar algum, que o deserto de Nazca era um "aeroporto espacial".

A mesma autora, a arqueóloga Simone Waisbard, continua a escrever e declara que a maioria dos especialistas peruanos é de opinião que "os desenhos de Nazca são um calendário astronônomico".[9] Ummmm! Ela diz que o povo de Nazca lutava muito para sobreviver, o que tornava essencial a construção de grandes sistemas de irrigação. A opinião geral, diz ela, inclina-se para a idéia de que "o gigantesco livro de imagens de Nazca fora criado como um dispositivo destinado a ajudar a determinar a quantidade de chuva

que deveria ser esperada". Ainda hoje, prossegue ela, muitos agricultores "lêem as estrelas para obter uma indicação da precipitação pluvial". E, finalmente, os índios de Nazca provavelmente previam o tempo a partir do "vôo de pássaros que habitam as regiões marinhas" e que se parecem com os desenhos de Nazca.

À semelhança de muitas coisas que acontecem no meio científico, essas idéias parecem muito razoáveis à primeira vista. Mas não são. Desde quando as estrelas mostram a alguém a quantidade de chuva que vai cair? F. o que dizer do fato de que nunca chove em Nazca, e que isso já não acontece há um milênio? Se chovesse, as marcas no solo não mais estariam presentes. Em sua luta pela sobrevivência, o povo de Nazca construiu sistemas de água subterrâneos? Isso é verdade: os índios precisavam de água para sobreviver, mas por que fixaram residência em uma região árida quando não muito longe havia mais água? E, finalmente, "os pássaros das regiões marinhas" não se parecem nem um pouco com os desenhos de Nazca. Eu então me pergunto por que nossos jovens têm de ser infectados por essas asneiras.

As teorias do calendário, que regurgitam incessantemente na literatura arqueológica, dão a entender que nossos antepassados foram muito ingênuos. Esse comentário se aplica igualmente aos nossos ancestrais em Stonehenge, Nazca ou qualquer outro lugar. As estações eram a coisa mais rotineira e óbvia na vida das pessoas da idade da pedra. Todos os anos havia a primavera, o verão, o outono e o inverno, e sempre houvera desde o início dos tempos. As pessoas da pré-história como os caçadores e os colhedores conheciam todos os sinais das estações sem a ajuda de mistérios ocultos. Eles sabiam determinar quando o solo estava ficando mole, quando determinados insetos começavam a fervilhar, quando as primeiras folhas de grama e das plantas começavam a brotar. As pessoas da idade da pedra não precisavam de nenhuma mágica das estrelas que lhes dissesse quando as frutas silvestres estavam ficando maduras. É claro que é possível determinar a chegada da primavera a partir das constelações, que surgem anualmente na mesma época no firmamento, mas isso não tem nenhuma relação com questões importantes como a sobrevivência.

E qual a possível utilidade das pistas e superfícies trapezóides? "Seriam elas cercadas para os animais sagrados sacrificados aos deuses? Pedaços de terra conectados aos túneis de irrigação? Observatórios? Ou locais onde as tribos se reuniam nos festivais rituais?"[10]

Não há fim para essas fantasias — e de algum modo elas são feitas para parecer suposições razoáveis. Se as superfícies trapezóides tivessem sido "cercados para animais", teria havido cercas — das quais não existe nenhum vestígio.

Tampouco elas poderiam ter sido "pedaços de terra" destinados à lavoura. É precisamente *porque* nada crescia lá que as superfícies trapezóides e as pistas são visíveis. E se elas tivessem sido locais destinados a festivais rituais não veríamos ainda hoje sinais das marcas das sandálias dos dançarinos? Existe um pensamento ao qual eu tento me agarrar firmemente, no meio de todas as excentricidades da teoria de Nazca: se se tratava de um local para festivais e danças rituais, por que apenas lá? Por que, pelo amor de Deus, nessa região deserta e árida? E no final, todas essas "sensatas soluções" não conseguem explicar por que existem linhas em ziguezague *debaixo* de certas pistas. Elas não explicam as figuras gravadas na face dos penhascos nem por que o topo de várias montanhas teve de ser nivelado para abrir espaço para uma pista com a largura de uma estrada com quatro pistas de rolamento. Essas explicações científicas são apenas palpites fragmentados e sem fundamento.

No tomo científico *Weltatlas der alten Kultinen* (Atlas Mundial das Culturas da Antiguidade) o desconcertado leitor pode ler que algumas das linhas de Nazca podem ter sido caminhos "com um significado sagrado e que eram percorridos durante a realização de certos ritos e cerimônias". No entanto o principal propósito delas era provavelmente "o sacrifício aos ancestrais ou aos deuses do céu e das montanhas, que forneciam a água tão

fundamental para o cultivo".[11]

Na literatura científica local publicada sobre o assunto, tudo pode ser encontrado exceto o que salta aos olhos. São quase realizadas acrobacias mentais para não perturbar a tendência das opiniões tradicionalmente aceitas. Os índios de Nazca devem ter sido verdadeiros idiotas se essas teorias forem verdadeiras. Vou repetir pela centésima vez: *não havia agricultura na região desértica e montanhosa de Nazca*. O único cultivo era — e ainda é — realizado nos vales irrigados pelos riachos que descem dos Andes. Não sabemos até que ponto pedaços de terra adicionais eram irrigados pelo sistema de água subterrâneo, mas esses campos adicionais não poderiam ter tido nenhuma ligação com as pistas, as linhas e as figuras de Nazca, que só sobreviveram aos milênios porque nada brotava ou florescia no local.

Albrecht Kottmann adotou uma abordagem muito diferente diante do enigma. Ele dividiu as figuras em diferentes unidades de medidas. Por exemplo:

> A imagem [do pássaro] tem 286 metros de comprimento. Se dividirmos seu comprimento em 22 partes, o corpo fica com o pescoço dentado com 3, o resto do pescoço e a cabeça com 2 e o bico comprido com 12 partes. A relação entre o comprimento das penas da cauda e o início do bico, e o comprimento do bico em si, é de 5:6. [Ele desconfia de que subjacente aos desenhos geométricos existe] uma linguagem de sinais, na qual as mesmas palavras são escritas, primeiro em letras gigantes e depois em letras minúsculas.[12]

Talvez a matemática possa ajudar a explicar as questões relacionadas com Nazca. Não estou em posição de julgar isso. Mas a divisão das figuras em subseções ainda não me revela nada a respeito das pistas e das linhas em ziguezague.

Teorias a respeito de Nazca de um tipo mais realista são apresentadas pelo autor Evan Hadingham. Não obstante, ele sugere que "poderosas plantas alucinógenas" podem ter sido a causa da atividade dos índios de Nazca.[13] De jeito algum. Não podemos resolver problemas geométricos com o cérebro afetado pelas drogas. Hadingham acha que a única explicação para o enigma consiste no fato de que as linhas eram uma forma de adoração aos deuses das montanhas. Como irei demonstrar, os deuses das montanhas não têm nenhum envolvimento com os fenômenos de Nazca.

Mentes acadêmicas

Vocês devem estar agora com a esperança de que já tenhamos discutido todas as principais teorias a respeito de Nazca. Temo que isso não seja verdade; ainda temos mais divertimento pela frente! O antropólogo William H. Isbell da New York State Uni- versity resolveu todos os problemas de Nazca com duas palavras: terapia ocupacional. Ele propôs que o povo de Nazca não possuía instalações para armazenar os produtos agrícolas. Por conseguinte, nas épocas de boa colheita a população pode ter ficado excessivamente numerosa, o que as faria ficar à beira da inanição se uma má colheita ocorresse. O que deveria então ser feito? "A solução do problema estava em manter o interesse comum da população em atividades cerimoniais, que exigiam uma energia suficiente para absorver regularmente o excesso econômico." Ele sugeriu que era irrelevante o fato de os índios poderem ou não enxergar os resultados da sua terapia ocupacional. Tratava-se apenas de "uma maneira de regular a quantidade da população" por meio da criação do trabalho.[14]

Posso até imaginar: "Sacerdotes das Calorias" — aqueles com os crânios compridos, é claro — fazendo a ronda para verificar a quantidade de energia despendida!

As diferentes opiniões dos "especialistas" rivalizam umas com as outras: em um determinado momento os índios construíram sistemas de água subterrâneos para irrigar uma maior quantidade de terra e depois, de repente, eles estão dançando nos locais rituais das superfícies trapezóides; no momento seguinte eles estão fazendo sacrifícios aos deuses e depois usando drogas — praticando até o controle da natalidade por meio da terapia ocupacional. Nada parece ser por demais forçado ou impossível para ser incluído na lista das sérias probabilidades. Vamos então levar a coisa toda um pouco mais adiante: Helmut Tributsch, professor de físico-química da Universidade de Berlim solucionou o enigma de Nazca de uma só tacada. Ele acredita que os grandes locais de culto da pré-história eram "sempre erigidos em lugares onde as miragens aparecem com uma freqüência particular".[1]* O professor cita como exemplo os locais onde estão os menires na Bretanha, Stonehenge, os sítios sagrados no golfo do México, as pirâmides do Egito e — esperem só para ouvir o que vem a seguir — Nazca. Sabemos agora o que serviu de inspiração àquelas pessoas e as levou a executar suas misteriosas obras — fadas morganas!

A perspectiva do Professor Tributsch é que acima desses lugares ocorrem "maravilhosos espetáculos de luz e cor" no céu — miragens de ilhas, florestas, edificações e lagos distantes refletidos no firmamento. Os índios de Nazca admiravam esses reflexos aéreos, e como os viam no céu, eles se tornaram para eles "o outro mundo". As linhas e as figuras foram construídas em resposta a esse fenómeno. Depois de passar adiante essas palavras de sabedoria, o erudito de Berlim começa a me passar um sabão: "Dãniken afirma sem nenhuma cerimônia que as pistas no deserto de Nazca foram assentadas como faixas de pouso por astronautas de outros planetas." Ele simplesmente me arrasa — embora isso não me perturbe nem uin pouco —dizendo: "os astronautas, que devem ter percorrido enormes distâncias no espaço, dificilmente poderiam ter usado aeroplanos com asas para suas aterrissagens."[16]

O que devo responder? Estamos diante de mais um suposto cientista que não se deu ao trabalho de ler os livros de Dá- niken, pois, se os tivesse lido, não propagaria tanto lixo. Nunca escrevi que extraterrestres teriam "assentado faixas de pouso" e tampouco sugeri que os pobres ETs tinham de usar "aeroplanos com asas para aterrissar". Apenas para refrescar a memória de todos: os antigos textos sagrados da índia mencionam aeroplanos de todos os tipos. Eles eram chamados de *vimanas* e não eram descritos de uma forma genérica e sim com detalhes precisos.[17, 18] Nenhuma dessas máquinas voadoras percorreu distâncias interestelares com a ajuda de asas. Para suas surtidas exploratórias na terra, todas saíam, sem exceção, do hangar da nave-mãe. Mas, colocando de lado esse mal-entendido, ainda não consigo aceitar a idéia de fadas morganas em Nazca. Que tipo de fada morgana poderia ter mostrado aos índios simples de Nazca essas complexas pistas e formas geométricas? Passei um longo tempo em Nazca e a observei em todas as horas do dia — e em nenhum momento percebi a mais remota sugestão de uma miragem. E os pilotos a quem perguntei se haviam visto alguma coisa também nunca viram nada.

Ou terá meu conterrâneo, o professor suíço Henri Stierlin, encontrado o fio de Ariadne que nos permitirá sair do labirinto de Nazca? Stierlin interpretou as linhas de Nazca como "os vestígios de gigantescos tecidos".[19] Essa extraordinária suposição se baseia no fato de que os índios de Nazca eram excelentes tecelões. Tecidos de cores maravilhosas foram encontrados em inúmeras sepulturas e cavernas da região de Nazca. Muitos desses produtos têxteis não têm emendas e são efetivamente feitos a partir de *um único fio,* que pode ter vários quilômetros de comprimento. Um desses maravilhosos produtos têxteis foi descoberto numa gruta perto de Paracas. Ele tem 28 metros de comprimento e seus fios totalizam cerca de cinqüenta quilômetros de extensão.

Os índios pré-colombianos não conheciam nem a roda nem o cubo, de modo que não podem ter tido carretéis, bobinas ou eixos para rodas de fiar. De que maneira então, perguntou Stierlin, um suíço extremamente prático, eram dispostos os intermináveis fios

sem que a coisa toda se tornasse um enorme emaranhado de nós? Nazca parecia oferecer a resposta perfeita: eles eram estendidos no chão plano. Desse modo, as linhas longas e ordenadas são os vestígios de gigantescos tecidos.

Confesso que tentei imaginar de uma maneira prática o que acabo de descrever: milhares de índios caminhando vagarosamente em linha reta, um atrás do outro, em fila indiana. Eles têm nas mãos fios de linha colorida que, assim que recebem a ordem, colocam sobre a poeira e a sujeira do chão; a seguir, apanham-nos de novo e seguem em frente. Os laboriosos tecelões devem ter tido com muita clareza o padrão na cabeça, pois não existem esboços ou padrões em papiro. Ora, os produtos têxteis sempre consistem em duas direções, a urdidura e a trama, de modo que as colunas humanas em uma direção devem ter sido cortadas por outras. Os fios de várias cores teriam então de ser puxados para a frente e para trás (e esse movimento talvez tenha sido acompanhado por cantos), pois os padrões sempre envolvem a constante alternância de cores. Nos pontos em que quarenta linhas se cruzavam, a coisa toda deve ter se parecido com uma enorme cama-de-gato!

Onde estão então as pegadas desse ativo exército de tecelões? Onde estão as trilhas sobre as quais o produto final era transportado? E como a teoria de Stierlin explica todos os desenhos na face dos penhascos? Como ela explica as linhas retas, como se traçadas à régua, sobre os vales e as montanhas, numa extensão de até 23 quilômetros? Como ela nos ajuda a compreender as linhas em ziguezague e outras linhas que passam debaixo das pistas?

Fico satisfeito com o fato de tantos cérebros estarem fazendo hora extra para solucionar o enigma de Nazca; toda idéia nova deve ser bem-vinda — desde que as pessoas não apresentem suas idéias infundadas como "soluções científicas".

Até mesmo por trás da antiga Cortina de Ferro os cientistas têm perdido o sono com o enigma de Nazca. Dr. Zoltan Zelko, um matemático de Budapeste, passou anos coçando a cabeça por causa do fenômeno. Finalmente — heureca! — ele foi atingido pelo relâmpago da iluminação: "As linhas são um mapa que corresponde à área de oitocentos metros de comprimento por cem de largura do Lago Titicaca!"[20] Meu Deus, como ele pôde ter essa idéia?

Ao redor do Lago Titicaca existem cerca de quarenta ruínas das épocas incaica e pré-incaica. Se traçarmos linhas imaginárias ligando essas ruínas a certos pontos elevados na bacia do Titicaca, se o Dr. Zelko estiver certo, o sistema de Nazca aparece. Mesmo? O bom Dr. Zelko percebe essa rede de linhas como um sistema para a transmissão de mensagens:

> As notícias poderiam ser passadas com sinais luminosos, através do reflexo de chapas de ouro ou prata ou, à noite, por sinais de fogo. Esses sinais provavelmente eram necessários para orientar os que trabalhavam embaixo, no vale, bem como para avisá-los de ataques iminentes.[21]

Até aqui tudo mal. Entre o lago Titicaca e a planície de Nazca erguem-se maciças cadeias de montanhas que têm entre cinco mil e seis mil metros de altura. Os sinais de Titicaca não teriam ido muito longe! E quaisquer atacantes que pudessem estar ameaçando os índios de Nazca não poderiam de jeito algum ter sido vistos pelas tribos do distante lago Titicaca. Esse lago boliviano está situado a uma altitude de quatro mil metros – do outro lado do mundo no que diz respeito a Nazca.

Uma perspectiva ainda mais elevada é a de Siegfried Waxmann. Ele considera as linhas de Nazca como um "atlas cultural da história da humanidade".[22]

Existem tantas soluções quanto os fios de cabelo na sua cabeça — se vocês ainda tiverem algum depois de tudo isso! Wolf Galicki do Canadá enxerga na confusão de Nazca claros "sinais de uma inteligência extraterrestre". Ah, sim, e "esta é a única perspectiva

capaz de nos fazer entender o imenso planejamento e o incompreensível esforço empregado nisso tudo".[23]

Uma Olímpia pré-histórica?

Voltarei à terra por um instante. Com os dois pés firmemente plantados no chão, o advogado de patentes de Munique, Georg A. von Breunig, vê os desenhos escavados como um campo de esportes pré-incaico. Em homenagem a deuses particulares, ou como parte de competições rituais, ele acha que os corredores indígenas participavam de corridas de velocidade ao longo das linhas e das figuras.[24,25] O "professor da televisão" alemão, Hoimar von Ditfurth, tentou — e por que não? — apoiar essa idéia na tela e imortalizá-la a seguir em uma revista séria.[26] Nos lugares onde a trilha fazia uma curva, propôs Ditfurth, deveria haver uma maior quantidade de pedras e areia do que quando ela seguia em linha reta. Assim sendo, ele tomou providências para que fossem realizadas medições — em duas curvas —, o que deu a ele o resultado que ele estava procurando.

Nessa planície, que se estende por mais de mil quilômetros quadrados, esses hipotéticos corredores teriam sumido de vista até mesmo para pessoas com olhos de lince. Nenhum juiz teria sido capaz de avistar qual a figura que um corredor estava contornando, pois os desenhos só podem ser reconhecidos do ar. Ah, sim, e imagino que a água potável para refrescar os exaustos corredores e cansados espectadores estaria disponível a partir dos *puquios* subterrâneos. Bem, nada é impossível, nem mesmo as idéias do Sr. Breunig, mas elas ainda não explicam as pistas nas montanhas ou os padrões *debaixo* das pistas. Além disso, o programa de televisão que apoiava a hipótese de Breunig "economizou" a verdade. Ele não mostrou nenhuma das inúmeras figuras em Nazca situadas na borda dos penhascos — um assunto do qual voltarei a tratar mais tarde. Ninguém poderia correr velozmente ao longo delas. O programa evitou cuidadosamente mostrar qualquer uma dessas figuras, porque senão a teoria, na melhor das hipóteses, teria sido abalada!

E o que dizer da teoria do calendário de Maria Reiche?

Gerald Hawkins, professor de Astronomia do Smithsonian Astrophysical Observatory em Cambridge, Massachusetts, fez uma viagem a Nazca com alguns colegas. Eles levaram na bagagem o mais moderno equipamento e um computador que tinha informações sobre todas as principais constelações. O programa de computador também continha uma tabela de tempo na qual a posição das constelações nos últimos 6.900 anos podia ser chamada. Depois de passarem várias semanas tirando medidas na região, o computador imprimiu alguns resultados devastadores. Professor Hawkins declarou o seguinte: "Não, as linhas de Nazca não estão orientadas para as estrelas — ficamos desapontados, mas tivemos de abandonar a teoria de um calendário astronômico."[27]

Apesar desse resultado científico claro, ainda podemos encontrar na literatura especializada afirmações de que o fato cie as linhas e os desenhos escavados de Nazca se combinarem para formar um gigantesco calendário astronômico é uma hipótese comprovada. F. claro que Maria Reiche deve estar desapontada ao ver uma teoria que ela defendeu a vida inteira ser derrubada em um piscar de olhos por um computador. Não obstante, sua realização pioneira — a medição e a catalogação de Nazca — permanece inquebrantável.

Assim sendo, Nazca parece desafiar toda e qualquer lógica. Uma teoria após outra é destruída. Não existe então uma solução que poderia convencer todo mundo?

O americano Jim Woodman adotou um caminho prático de investigação. Ele mandou confeccionar um balão triangular de ar quente com fino algodão peruano. Essa engenhoca voadora foi batizada com o nome de Kondor. Sua cesta de 2,5 metros de comprimento por

1,5 de altura foi tecida pelos índios Aymara, do distante lago Titicaca, que usaram canas le-ves para sua confecção. O primeiro vôo de teste teve lugar em Cahuachi, uma das principais cidades dos índios de Nazca: o fogo foi aceso e o ar quente conduzido ao balão. Jim Woodman ejulian Nott subiram na cesta com dificuldade. O Kondor lentamente se ergueu no ar, mas a seguir a cesta se inclinou e os dois viajantes caíram no chão. No entanto, livre do peso deles, o balão subiu e partiu suavemente como o balão de uma criança. Alguns quilômetros depois, o Kondor aterrissou em algum lugar no platô do deserto.[28]

O balão não tripulado deu a fim Woodman uma nova idéia. No Peru, o sol brilha quase todos os dias e a região de Nazca é particularmente quente. Que tal um balão preto feito de um material leve que se aquecesse por si mesmo no decorrer do dia? Será que os incas ofereciam aos seus mortos uma espécie de sepultamento aéreo, ou seus governantes passeavam pelo ar e contemplavam de cima os desenhos escavados?

Por mais naturais e razoáveis que fossem as idéias de Jim Woodman, elas não solucionaram o enigma de Nazca. Em primeiro lugar, os incas, os "Filhos do Sol", nada têm a ver com ele. As trilhas de Nazca são bem mais antigas. Segundo, não sabemos de nenhuma tribo que estivesse familiarizada com o vôo em balões. E se a técnica era conhecida em Nazca, por que não era conhecida em outros lugares? E por que uma invenção tão prática teria caído 110 esquecimento? Os incas mais recentes certamente não voavam em balões. Até mesmo a idéia de que os índios de Nazca enviavam o cadáver dos seus mortos "em direção ao sol" não nos leva nem um pouco adiante. Os balões teriam de acabar aterrissando em algum lugar ou então suas cestas se despedaçariam de encontro às montanhas. De qualquer modo, desde quando balões de ar quente precisam de pistas para subir ou aterrissar? Tampouco a teoria do balão nos fornece qualquer esclarecimento adicional a respeito das linhas em ziguezague *debaixo* das pistas. Tampouco explica as técnicas de medição que o povo de Nazca empregou para criar as gigantescas figuras e desenhos.

Outras abordagens práticas

Em 1977 o arqueólogo residente em Nazca, Josué Lancho, iniciou uma experiência. A idéia na verdade foi de um jornalista da BBC. Seria possível criar uma marca em Nazca utilizando-se apenas equipamentos modernos?Josué Lancho pediu a trinta índios jovens que o ajudassem. Usando três estacas de madeira e cordas, eles conseguiram, em menos de três dias, riscar uma estreita linha reta de 150 metros na superfície do pampa.[29] Mas as linhas retas não apresentam um problema de medição; e na verdade vestígios isolados de estacas de madeira foram encontrados na superfície do deserto de Nazca. O Professor Anthony Aveni e alguns voluntários da organização Earthwatch tentaram então fazer a primeira curva de uma espiral. As pedras foram retiradas da superfície com as mãos e os pés, e reunidas em pequenos montes. A curva foi feita simplesmente estendo-se as cordas a olho. O resultado foi um círculo pequeno e imperfeito com mais ou menos três metros de diâmetro.

As duas experiências demonstraram que linhas *estreitas,* ou seja, linhas com no máximo um metro de largura, são relativamente fáceis de fazer. Mas e as grandes figuras — a aranha, o macaco, o beija-flor? E as pistas e trapezóides largos e quilométricos?

Um incrível projeto está atualmente em andamento no departamento cartográfico do Instituto de Tecnologia e Economia de Dresden, coordenado pelos professores Gunter Repp- chen e Bernd Teichert. Eles estão colacionando todas as figuras e linhas de Nazca em um modelo digital em relevo, em grande escala. Afinal de contas Dresden é a cidade

natal de Maria Reiche, de modo que é bastante correto que seu trabalho seja levado adiante pela universidade local. Depois de uni seminário realizado no Instituto Suíço de Tecnologia em Zurique no dia 10 de outubro de 1996 foi levantada a questão da quantidade de terra da qual pedras haviam sido retiradas. Quantos centímetros cúbicos de pedras haviam sido carregados pelos índios de Nazca? Professor Reppchen acreditava que deve ter sido da ordem de dez mil metros cúbicos. Eu estimo que deve ter sido bem mais porque, além das pistas, precisamos levar em consideração que o topo das montanhas na região de Nazca precisou ser nivelado para que as pistas fossem construídas. Em comparação com a escala dessas operações, as duas pequenas experiências realizadas em Nazca parecem bastante insignificantes.

Os 102 livros, folhetos e artigos que são minha fonte de referência sobre Nazca estão crivados de repetições e conversa fiada, bem como de distorções e erros intencionais. Mencionar todos eles seria não apenas um enfado como também uma imposição aos meus leitores. Por que iriam *meus leitores* querer ouvir que um palestrante universitário relatou aos leitores *dele* que, no meu primeiro livro, *Erinne- rugen an die Zukunft?,* eu deixei de mencionar os franceses Louis Pauwels e Jacques Bergier como minha fonte de referência?[30] Ou que os desenhos de Nazca não foram "queimados na rocha dura com *lasers* extraterrestres", nem "cobertos por uma misteriosa substância de outro mundo", como tudo indica que eu teria informado aos meus leitores. Nenhuma bobagem dessas é encontrada nos meus livros e nem o lixo que segue:

> Segundo a hipótese favorita de Dániken, devemos pressupor (não provado) a existência de vida extraterrestre inteligente, a seguir pressupor que esses extraterrestres visitaram a terra num passado distante (não provado e altamente improvável) e finalmente concluir que esses extraterrestres precisavam construir estranhas pistas (muito difícil de acreditar). Depois de tudo isso, aparentemente, para seu maior divertimento, eles deram instruções aos habitantes do local para que desenhassem no chão figuras gigantescas de pássaros, aranhas, macacos e cobras."

É essa a maneira pela qual a literatura científica procura informar tanto os jovens de hoje quanto a mídia. Não vale a pena responder. Os programas científicos de televisão também são inventados a partir dessas histórias folclóricas, distribuídos a seguir para o mundo inteiro e exibidos para os jovens nas escolas. Eu simplesmente me recuso a perder meu tempo respondendo a essas distorções. Mas como as opiniões podem ser modificadas? Com certeza somente por imagens conclusivas e argumentos convincentes!

Uma afirmação é uma suposição não demonstrada. Faço as seguintes afirmações:

1. Existe nas montanhas de Nazca um grande retângulo de terra raspada, no qual foram colocados dois círculos. Dentro dos círculos há dois retângulos sobrepostos e no centro existe uma "coroa" de linhas que se irradiam.
2. Esse misterioso padrão está ligado a duas formas geométricas adicionais: à direita e à esquerda, na diagonal e atrás delas existem outros círculos com subdivisões geométricas. Podemos imaginar uma vela gigante: no centro do primei- ro plano situa-se o segmento principal com a "vela grande" atrás.
3. Na borda de um penhasco na região de Nazca há o desenho de um enorme "tabuleiro de xadrez", composto por mais de mil pontos e listras — um trabalho delicado feito com grande precisão.
4. Nas montanhas ao redor de Nazca existem figuras que chegam a ter quarenta metros de altura e algumas só foram descobertas muito recentemente. Elas usam "capacetes", dos quais freqüentemente brotam o que parecem ser antenas gigantes.

5. Pessoas fizeram desenhos escavados em outras regiões da terra, além do Peru. Sinais para os deuses.
6. No Chile, a uma altura de 2.400 metros, foi descoberto o rastro de uma pista. Ela é tão antiga que formações geológicas a cobriram parcialmente nos últimos milhares de anos.
7. Será impossível descobrir um sistema unificador para a região de Nazca. Tudo que foi ali encontrado surgiu em épocas diferentes e foi feito por tribos indígenas com diferentes idéias e perspectivas.

No próximo capítulo tentarei apresentar provas cias minhas afirmações.

Notas

1. Bray Warwick, "Under the skin of Nazca", *Nature,* vol. 358, 2 de julho de 1992.
2. "Das Alter der Nazca-Scharrbilder", *Neue Zürcher Zeitung,* 2 de setembro de 1992.
3. Anthony F. Aveni e Helaine Silvermann, "Between the Lines. Reading the Nazca Markings as Rituals Writ Large", *The Sciences,* New York Academy of Sciences, julho/agosto de 1991.
4. Ilelaine Silvermann, "Beyond the Pampa: The Geoglyphs in the Valleys of Nazca", *National Geographic Research and Exploration,*
1990, pp. 435-56.
5. Aldon |. Mason, *Das alte Peru, Eine indianische Hochknltur,* Zuri- que, 1957.
6. Simone Waisbard, "Nazca — Zeichen in der Wüste", *Die letzten Geheimnisse unserer Welt,* Stuttgart, 1977.
7. Robert L. Forward, "Ad Astral", *Journal of the British Interplanetar}' Society,* vol. 49, 1996, pp. 23-32.
8. Gregory L. Matloff, "Robosloth —a slow interstellar Thin-Film Robot", *lonnial of the British Interplanetary Society,* vol. 49, 1996, pp. 33-6.
9. Waisbard, *op. cit.*
10. *Ibid.*
11. Michael I). Coe (ed.), *Die Nazca Scharrbilder,* Munique, 1986.
12. Albrecht Kottman, *Uralte Verbindungen zwischen Mittelmeer und Amerika. Gleiche Malieinheiten beidseits des Atlantiks,* Stuttgart, 1988.
13. Evan Hadingham, *Lines tu the Mountain Gods,* Londres, 1987.
14. William H. Isbell, "Die Bodenzeichnungen Altperus", *Spektrum der Wissenschaft,* dezembro de 1978.
15. Helmut Tributsch, *Das Ratsei der Götter — Fata Morgana,* Frankfurt/Main, 1983.
16. *Ibid.*
17. Dileep Kumar Kanjilal, *Vimana in Ancient India (Aeroplanes or Flying Machines in Ancient India),* trad. Julia Zimmermann, Bonn,
1991.
18. Lutz Gentes, *Die Wirklichkeit der Götter. Raumfahrt im frühen Indien,* Munique/Essen, 1996.
19. Henri Stierlin, *Nazca, la clef du mystere,* Paris, 1982.
20. "Ist das Linienssystem in der Nazca-Ebene eine Landkarte?", *Voralberger Nachrichten,* Bregenz, 16 de maio de 1981.
21. *Ibiil.*
22. Siegfried Waxmann, *Unsere Lehrmeister aus dem Kosmos,* Ebersbach, 1982.
23. Wolf Galicki, *The Nazca Desert "Chart",* Denman Island, liC, 1978.
24. Georg A. von Breunig, "Nazca: A pre-Columbian Olympian Site?", *Intercienca,* vol. 5, n.

4, 1980.

25. Georg A. von Breunig, *Nazca, A Gigantic Sports Arena? A New Approach for Explaining the Origin of the Desert Markings iti the Basin of Rio Grande in Southern Peru,* University of Northern Colorado, Museum of Antropology, s.d.
26. Hoimar von Ditfurth, "Warum der Mensch zum Renner wurde", *Geo,* n. 12, dezembro de 1981.
27. Gerald H. Hawkins, "DieBodenzeichnhngen Altperus", *Spektrum der Wissenschaft,* dezembro de 1978.
28. Jim Woodman, *Nazca,* Munique, 1977.
29. Tony Morrison, *Das Geheimnis der Linien von Nazca,* Basel e Stuttgart, 1987.
30. Kenneth L. Feder, *Frauds, Myths and Mysteries. Science and Pseudoscience in Archaeology,* Central Connecticut State University, s.d.
31. *Ibid.*

4

ARGUMENTOS EM DEFESA DO IMPOSSÍVEL

Torne-se primeiro impopular;
Depois as pessoas o levarão a sério.
KONRAD ADENAUER, 1876-1967

— Eduardo – disse eu ao piloto chefe DA Aero Condor —, a esta altura já conheço bem a planície de Nazca. Vamos fazer uma coisa diferente. Eu gostaria de voar em círculos cada vez maiores, de Nazca às montanhas, de uma maneira que eu consiga avistar cada vale, montanha e face de penhasco.

Isso aconteceu no outono de 1995.

— Isso vai demorar — disse Eduardo sorrindo. — E vai custar caro!

— Mas quero fazer assim mesmo. Estarei todos os dias na pista de pouso às seis e meia da manhã e, de novo, às cinco da tarde. Vamos tirar a porta do lado do co-piloto para que eu possa ter uma visão bem clara.

Foi exatamente o que fizemos. Pendurei no pescoço três máquinas fotográficas com diferentes lentes, enchi os bolsos com filmes e me sentei, inclinado para a frente, no banco do co-piloto. Coloquei o pé direito do lado de fora da cabine so- bre uma saliência que era na verdade um degrau para os passageiros que entrassem no avião. Afivelei o cinto de segurança em volta do quadril e também estava preso a uma pequena corda atravessada no ombro. Depois de tomar essas medidas de segurança, decolamos, dia após dia.

Logo depois da primeira decolagem, Eduardo subiu em espiral a 1.300 metros acima do pequeno aeroporto de Nazca.

— Gostaria de mostrar para você uma coisa que só descobrimos recentemente! — gritou Eduardo. A seguir, ele voou na direção do topo de uma encosta de aparência árida.

— Ali! Você está vendo?

No início eu não vi nada. A encosta era marrom e rochosa, a mesma cor monótona de todos os outros lugares. Mas, quando a sobrevoamos uma segunda vez, percebi desenhos retangulares na encosta superior e a seguir figuras que pareciam robôs com capacetes, nos quais estavam penduradas faixas semelhantes a fitas.[1741] Finalmente, avistei o contorno de uma criatura com vinte metros de altura, difícil de ser percebida e, por ser marrom sobre marrom, impossível de aparecer numa fotografia. A cabeça tinha dois olhos redondos gigantes. O alto da testa formava um triângulo e do crânio nasciam várias "protuberâncias", Semelhantes a tentáculos, maiores do que o corpo inteiro. Este último era delicadamente construído. Pernas e braços finos se projetavam de um tronco que era apenas duas vezes maior do que a cabeça. Mas o corpo também estava equipado dos dois lados com tentáculos.

— Qual o nome dessa montanha? — perguntei.

— Ela não tem nome! — ele gritou no meu ouvido. — Nós a chamamos de Cerro de los Astronautas (morro dos Astronautas)!

Esse certamente não é um nome que os cientistas terão prazer em adotar!

Em 1983, numa encosta mais baixa, foi descoberta uma figura bastante semelhante. A literatura científica a descreveu como um "ser místico com tentáculos cuidadosamente desenhados".[1] Os especialistas a consideram um ser fabuloso ou "divindade da água". (A localização exata para aqueles que gostariam de ver por si mesmos esse ser é: longitude: 14° 42' 26"; latitude: 75° 6' 38".)

[74]

[75]

Existe outra figura em Nazca geralmente chamada de "el Astronauta". Ela adorna a encosta escarpada de uma colina na extremidade sul do pampa de San José e tem 29 metros de altura.[75] O crânio é dominado por dois olhos redondos, as proporções do corpo são normais e os pés parecem estar calçando sapatos deselegantes. A posição dos braços é interessante: um aponta para o céu e o outro para a terra. Estará ela nos dizendo alguma coisa a respeito da ligação entre a terra e os céus? A figura está contida entre duas linhas verticais. Originalmente deve ter havido outras figuras nessa encosta — podemos perceber vagamente os vestígios do seu contorno. Toda a imagem tem um incrível efeito tridimensional quando o sol se encontra em uma determinada posição e ela se torna visível de baixo, como se emergisse das montanhas. No topo de uma colina há uma seqüência de imagens menores — vários animais alinhados um atrás do outro como numa revista em quadrinhos e também criaturas com longas caudas,

como as dos dinossauros. Eu diria que são amigos da coleção de Cabrera! Infelizmente, as fotografias que eu tirei do lugar não saíram boas. Ainda estou irritado comigo mesmo por não ter pedido ao Eduardo para fazer a volta para que eu pudesse tirar mais fotos. A fotografia [76] apresentada neste livro mostra apenas uma parte dessa "galeria de arte".

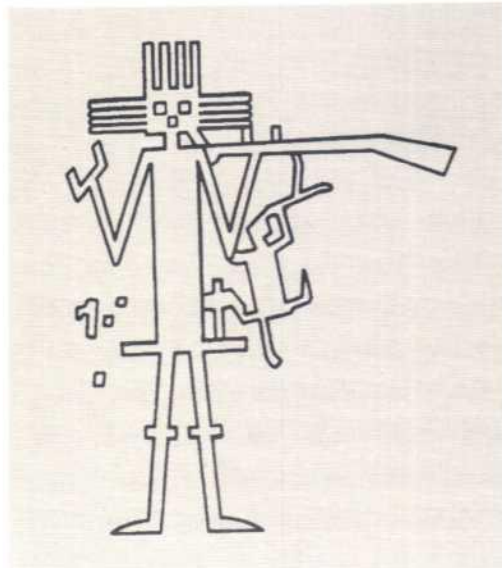
[76]

Figuras reluzentes

As imagens dos "seres com antenas" estão bem melhores. Uma figura de vinte metros de altura[77] ondula a partir da base de uma encosta. Ela usa um chapéu com uma aba larga e antenas se estendem para cima a partir desse adorno de cabeça. Os braços estão bem abertos como se a figura estivesse dançando, e a criatura segura uma coisa em cada mão que não sabemos bem o que é. Existem várias dessas figuras.

Particularmente impressionante e estimulante é uma imagem com mais de 25 metros de altura e cerca de vinte metros de largura.[78] Eu nunca a vi mencionada em nenhum outro lugar na literatura a respeito de Nazca. À esquerda, há uma criatura de aparência mística — seja lá o que místico possa significar —, com uma cabeça triangular, grandes olhos redondos e uma boca pequena e também redonda. A cabeça é rodeada por uma grinalda de linhas em ziguezague que parecem pétalas de flor ou penas estilizadas. Dos ombros caem largos tentáculos do comprimento do corpo, guarnecidos nas extremidades com círculos ou pequenos crânios. À direita dessa figura existe outra, que parece um robô. Nove linhas retas se projetam da sua cabeça em três direções diferentes. A parte inferior do corpo se estende como um vestido ou a vela de um barco. Bem perto dessa criatura está a cabeça de uma criança e, acima dela, há outro "ser com antenas" cuja imagem já não está tão clara.

[77]

[78]

[79]

Os teóricos de Nazca deveriam ter essa imagem em alta consideração. Por quê? Porque uma "cópia" dela pode ser vista no norte do Chile sobre a encosta árida de uma montanha sobre o deserto de Taratacar. Ela foi descoberta pelo general da força aérea chilena Eduardo Jensen. A figura é chamada de "Gigante de Cerro Unitas" e tem 121 metros de altura. A região de Taratacar faz parte do grande deserto de Atacama. Lamentavelmente, o lugar também está dentro da área da prática de tiro da força aérea chilena, de modo que a gigantesca figura é continuamente atingida e até mesmo usada como alvo. À semelhança da sua "gêmea" em Nazca, a cabeça do "Gigante de Cerro Unitas" está equipada com "antenas". O corpo da figura chilena também é retangular e sua extremidade inferior é fechada por uma 'Viga transversal". Em ambas as figuras, os braços estão dobrados formando um ângulo e terminam em tenazes toscas.[79] A única diferença é que a cópia chilena tem um pequeno macaco no braço direito, embora a gêmea de Nazca também

possa originalmente ter tido um.

Como isso aconteceu? Deveríamos parar para pensar, pois Nazca e a área de tiro de Taratacar estão separadas por uma distância de 1.300 quilômetros de vôo.

Muitas figuras extremamente parecidas com as das encostas das montanhas podem ser encontradas nas cerâmicas de Nazca. Não é fácil responder à difícil pergunta sobre quem veio primeiro, as cerâmicas ou as figuras. Acredito que as figuras nas montanhas tenham surgido primeiro, porque elas teriam sido permanentemente visíveis para os índios que as contemplavam das alturas. Este *não* é o caso das figuras na superfície do deserto, que só podem ser vistas se voarmos sobre elas. É preciso que seja dito que existem cerâmicas em Nazca que ostentam motivos semelhantes, embora não idênticos, aos da superfície do deserto. Então o que veio primeiro, as cerâmicas ou os desenhos escavados? Se as cerâmicas surgiram primeiro, teremos de perguntar como os índios conseguiram ampliar os desenhos para proporções tão gigantescas. E se os desenhos escavados vieram primeiro, onde se colocaram os índios para ser capazes de percebê-los com clareza suficiente para transferir os desenhos para as cerâmicas? 0 mesmo se aplica aos produtos têxteis.

A maioria das figuras nas montanhas está equipada com "'antenas", "tentáculos" ou grinaldas.[80, 81] No entanto as do pampa não estão. Seriam as figuras com "grinaldas de raios" uma representação de indivíduos particularmente importantes e misteriosos? Seres que existiam num *nível mais elevado* do que o das pessoas comuns? Deuses?

Esta suspeita é confirmada pelas escavações realizadas em Sican, ao norte de Lima, na região de Lambayeque (perto Batan Grande). Arqueólogos peruanos e japoneses traball ram lá durante 16 anos, até que seus esforços foram coroa(por uma descoberta fenomenal. Em 1991, foram descober sepulturas impressionantes a dez metros de profundidade c continham tecidos e cerca de cinqüenta quilos de pedra metais preciosos, entre eles a máscara de ouro do "Deus Sican".[82] A palavra "Sican" deriva da antiga linguagem dos Muchiks, também chamados de os Mochica na Colômbia e no Equador, e significa Templo da Lua. A figura segura nas m; estranhas "varas cerimoniais", às vezes interpretadas como "cetros". De cada lado da sua cabeça se projetam quatro "antenas". Isso faz vocês se lembrarem de alguma coisa?

Visível apenas para os deuses!

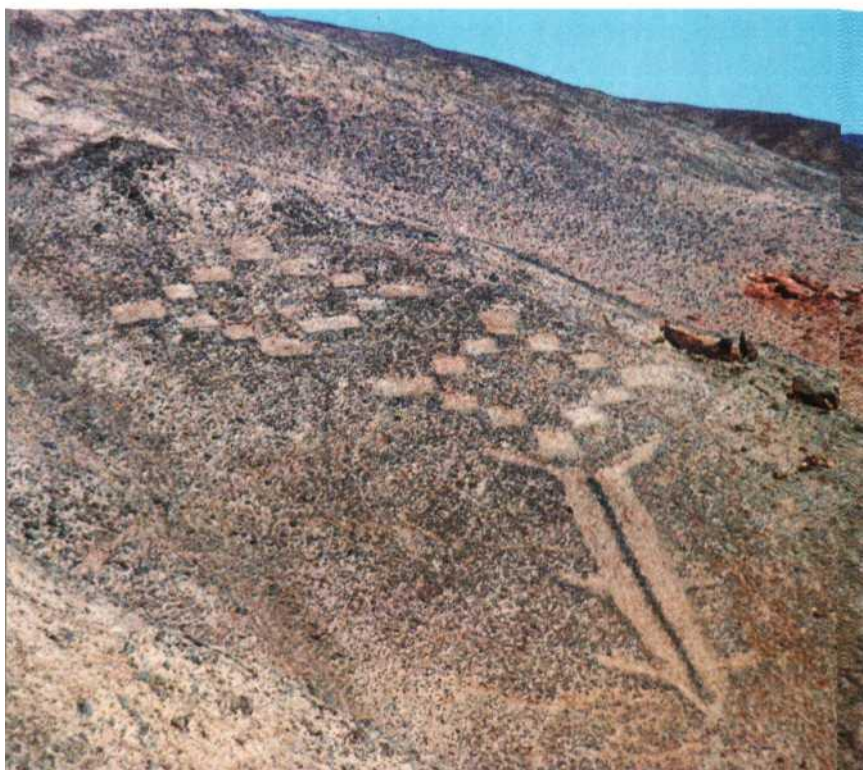
Dificilmente pode ser negada a semelhança entre imagens encontradas a uma certa distância umas das outras. Elas não podem representar apenas deuses da água e deuses das montanhas.

Como poderiam? Qual a relação com a água das "figuras com raios" de Nazca ou "el Astronauta" no alto de uma colina? Os deuses das montanhas concebidos pela arqueologia também não são convincentes. Se eles são "deuses das montanhas", certamente teriam de revelar uma conexão intrínseca comas montanhas, mas eu não consigo perceber como alguém poderia interpretá-los dessa maneira! O robô de Taratacarno norte do Chile adorna a encosta de uma montanha no deserto. Como poderia ele ser um deus da água, se lá não existe água? E ele também não pode ser considerado um deus da montanha, assim como os Pintados no deserto de Atacama também não podem. Estes também estão no Chile, a noroeste de Antofagasta, perto da pequena cidade de San Pedro de Atacama. Exatamente onde o Padre Le Paige construiu seu museu. (Talvez vocês se lembrem de que foi ele que disse haver encontrado túmulos com esqueletos de extraterrestres.)

[80]

[81]

[82]

[83]

Essa região quase que poderia estar em Marte: ela é totalmente seca, sem uma gota de água em quilômetros de extensão. Curiosos desenhos na terra, criados da mesma maneira que os de Nazca, estão gravados na encosta das montanhas da área. Mas não existem nem pistas nem linhas retas estreitas. Além disso, eles obviamente não foram feitos simplesmente para passar o tempo. Para os índios que moraram lá, num calor escaldante, esses sinais — por exemplo, os dois retângulos com uma seta entre eles — devem ter representado uma espécie de mensagem. Cada lado dos dois retângulos é formado por quatro círculos. Saindo do retângulo inferior, uma seta dupla aponta para baixo.[83] Não existe água no local, nem mesmo um curso de água subterrâneo. E existe também o "deus voador com a roda", que consiste em dois triângulos, sendo que o superior encerra dois olhos e uma grande boca. Do lado direito e do esquerdo estendem-se duas asas e sobre a imagem como um todo está suspensa uma roda, subdividida em vários segmentos.[84] Há ainda outras formas que fazem lembrar hieróglifos: a linha superior contém dois símbolos, a linha seguinte, oito e a última, outros dois. À direita, temos ainda um grande círculo e várias "pessoas com antenas".[85, 86] E não se trata de pequenos desenhos, como os encontrados nas pinturas das cavernas, e sim representações com até vinte metros de altura na encosta de uma montanha, apontando para o céu.

Mais extraordinária ainda é a "escada com uma seta".[87] Ela começa com um largo traço horizontal escavado na colina, o qual é cortado por uma escada vertical cuja extremidade inferior se transforma numa seta. A imagem como um todo é rodeada por figuras indefiníveis, um animal com um pescoço comprido e várias superfícies retangulares.

Esses Pintados no deserto chileno são tão incompreensíveis como os desenhos do pampa de Nazca. Estes últimos, pelo menos, representam coisas mais ou menos identificáveis como pássaros, um peixe, uma aranha e um macaco, enquanto os intados exibem um estranho tipo de geometria. Por exem- lo, uma linha vertical corre por uma extensão de 25 metros m direção ao topo do ponto mais elevado. No alto, a linha terrmina num círculo. [88]

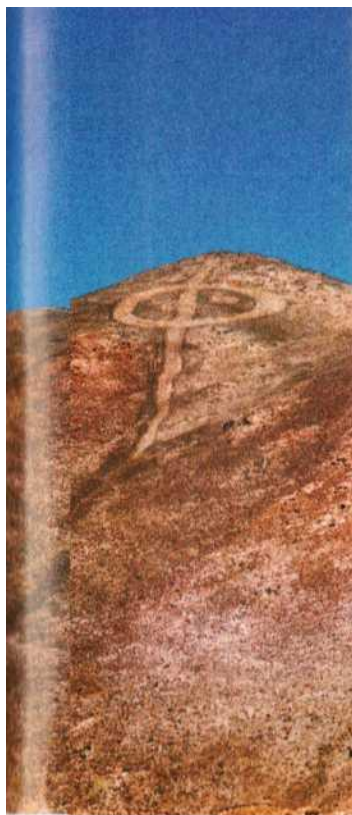
Também há desenhos nos penhascos da região, como uma gura sem braços com raios emanando da cabeça, rodeada de animais.[89] Conheço representações semelhantes a milhares e

quilômetros de distância — as dos aborígines da Austrália, xiste uma enorme quantidade delas nas montanhas Kimberley. Exatamente como lá, podemos ver desenhos nos penhascos do deserto de Atacama que aparentemente retratam arcos. Podemos ver em cada "barco" o contorno rudimentar e duas formas humanas. Encontramos ainda, no deserto de Atacama, deuses (se é isso que eles são) com "varas ou cetros cerimoniais", semelhantes ao deus de Sican no Peru.

[84]

[8

[86]

[87]

[88] [89]

Estudar Nazca separadamente de outros lugares não é uma boa idéia. Além do Chile, muito ao sul de Nazca (e mesmo no Chile, o deserto de Atacama não é o único exemplo), existem outros locais onde podem ser encontrados sinais apontando para o céu. Cito a seguir três outros lugares que podem ser do interesse dos pesquisadores de Nazca, caso eles desejem ampliar seus horizontes.

No solo desértico de Majes e Sihuas na província peruana de Arequipa existem gigantescos desenhos escavados que apontam para o céu. Grandes desenhos escavados são vistos no trecho entre a cidade de Mollendo, no sul do Peru, e as montanhas da província chilena de Antofagasta. Tudo feito para os olhos dos deuses. E eles não só aparecem no interior do país, como também na costa.

No Chile, na cordillera de Chicauma, a alguns quilômetros de Lampa, mas a uma altura de 2.400 metros, foram encontrados 140 sinais que *não* tinham sido escavados no chão. Eles apontam para os céus e consistem em pequenos muros e montes de pedras. Entre eles existe uma pista que, sem dúvida, é pelo menos tão antiga quanto a mais antiga pista de Nazca. Seja lá quão antiga seja ela. Por que eu sou dessa opinião? Porque formações rochosas se formaram *sobre* ela! A fotografia[90] que me foi dada pelo jornalista chileno Jaime Bascur não é de muito boa qualidade, mas é boa o suficiente para mostrar os detalhes proeminentes. Por que então ela tem necessariamente de ser uma "pista"? Porque começa e termina abruptamente. Ela não pode ser uma estrada entre A e B; e se alguém achar que ela tem alguma relação com os deuses das montanhas, essa pessoa, até onde consigo ver, é definitivamente um caso perdido.

Os sinais que apontam para o céu estavam então restritos ao povo que vivia ao sul de Nazca? De modo algum! Os amplos campos de lava no deserto mexicano de Sonora estão adornados com marcas semelhantes.

Mais ao norte, na fronteira do México com a California, situa-se o deserto de Macahui. A área tem um pouco de mato e alguns arbustos, e é por isso que o mistério de Macahui não foi imediatamente visível do ar. A região se estende em direção ao norte da estrada

existente entre Tijuana e Mexicali. Ali, numa área de quatrocentos quilômetros quadrados, foram descobertos sinais que haviam sido escavados no chão e que até hoje ninguém conseguiu explicar. Parte deles consiste em círculos -um depois do outro até onde é visível. Depois, há retângulos, meias-luas, círculos com vários compartimentos, anéis entrelaçados e formas semelhantes a gotas. As dimensões dos sinais individuais chegam a ter quarenta metros. Ao contrário de Nazca, lá não existem imagens de animais ou seres humanos -pelo menos não no lado mexicano da fronteira. Quero fazer uma rápida advertência aos entusiastas que possam querer ir até lá e tirar fotografias sobre o fato de que essa região está situada *nos dois* lados da fronteira e certamente uma permissão se faz necessária para uma visita ao lado americano. Além disso, cobras venenosas pululam debaixo de cada pedra!

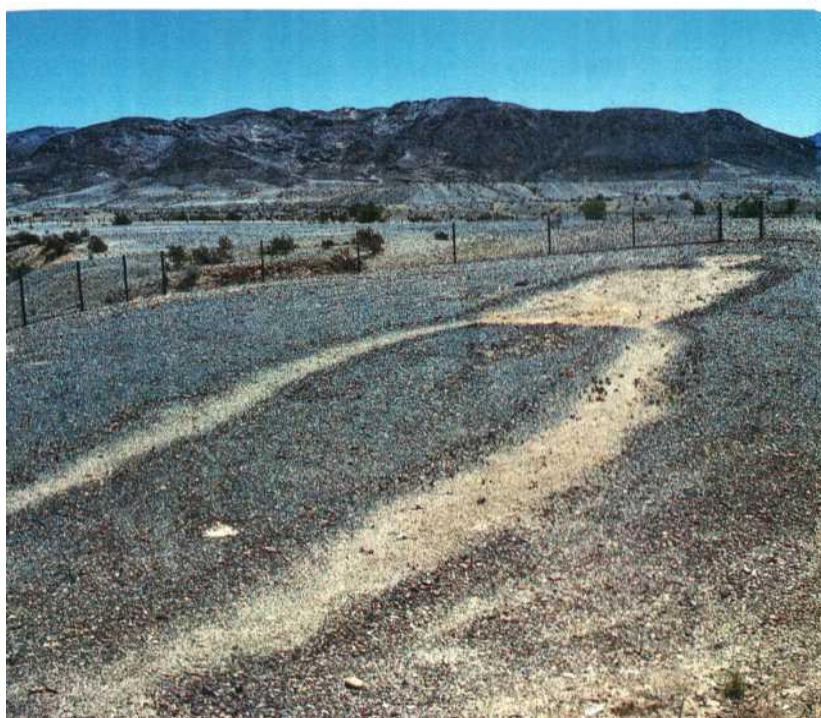
[90]

Mais ao norte, não muito longe da pequena cidade de Blythe, à margem do rio Colorado, existem figuras de pessoas e animais que chegam a ter cem metros de altura e que só podem ser vistas do ar. [91, 92] Elas foram escavadas no chão como as figuras de Nazca.

No Arizona, perto de Sacaton, existe uma figura humana de 46 metros de comprimento.

Mais ao norte, entre as montanhas Rochosas e os Apalaches, há aproximadamente 5.000! "colinas com imagens", chamadas Indian Mounds (montes dos índios). Elas retratam pássaros, ursos, cobrase lagartos, e freqüentemente continham as sepulturas de grandes chefes. Embora saibamos quem fez essas imagens particulares, vale a pena observar que os motivos só podem ser adequadamente vistos do ar.

[91]

[92]

Uma perspectiva irresistível

Ninguém pode negar que em toda a América — do Norte, Central e do Sul — muitas comunidades indígenas se dedicaram à prática ou ao culto de gigantescos desenhos na terra. Igualmente indiscutível é o fato de que a maioria dessas imagens só pode ser vista do ar. Como podem as pessoas continuar a falar a respeito de "deuses da água e das montanhas" depois de ver imagens como as reproduzidas neste livro? Não deveria a pesquisa científica

se expandir além dos limitados horizontes de Nazca? 0 método científico normal envolve levar em conta todos os possíveis aspectos de um problema e procurar um fator comum que possa explicá-lo. No caso de Nazca, esse tipo de procedimento foi obviamente descartado. Qualquer pessoa que um dia possa ter visto o lado de dentro de uma universidade tem permissão para se considerar um especialista no assunto. Se ela possuir um título académico, melhor ainda.

Qual o fator comum a praticamente todos os desenhos da terra? *O fato de eles só poderem ser vistos do ar.* Eles estão situados nos mais diferentes tipos de lugares e regiões — nos desertos, na encosta das montanhas, a uma altura de 2.400 metros, nas planícies gramíneas (como nos Indian Mounds) ou sobre superfícies de cascalho. Independentemente de onde eles estão, permanece o fato de que eles só podem ser vistos do ar. A teoria do balão de Jim Woodman foi experimentada em Nazca. Por que não no Chile ou no México também? Lá também há gigantescos desenhos escavados — mas não existem pistas.

A teoria do Professor Aveni se baseia no comportamento dos índios de Cuzco *de hoje em dia*. As mesmas pessoas estavam ativas no deserto mexicano de Sonora? A arqueóloga Si mone Waisbard acha que o "livro de imagens" de Nazca tinha a função de "medir a precipitação atmosférica". E o que dizer do "Gigante de Cerro Unitas" no Chile? Seriam suas antenas úteis para avaliar a precipitação atmosférica? Que precipitarão? Não chove no deserto, nem no inverno nem no verão. Ds retângulos em Nazca eram aparentemente "locais cerimoniais". E aqueles nas encostas escarpadas perto de San Pedro Je Atacama? Lá também existem retângulos escavados, mas o ugar dificilmente pode ter sido um local adequado de reunião ?ara os devotos peregrinos por causa da inclinação da encosta.[93] E a idéia da "terapia ocupacional" do Professor Isbell? Ela também se aplicava aos índios mexicanos na região de sértica de Macahui? E o que dizer da fada morgana do Professor Tributsch? Ela não é adequada a Nazca, que dirá ao deserto de Atacama.

[93]

E assim a coisa continua — uni catálogo de lixo acadêmico. Nada pode ser provado, mas cada pessoa acha que sua teoria está demonstrada. E ninguém olha além do quintal de Nazca. Esta última já é uma salada mista com todos os tipos possíveis de ingredientes, na

qual cada opinião bem- intencionada é contrariada por outros fatos. Os balões de ar quente de Woodman não precisam de pistas; as linhas estreitas não são um calendário astronômico; as pistas não podem ter nenhuma relação com os deuses das montanhas e os atletas indígenas que supostamente corriam ao longo das linhas das figuras e das formas não podem ter feito isso na encosta das montanhas.

Um único fato permanece inabalável: os sinais só são adequadamente reconhecíveis do ar. Aliás, também existem sinais desse tipo na Inglaterra, no lago Arai perto de Ustjurt e no deserto da Arábia Saudita.[2]

Como este é o fator comum, unificador, precisamos admitir que nossos antepassados ao redor do planeta pelo menos *acreditavam* que alguém "lá em cima" iria ver suas imagens. Contrariando a acusação às vezes dirigida contra mim de que eu acho que os povos antigos não eram particularmente inteligentes, eu diria que eles eram na verdade muito bem-informados. Eles certamente não eram estúpidos a ponto de fazer enormes marcas no chão, geração após geração, sem nenhuma esperança de que elas fossem vistas por certos deuses. Mas que deuses? Todas as sugestões que surgem das trevas e da névoa da psicologia são inúteis, visto que só são válidas dentro de certos parâmetros limitados. Quem quiser pode procurar deuses das montanhas em Nazca — mas não, pelo amor de Deus, no deserto de Sonora! Aqueles que pensam que os índios de Nazca eram idiotas a ponto de assentar linhas gigantescas em consideração aos deuses da água podem se agarrar a essa teoria, se o desejarem — mas ela não pode ser produzida como um coelho saído da cartola de um mágico para explicar o "Gigante de Cerro Unitas", porque isso está realmente além dos limites da possibilidade.

Quem foi então o primeiro a procurar "deuses voadores" no firmamento? Este tema é obviamente universal — toda cultura possui sua própria versão. Mas essa explicação não é suficiente, pois esses "deuses celestes" não surgiram simplesmente de uma imaginação iludida. Esses deuses foram reais um dia. Quem quer que rejeite categoricamente essa proposição não tem nenhuma noção de literatura indiana,[3, 4] nada sabe a respeito dos ditados do profeta antediluviano Enoque[5] e nunca ouviu falar no *Kebra Negest*.[6] Neste último, no livro "Glória dos Reis", são descritos vários vôos feitos pelo Rei Salomão; é feita inclusive menção à velocidade na qual o rei viajou. Faço a seguir uma citação:

> O rei e todos os que obedeciam ao seu comando *voaram na carruagem* sem doença ou sofrimento, sem fome ou sede, sem suor ou cansaço. *Em um único dia eles completaram tuna jornada de três meses*... além de várias outras carruagens, ele [Salomão] também deu a ela [a rainha de Sabá] uma que *voava através do ar,* que ele havia preparado de acordo com a sabedoria coin que Deus o havia contemplado [itálico meu]

E continuando:

> Há muito tempo as pessoas da terra do Egito passaram por este lugar em uma carruagem como a dos anjos e mais rápida do que a águia no céu.

Quero ainda inserir dois exemplos extraídos da literatura indiana para mostrar a qualquer pessoa que ainda queira contestar o vôo pré-histórico:

> O rei [Rumanvat] então se sentou com suas servas do harém, suas esposas e seus dignitários *na carruagem celeste. Eles chegaram à vastidão do firmamento e seguiram a rota dos ventos. A carruagem celeste voou ao redor do planeta, sobre os oceanos* e foi então conduzida na direção da cidade de Avantis, onde acontecia um festival. Depois dessa curta pausa na jornada, o rei partiu uma vez mais na frente de

> inúmeras pessoas que haviam se reunido para admirar a carruagem celeste |itálico meu][7]
>
> Arjuna desejou que a carruagem celeste de Indra fosse até ele. E com Matali a carruagem chegou de repente num esplendor de luzes, banindo as trevas do ar e iluminando as nuvens, invadindo todos os lugares com um barulho semelhante ao trovão...[8]

Ninguém vai conseguir me convencer de que tudo isso foi um desejo insatisfeito, explicável psicologicamente, ou a licença poética de biógrafos desejosos de exaltar seus governantes. Conversa fiada! Conheço os textos antigos com suas descrições precisas, nos quais as diversas ligas de metal utilizadas, bem como os sistemas de armas, são relacionados com exatidão.[9] Há muito tempo já perdi o hábito de ver uma coisa quando estou lendo outra.

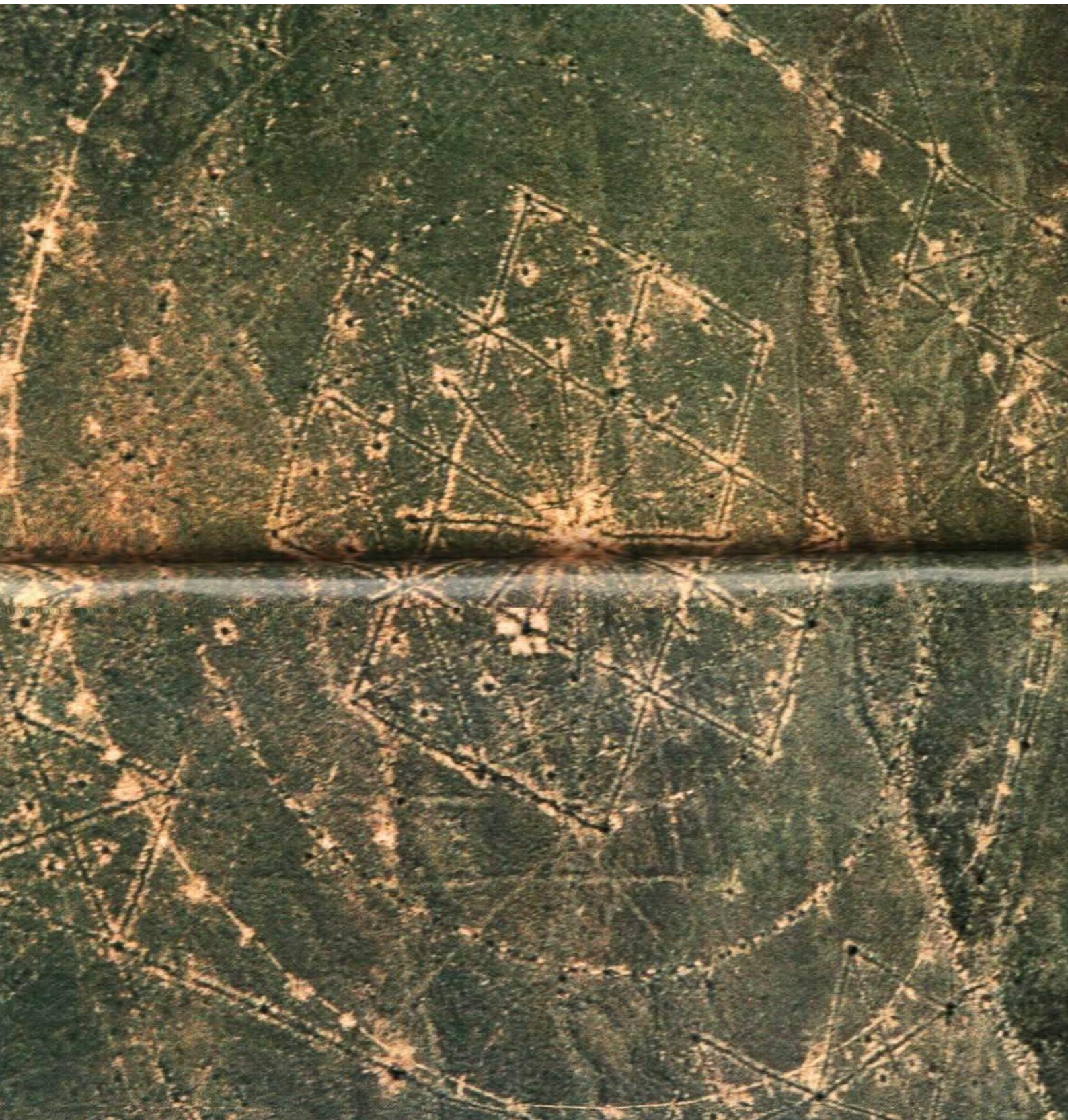
Sempre que as pessoas voam, elas precisam, pelo menos, de instrumentos primitivos ou de uma simples orientação de aterrissagem. Onde eles podem ser encontrados em Nazca?

A descoberta fenomenal!

Na primeira vez que vi a forma lá embaixo eu achei que estava vendo coisas — que estava tendo algum tipo de ilusão de ótica. Pedi ao piloto, Eduardo, que sobrevoasse de novo o local várias vezes. E quando o avião atingiu oitocentos metros de altitude, eu vi o segundo fenômeno, ligado ao primeiro. Além das fotos costumeiras, eu tirei duas com uma câmera instantânea. Mais tarde, sentado à sombra enquanto tomava um refrigerante, examinei as fotos — sem sonhar que o dia seguinte iria proporcionar-me duas surpresas ainda maiores.

Primeiro, vi um grande círculo em cuja circunferência havia mais de sessenta pontos. Percebi então, dentro do primeiro círculo, um outro menor, com inúmeros pontos menores na sua circunferência. No centro havia dois retângulos sobrepostos, cada um dividido em oito quadrados.[1941] Esses quadrados eram divididos diagonalmente por linhas que partiam de cada ângulo e, bem no meio da forma, havia um feixe de 16 linhas que se irradiavam para fora. O que era aquilo? Na segunda foto, percebi que o padrão geométrico como um todo era circundado por dois quadrados gigantes situados diagonalmente um sobre o outro.

A primeira coisa que me ocorreu foi que se tratava de algum tipo de mandala, como as que os tibetanos e os hindus usam na prática da meditação. Os índios norte-americanos têm algo semelhante, que eles chamam de pinturas na areia, compostas por muitas cores e formas geométricas. Se o complicado padrão geométrico que eu tinha diante de mim era algum tipo de mandala, ela tinha necessariamente de ser uma falsificação moderna. Ou talvez algum professor tenha levado uma turma para Nazca e feito com que os alunos traçassem as linhas para se divertir. Eu havia tirado minha fotografia nas montanhas de Palpa, situadas a cerca de 12 minutos de vôo da pista de pouso de Nazca. As montanhas no local são bastante áridas; a região parece o inferno na terra. Essa forma geométrica era tão complicada e sua escala, tão grande — aproximadamente quinhentos metros de diâmetro — que o grupo de falsificadores deve ter passado um tempo enorme debaixo do calor sufocante. E suas pegadas e a marca dos pneus dos carros deveriam estar visíveis. Ninguém vai para o inferno de chinelo! Nem mesmo o exército peruano — e seus veículos teriam deixado marcas no chão. Olhei repetidas vezes para a fotografia. Certas linhas individuais não pertenciam à forma geométrica. Mais tarde, quando pude comparar essas fotos com as

fotografias tiradas com outras câmeras, percebi que as linhas mais fracas pertenciam à rede das linhas de Nazca. Pedi a Eduardo, e também a outros pilotos, que me dessem sugestões a respeito de quem poderia ter realizado essa moderna falsificação.

— Os desenhos não são modernos, nem falsos — eles sempre estiveram ali!

— Por que então eles não são mencionados em nenhum dos guias turísticos de Nazca? Não me lembro de ter visto nenhuma fotografia deles antes — disse eu meio em dúvida.

Eles me disseram que, em primeiro lugar, o diagrama não estava na planície de Nazca e sim em Palpa, e, em segundo lugar, ninguém sabia como explicá-los. Por isso todos ficaram quietos.

Eu não conseguia parar de pensar na forma geométrica. No dia seguinte, voltamos a sobrevoar o local. Somente então, de uma grande altura, reparei que a primeira "mandala" estava ligada a uma segunda, e depois — de uma altura ainda maior — a uma terceira.[|,|S 961] Era simplesmente extraordinário! Eu podia esquecer quaisquer idéias a respeito de uma falsificação moderna — as proporções da coisa como um todo eram suficientes para descartar essa possibilidade. As três formas juntas se estendiam por mais de um quilômetro. Além disso — o que tornava tudo ainda mais misterioso —, uma fenda geológica corria pelo meio do padrão. Ela começava em um dos ângulos do retângulo interno, se alargava, passava através dos dois círculos e ia além do contorno do quadrado circundante. O incrível é que os pontos da circunferência e as linhas passavam sobre a fenda, como se ela não tivesse tido nenhuma importância para o criador do padrão.

Estendendo-se para o lado esquerdo da forma, a base do grande quadrado se tornava o centro de um círculo duplo. A mesma coisa se repetia no lado direito, onde havia outros dois grandes anéis, um dentro do outro. A partir do centro, saíam linhas retas em direção aos quatro pontos cardeais. Vistos de uma grande altura, os três diagramas apresentavam uma imagem fenomenal: em primeiro plano, o gigantesco círculo principal emoldurado pelos dois quadrados e depois, à direita e à esquerda, os dois anéis interligados. E tudo era ligado por linhas a tudo mais. Se um traço grosso fosse traçado sobre a coisa toda, a imagem de uma seta gigante emergiria.

Sobrevoamos em círculo, durante um longo tempo e em diferentes altitudes, esse vasto diagrama, o qual, pelo menos nas épocas mais recentes, todos os observadores anteriores tinham desconsiderado. Fiquei perplexo e dei tratos à bola, tentando descobrir a finalidade do diagrama. Um padrão geométrico com a forma de uma seta? Havia ainda coisas mais estranhas a serem descobertas? Eduardo balançou a cabeça. Às vezes, disse ele, coisas eram visíveis e depois desapareciam. Tudo dependia do ângulo da luz eda hora do dia. Pedi a ele que sobrevoasse os vales seguintes e continuasse a seguir uma linha estreita que se afastava do diagrama.

De repente, eu gritei:

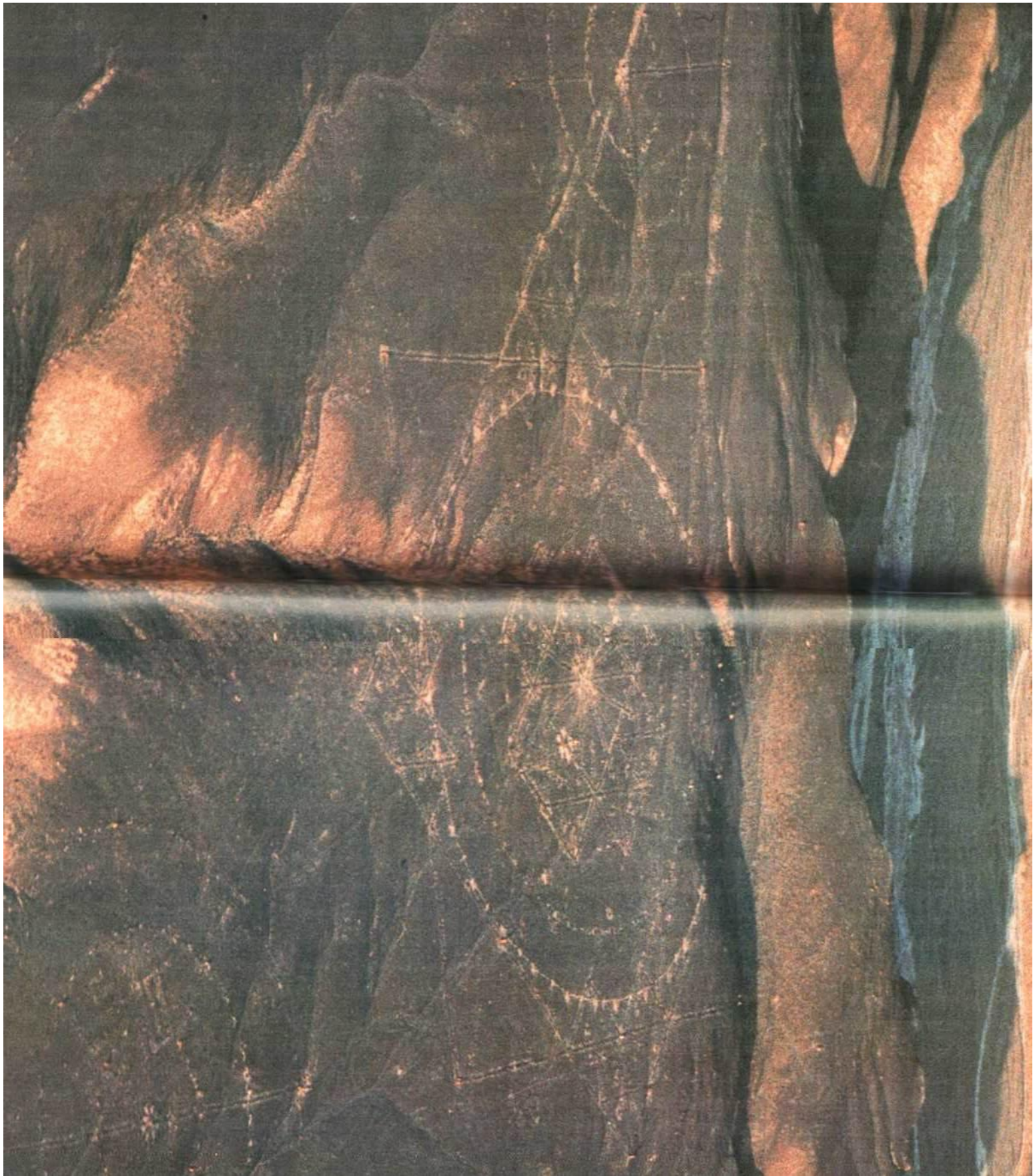
— Pare! — ao mesmo tempo que me dava conta de que era impossível obedecer a minha ordem — afinal de contas estávamos num avião. Eu tinha avistado alguma coisa, mas apenas por uma fração de segundo.

— O que era? —perguntou Eduardo.

— Não tenho a menor idéia — gritei. — Mas era de fato alguma coisa. Vi pontos estranhos que faiscavam. Vamos voltar.

Eduardo deu a volta enquanto eu apertava os olhos para enxergar o que havia lá embaixo. Por causa da porta que fora retirada, eu tinha uma visão melhor do que a do meu piloto. Demos outra volta e fiquei muito desapontado — não consegui ver mais nada, embora eu tivesse certeza absoluta de que havia algo fora do comum lá embaixo. Na terceira volta, desta vez a quinhentos metros de altitude, comecei a exclamar com alegria:

— Veja, Eduardo, veja! É inacreditável! Ali, bem embaixo de mim!

Eduardo inclinou o avião para um dos lados e também viu.

[97]

No topo de uma montanha havia um tabuleiro de xadrez ormado por pontos e linhas brancas — outra descoberta fenomenal. Tratava-se de um desenho gigante, retangular, através do qual também corria uma fenda. À esquerda dele corriam lguns pares de "linhas de Nazca". O "tabuleiro" era formado ior 36 linhas transversais e 15 longitudinais, dispostas em pontos e traços, como no código Morse.[97, 98] O padrão estava ituado sobre um topo irregular. À sua direita havia uma íngreme encosta e embaixo, no vale, o leito seco de um rio. Ocorreu-me de repente que nem a forma geométrica nem o ladrão do tabuleiro de xadrez poderiam ter sido construídos pelos mesmos indígenas que criaram as figuras de Nazca. O que eu estava vendo agora era algo muito diferente. Não havia aqui desenhos escavados, pistas de Nazca e nem figuras humanas ou de animais. Além disso, nenhum missionário arqueológico que visse o que eu estava vendo poderia falar em deuses das montanhas, deuses da água, jargão psicológico, miragens ou terapia ocupacional!

Uma teoria bem fundada

Temos aqui, portanto — para todos que se derem ao trabalho de olhar —, nada mais nada menos do que geometria e matemática. Mas com que finalidade? Uma coisa eu percebi de imediato: tanto o tabuleiro de xadrez quanto a gigantesca forma geométrica só eram visíveis para os que sabiam voar. Um ser que não voasse não teria nenhuma chance de enxergar os dois padrões. Mesmo que alguém deparasse com eles por acaso durante uma louca caminhada nas montanhas debaixo de um calor escaldante, essa pessoa não os perceberia. E, de qualquer modo, nenhum caminho conduz a eles e nenhum deus da montanha, por mais mágico e místico que pudesse ser, poderia ser de muita utilidade no acesso ao local. Não, aqueles padrões foram feitos para seres que voavam. E todo piloto conhece padrões semelhantes. Peter Belting de Aurich na Alemanha, um brilhante piloto, me chamou a atenção para esse fato. Ele explicou que esses padrões são chamados locais VASIS ou PAPI. VASIS representa Visual Approach Side Indicator System [Sistema

Indicador Lateral de Aproximação Visual], um sistema visual de aproximação de aterrissagem que indica ao piloto se ele está voando muito alto, muito baixo ou perto demais do corredor de aproximação. O local PAPI (Precision Approach Path Indicator)[Indicador do Caminho de Aproximação Precisa] tem a mesma função. Esses sistemas auxiliares de aterrissagem são formados por luzes e cores. C) piloto consegue reconhecer a partir da sua posição em relação às seções de luz quão distante ele está do ângulo ideal de aterrissagem. Hoje em dia os locais VASIS ou PAPI atuam por meio de luz elétrica, mas também são capazes de funcionar sem ela. C) padrão em si, de linhas geométricas ou de cores, pode mostrar ao piloto o que ele precisa fazer para alterar sua posição para aterrissar. Esses sistemas auxiliares também são usados pelos sistemas de piloto automático.

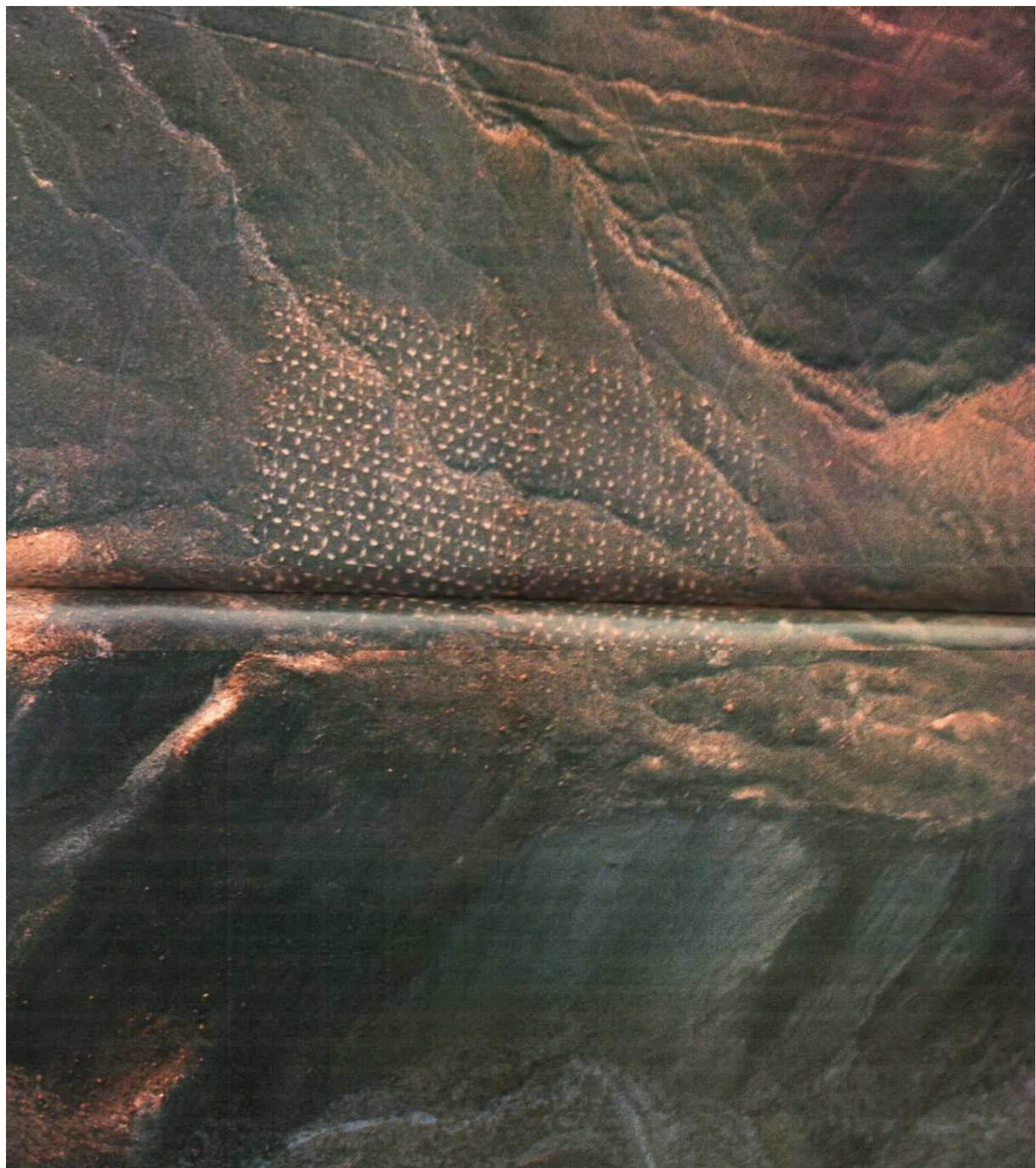
Tudo isso tem alguma relação com Nazca? Apresento a seguir minha teoria, à qual acrescentarei alguns "sistemas auxiliares de aterrissagem" para reforçá-la.

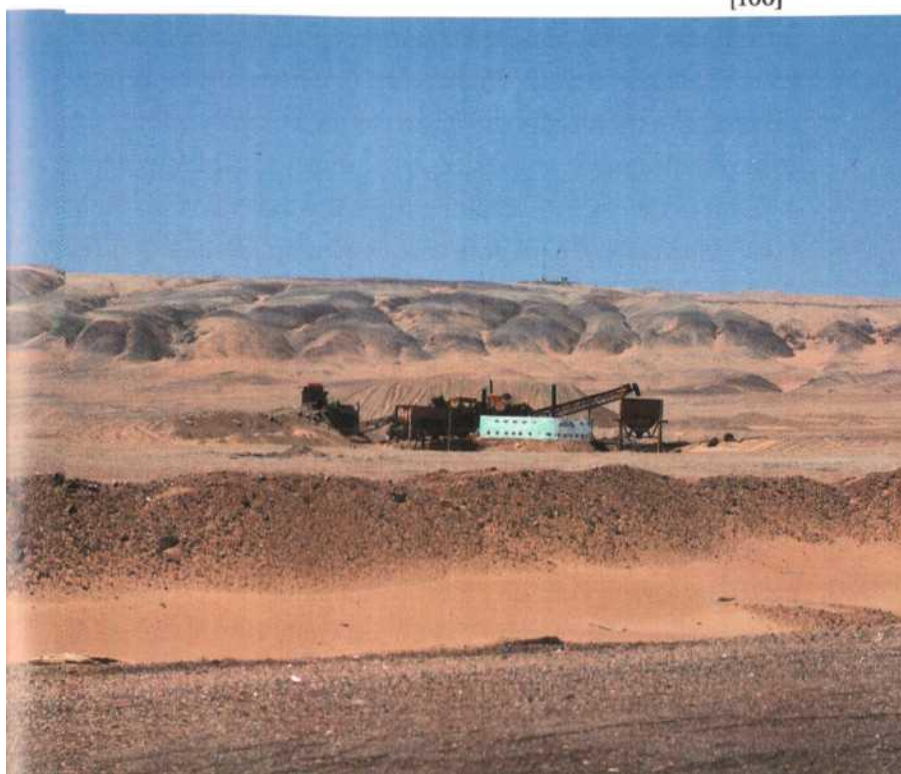
A literatura sanscrítica da antiga índia descreve cidades espaciais gigantescas que certa vez descreveram órbitas ao redor da terra. Para conferir o que estou dizendo, sugiro que meus críticos examinem o volume "Drona Parva" do *Mahabharata*. (Toda biblioteca universitária de tamanho médio deve ter um exemplar dessa obra.) Ela foi traduzida para o inglês em 1888 pelo então famoso estudioso do sânscrito Professor Protap Chandra Roy.[10] Naquela época, o Professor Chandra Roy não poderia ter sonhado que coisas como "cidades espaciais" pudessem um dia realmente existir. Na página 690, verso 62 do "Drona Parva", lemos o seguinte: "Originalmente o bravo Asuras possuía três cidades nos céus. Cada uma dessas cidades era grande e magnificamente construída (...) Apesar de todo seu armamento, Maghavat não conseguiu causar nenhuma impressão sobre essas cidades celestes (...)" E na página 691, verso 50, lemos: "Depois as três cidades no firmamento se reuniram (...)" Deve ficar claro com essa passagem que não está sendo feita referência a um céu vago de satisfação espiritual e sim ao *firmamento,* o céu físico acima de nós.

Vários tipos de aeronaves, que os indígenas chamavam de *vlmanas*, visitavam a terra vindas dessas cidades espaciais. Uma delas aterrissou na região de Nazca. É claro que ela não precisava de nenhuma *pista* e, de qualquer modo, ninguém teria construído uma. Por que um contingente de extraterrestres deveria aterrissar na árida e inóspita região de Nazca? Porque a área está abarrotada de minerais: ferro, ouro e prata. Ainda são realizadas muitas perfurações no local, e a sudeste de Nazca uma mineração intensiva continua.[99, 100] A mina de Marcona é a maior do Peru e não está voltada apenas para a extração do ferro e sim de todos os tipos de minerais.

Os críticos, inclusive Maria Reiche, que dizem que o solo debaixo da superfície de Nazca é muito mole para suportar o peso de uma máquina pesada, não entendem nada a respeito de viagens espaciais. Os americanos sem dúvida se preocuparam com esse problema antes de aterrissar na lua. Ninguém sabia se a superfície do satélite iria suportar uma nave espacial durante a alunissagem — mas uma sociedade tecnológica pode resolver essas incertezas.

A alunissagem criou uma superfície trapezoidal na superfície. O trapezóide era mais largo onde a nave pousou e mais estreito onde os remoinhos de ar exerceram um impacto menor sobre o chão.

De montanhas distantes, os indígenas observaram a atividade dos desconhecidos com medo e assombro. Seres semelhantes aos humanos de pele dourada e cintilante passeavam por lá, abriam buracos no chão, juntavam pedras e faziam coisas desconhecidas com estranhas ferramentas. Um dia então ouviu-se um ruído estrondoso. Os indígenas correram para seus postos de observação e viram a "carruagem celeste" subir em direção ao céu.

[99]

[100]

Foi assim que Nazca se tornou um local de peregrinação. O lugar era agora um "local sagrado". Os deuses haviam estado lá!

Mas os deuses logo voltaram, desta feita com outras carruagens celestes. (Nos textos sanscríticos indianos são descritas vinte diferentes *vimanas,* com e sem rodas, com e sem asas, silenciosas, barulhentas etc.) Num determinado lugar, os deuses colocaram no chão uma fita estreita e colorida, vergando-a e transformando-a numa linha em ziguezague. Ela continha informações de aterrissagem e decolagem para as *vimanas,* como num porta-

aviões. Mas os habitantes da região não poderiam ter conhecimento disso. Finalmente, os deuses colocaram enormes padrões geométricos no topo das montanhas, que serviam como orientação de pouso, como os locais VASIS e PAPI de hoje. A seguir os deuses começaram a demolir coisas e levá-las embora nas aeronaves. É bem possível que a matéria-prima de que os desconhecidos precisavam pudesse ser obtida a partir da mineração realizada na superfície ou da raspagem do terreno em vez da perfuração.

Toda essa atividade pode ter durado semanas ou meses. Ninguém jamais saberá — a não ser, é claro, que os deuses voltem e expliquem exatamente o que aconteceu.

Finalmente a paz voltou a reinar na região. Os deuses haviam partido e levado com eles todo o equipamento. Os indígenas mais corajosos rastejaram até o local onde os desconhecidos haviam estado e depois ficaram por ali se perguntando o que seria que eles tinham feito. Nada havia sido deixado para trás a não ser algumas formas trapezoidais no chão, uma via larga que tinha debaixo dela uma linha serpeante e dois ou três estranhos anéis e retângulos no topo de algumas montanhas.

O início de um culto

Por serem curiosos, como as pessoas geralmente são, pequenos grupos continuaram a voltar a esse lugar místico. Eles conversavam uns com os outros e garantiam que a coisa realmente tinha acontecido, que as carruagens dos deuses tinham descido dos céus. Mas o que significavam os sinais que os deuses haviam deixado para trás? Será que eles quiseram dizer que os seres humanos deviam fazer desenhos semelhantes para os deuses? Era isso que as divindades celestes esperavam da humanidade?

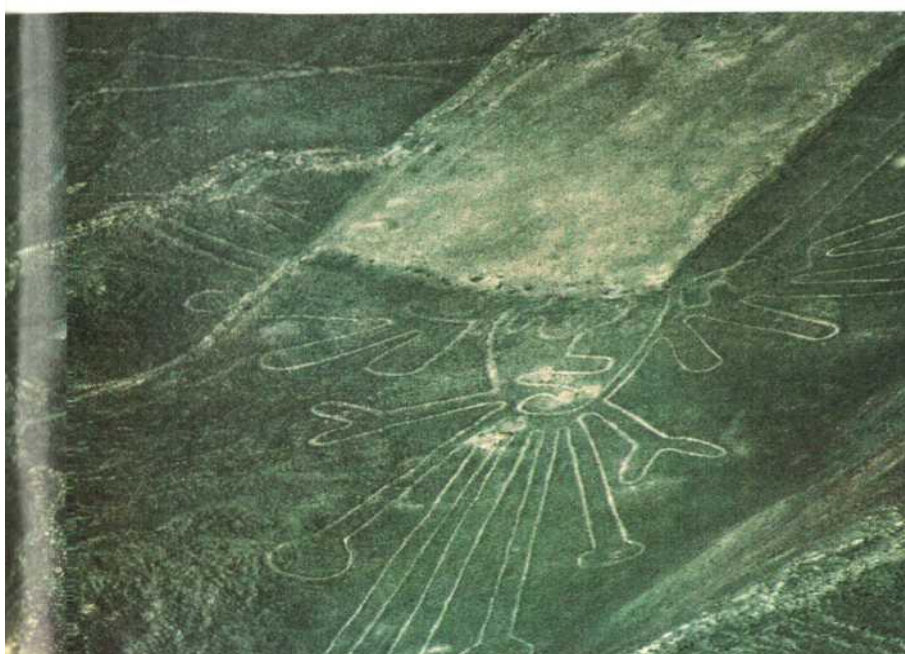
Os sacerdotes davam as ordens e o povo obedecia. Nazca se tornou um lugar de culto. Como o número de indígenas no local aumentava continuamente, um número cada vez maior de campos tinha de ser cultivado, o que, por sua vez, exigia mais água — e uma enorme tarefa para fornecê-la, mas em consideração aos deuses isso foi feito. Os indígenas começaram a construir canais de água e a limpar extensos campos para o plantio. Surgiram linhas e superfícies trapezoidais em todas as direções à medida que uma tribo tentava superar outra. Todos trabalharam sem descanso na abençoada esperança de que os deuses voltassem e os recompensassem por seu dedicado serviço.

Anos e décadas se passaram, gerações surgiram e desapareceram. Os sacerdotes observavam o céu: os deuses um dia haviam vindo daqueles pontos de luz distantes. Esse fato era bastante conhecido, pois pessoas que agora estavam mortas os haviam visto com os próprios olhos. Mas por que os deuses não voltavam? Teriam os seres humanos provocado a ira deles, cometido algum erro que deveria ser corrigido ou do qual deveriam arrepender-se? O árduo trabalho no deserto era encarado como uma espécie de "sacrifício". Quanto mais a pessoa trabalhasse, "mais pura" ela pareceria aos olhos dos deuses. Quanto mais magnífica a marca na terra, maior seria a recompensa dos deuses. Essa também era a razão pela qual uma das tribos começou a aplainar o topo de uma das montanhas mais baixas e a escavar no chão uma pista ornamentada. É uma visão maravilhosa: a faixa clara sobre o fundo mais escuro, com uina espécie de desenho floral emergindo na extremidade.[101, 102] Tratava-se de um convite particularmente magnífico para que os seres celestes aterrissassem lá em vez de aterrissar no território de um concorrente.

Houve então um momento em que as pessoas começaram a achar que deviam dizer aos seres celestes que eles eram esperados e desejados na terra. A melhor maneira de fazer isso era dar um sinal ao céu. Talvez os chefes indígenas também acreditassem que era importante gravar seus símbolos tribais no solo de uma forma duradoura, para que os seres celestes os avistassem e abençoassem seu povo. Desse modo, a labuta começou de novo.

Os indígenas agora carregavam pedras e começaram a escavar e raspar grandes áreas. Cordas foram estendidas para orientar o trabalho. Depois que o primeiro símbolo tribal foi concluído — uma aranha — os artistas entre os indígenas logo perceberam que as proporções não estavam corretas e as curvas eram irregulares. Eles empregaram então um método simples para melhorar os desenhos. Com uma vara de madeira um deles esboçava uma simples aranha no chão, de um tamanho que ele pudesse ver num relance. A seguir ele colocava pedras pequenas e brilhantes sobre esse modelo, cada pedra representando uma criança. As crianças eram então chamadas e cada uma assumia a posição cie uma das pedras, embora as crianças estivessem espalhadas pelo terreno numa escala muito maior. Freqüentemente elas tinham de ser redirecionadas por não estarem no lugar certo. Mas finalmente eles conseguiram criar a maravilha: uma enorme figura surgiu a partir de um pequeno modelo.

[101]

[102]

Não sabemos se as coisas aconteceram dessa maneira ou de uma forma um pouco diferente. Não tenho nem certeza de que o primeiro pouso, o mais antigo, tenha sido feito por extraterrestres. Talvez uma *vimana* simplesmente tenha passado voando por lá com passageiros humanos, como é descrito na literatura antiga. Mas uma coisa está muito clara para mim: alguém aterrissou lá em alguma época, e depois, mais tarde, vários outros fizeram o mesmo; do contrário, sistemas de aproximação de pouso não teriam sido necessários. Durante muitos séculos a região foi um local de culto. Os fatos, gravados na terra, o comprovam. E a realidade da pista da cordillera de Chicauma no Chile, a uma altitude de 2.400 metros, prova que a construção de pistas recua a um passado muito distante.

A rede de linhas com forma de cama-de-gato também comprova que muitas gerações produziram sinais diferentes dos dos seus antepassados, com freqüência sobre marcas anteriores. Uma determinada comunidade pode ter dirigido linhas na direção de certas estrelas, enquanto a seguinte concentrou seu talento artístico no ponto do poente no início do outono.

Enquanto uma tribo se satisfazia com construir uma linha estreita de novecentos metros, a seguinte pode ter achado que ela tinha de ser"infinita" e culminar no topo de uma montanha para servir de ponto de orientação para os misteriosos deuses. E uma vez que uma linha tivesse sido traçada, os sacerdotes poderiam achar que ela não era suficiente, pois a tradição dizia que os deuses haviam descido em carruagens celestes — o que formaria dois sulcos no chão.

Quero repetir que não existe um único sistema unificador em Nazca. A rede de linhas e pistas não é um calendário nem um mapa, não é um atlas cultural nem um livro de astronomia — e, naturalmente, tampouco um aeroporto espacial. Não existe uma ordem global, visto que cada tribo e cada geração arranhou diferentes concepções no deserto. E tudo isso começou por causa de algum tipo de vôo pré-histórico?

As figuras nas encostas das montanhas deixaram isso claro — seres que emitiam raios, figuras que apontavam para os céus com um braço e para a terra com o outro. E não apenas em Nazca, mas também do Chile ao sul dos Estados Unidos. O mesmo se aplica aos deuses pintados nas cerâmicas e urdidos nos tecidos, que podem ser encontrados por toda parte até o Arizona — onde até hoje os índios hopis representam os visitantes celestes sob a forma de bonecos. E não vamos esquecer os crânios deformados, quer eles tenham pertencido a "deuses" de verdade ou tenham sido copiados deles. Se tudo isso não é uma prova, se as pessoas estão dispostas a não dar atenção aos fatos que estão diante delas, então uma ciência baseada na reunião e confrontação de informações perdeu o juízo. Mas existem ainda outras indicações que sustentam minha hipótese.

Aviões dos tempos antigos

No Museu do Ouro em Bogotá, capital da Colômbia, modelos semelhantes a aviões, encontrados em túmulos reais, estão em exibição há várias décadas. Arqueólogos os interpretaram como insetos, embora o culto do inseto seja desconhecido na totalidade da América do Sul. Esses objetos devem ter estado relacionados com algum culto; do contrário, não estariam cobertos com o valioso ouro e colocados nos túmulos dos chefes indígenas. Além disso, as asas dos insetos saem direto do corpo e não em um ângulo voltado para trás como é o caso dos modelos de aviões exibidos no Museu do Ouro. Um desses modelos deu origem ao logotipo da Ancient Astronaut Society (AAS), uma organização internacional que se ocupa dos vestígios deixados pelos extraterrestres no passado distante.

O acaso determinou que três conhecidos meus bastante chegados, o I)r. Algund Eenboom, Peter Belting e Conrad Lübbers, visitassem uma exposição de jóias colombianas antigas em Bremen. Os três são sócios da AAS e, portanto, estavam familiarizados com o logotipo da sociedade. E ali, entre os objetos expostos, havia alguns que se pareciam imensamente com aquele logotipo. Eles haviam pertencido "ao colecionador colombiano Vicente Restrepo de Medelin, que os legou ao empresário Cari Schütte de Bremen".[11] Em 1900, Schütte havia doado cerca de quatro quilos de tesouros de ouro ao então Museu da Natureza, dos Povos e do Comércio em Bremen.

Esses modelos semelhantes a aviões têm uma forma in- comum: planos de deriva grandes e elevados, um par de pequenas asas de retaguarda e um largo triângulo de asas na frente. O nariz é arredondado, e logo na frente de onde as grandes asas se ligam existe uma larga abertura, como se fosse para uma espaçosa cabine. A coisa na verdade parecia incompleta. Poderia ela voar?

Meus três amigos quiseram experimentar. Peter Heltingé piloto e eles começaram então a construir uma réplica exata do logotipo da AAS sob a forma de um avião modelo em escala maior. Os vôos de teste superaram todas as expectativas[103, 104] e representaram uma vitória do raciocínio pragmático sobre o preconceito acadêmico. Apesar do "buraco da cabine" e do nariz rombudo, o modelo realizou com perfeição cada manobra. E tudo isso sem acréscimos mecânicos — como sistemas auxiliares de aterrissagem ou lemes de direção laterais.

Esta história tem um pós-escrito. A cinco horas de carro de Santa Cruz na Bolívia, ao lado da pequena aldeia de Samaipata, ergue-se a montanha de El Fuerte. Seu pico lembra uma pirâmide, em cuja encosta existem dois sulcos retos e paralelos, com 38 centímetros de largura e 27 metros de comprimento. O ponto mais alto da "'rampa" é composto por uma forma circular: um anel com dois metros de diâmetro em cuja circunferência estão esculpidos triângulos e quadrados.[105, 106 – um modelo]

Os especialistas têm tentado decifrar o significado de El Fuerte. Várias idéias foram apresentadas, como a que diz que ele foi um "local de culto dos incas",[12] um local de "culto dos ancestrais",[13] o "capricho de um sacerdote ou um louco"[14] ou um tipo de fortificação militar. Esta última interpretação é a mais idiota de todas, pois nada havia a ser defendido em El Fuerte. A montanha jaz lá como uma pirâmide construída pelo homem, aberta e acessível por todos os lados. Um especialista em estudos americanos, o I)r. Hermann Trimborn, afirma que o complexo é uma "criação única, que não pode ser comparado a nenhuma outra ruína".[15]

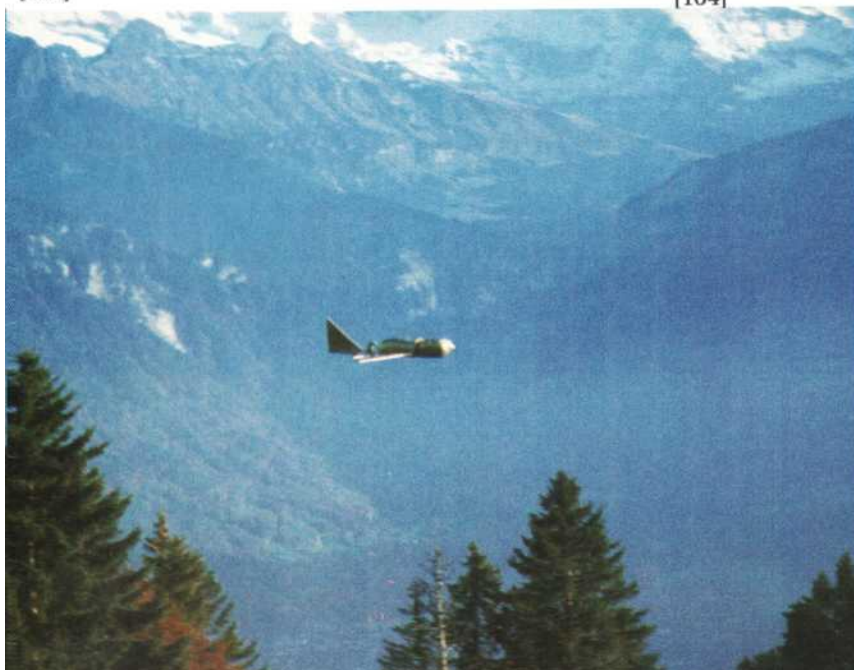
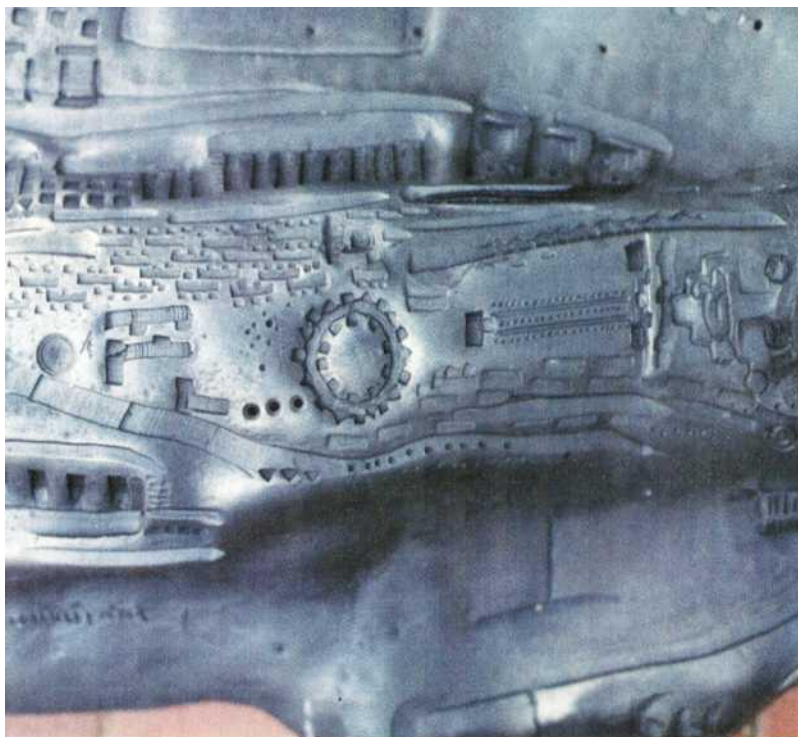
Como podemos então interpretar essa "ruína única"?

Ela servia, sem dúvida, a algum tipo de culto, e os cultos estão quase sempre relacionados com os deuses. Os "cultos de carga"* do nosso século, contudo, têm lugar quando a tecnologia avançada de uma cultura é mal-interpretada por outra cultura, tecnologicamente subdesenvolvida. Que tipo de culto era celebrado no alto de El Fuerte? Imaginem um avião modelo, não de ouro pesado como na Colômbia, mas construído em madeira leve. Teoricamente, a madeira poderia ter sido revestida por uma fina folha de ouro, pois as culturas sul-americanas haviam dominado essa técnica muito antes da época dos incas. Esse modelo de avião é colocado na base da rampa em El Fuerte e amarrado, na ocasião de um grande festival.[11"71] A seguir, uma tira de borracha é presa ao modelo e puxada para cima em direção ao anel com os triângulos e quadrados esculpidos

* Qualquer um dos diversos cultos religiosos da Melanésia cuja crença fundamental é que seres espirituais trarão aos seus seguidores grandes cargas de bens de consumo modernos. (*N. da T.*)

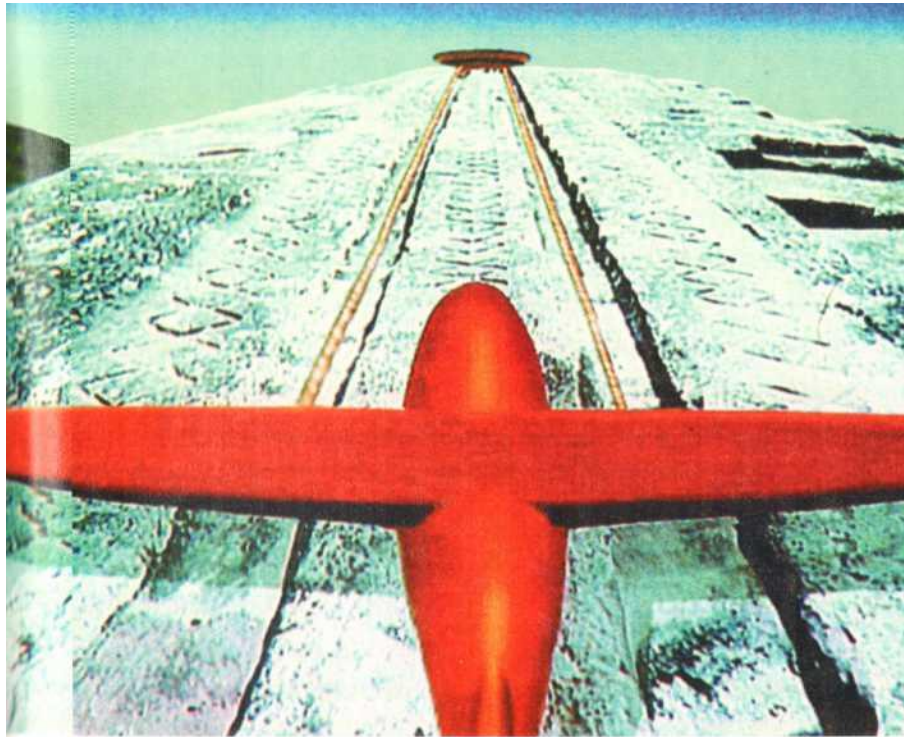
no topo na montanha. A borracha já era conhecida na América Central e na América do Sul muito antes de os europeus ouvirem falar nela. Na extremidade superior, a tira de borracha é enrolada em volta de uma trave de madeira e braços fortes a viram na direção do centro do anel. Ali, no meio do círculo, há de fato um monte redondo de pedra, que faz parte da rocha que está embaixo. À medida que a tira de borracha vai sendo esticada, os homens têm de puxar cada vez com mais força. É por isso que eles param de vez em quando para descansar e firmar a trave num dos quadrados esculpidos na pedra. A uma ordem do sacerdote, alguém corta a tira de borracha com um golpe de machado, catapultando o modelo no céu em direção aos deuses. Também é possível que pequenos objetos fossem colocados no avião como uma oferenda sacrifical aos deuses.

[103]

[104]

[106]

Tudo que acabo de descrever nada mais é do que uma idéia. Talvez ela possa ajudar a solucionar o enigma de El Fuerte. Mas é certo que havia modelos de tipos de aviões no período pré- incaico e que eles demonstraram ser perfeitamente aerona- vegáveis. Também é certo que existia na América do Sul e na América Central um culto dos deuses relacionado com o vôo. Esse fato é demonstrado tanto em Nazca quanto em todos os outros lugares onde desenhos e figuras estão voltados para o céu. Existe até um "modelo de avião" escavado no solo de Nazca — um "pássaro com asas rígidas".[111)1,1]

Mas de onde vieram esses deuses? Seriam eles, afinal de contas, pilotos humanos vindos da Ásia que haviam desenvolvido uma tecnologia mais avançada do que a dos indígenas sul-americanos? Essas diferenças entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos ainda existem hoje em dia. Mas se foi este o caso, onde a cultura mais avançada obteve seu conhecimento? "Resolva esta agora", diz o cético, "de onde esses extraterrestres podem ter vindo, e, acima de tudo, de que maneira? E por quê?"

Pelas razões que vou apresentar. Continuem a ler e descubram por quê.

[107]

[108]

Notas

1. F. H. Crick e L. E. Orgel, "Directed Panspermia", *Icarus,* n. 19, Londres, 1983.
2. Erich von Däniken, *Hube ich mich geirrt?,* Munique, 1985.
3. Dileep Kumar Kanjihal, *Vimana in Ancient India (Aeroplanes or Flying Machines in Ancient*

India), trad. Julia Zimmerman, Bonn,
1991.
4. I.utz Gentes, *Die Wirklichkeit der Götter. Raumfahrt im frühen Indien,* Munique/Essen, 1996.
5. Erich von Däniken, *The Return of the Gods,* Element Books, Shaftesbury, 1997.
6. *Kehru Negest,* vol. 23, seção 1, "Die Herrlichkeit der Könige", tratados da classe filosófico-filológica da Royal Bavarian Academy of Sciences.
7. Berthold Läufer, "The Prehistory of Aviation", *Field Museum of Natural History,* Anthropological Series, vol. 18, n. 1. Chicago, 1928.
8. I ranz Bopp, *Ardschuna's Reise zu hutra's Himmel,* Berlim, 1824.
9. Erich von Däniken, *Der Götter-Shock,* Munique, 1992.
10. Protap Chandra Roy, "Drona Parva", *The Mahabharata,* Calcutá, 1888.
11. Viola König, "Die Wiederentdeckung des Goldes", *GEAS,* n. 5, outubro de 1996.
12. Th. Herzog, *Vom Urwald zu den Gletschern der Kordilleren,* Stuttgart, 1913.
13. Leo I'ucher, *Ensayo sobre el arte prehistorico de Samaipata,* San Francisco, 1945.
14. E. Nordensköld, "Meine Reise in Bolivien", *Globus,* vol. 97,1910.
15. Hermann Trimborn, *Archäologische Studien in den Kordilleren Boliviens,* vol. 3, Berlim, 1967.

ONDE ESTÃO OS EXTRATERRESTRES?

Nada no mundo faz as pessoas terem tanto medo quanto a influência das pessoas que têm a mente independente.
ALBERT E1NSTEIN, 1879-1955

No dia 8 de agosto de 1966 a CNN transmitiu uma espetacular entrevista coletiva à imprensa da NASA. Daniel Golden, diretor da NASA, anunciou que material orgânico havia sido descoberto num meteorito de Marte com 3.500 milhões de anos de idade. Ou, para ser mais preciso — traços de bactérias. O teste com as bactérias recebeu imediatamente uma designação científica: ALH 84001. Vários cientistas explicaram como essa descoberta havia sido feita e como haviam conseguido tornar visíveis as amostras das bactérias. Nove semanas depois o Dr. David McKay do Johnson Research Center, em Houston, anunciou que novos traços orgânicos haviam sido encontrados num meteorito de Marte, meteorito este que era "vários milhares de milhões de anos mais jovem".[1] A primeira análise fora confirmada pela segunda, no entanto praticamente ninguém parecia interessado. De acordo com sua inclinação ideológica ou religiosa, as pessoas ficavam entusiasmadas ou chocadas quando ouviam a declaração da NASA. Sinais de vida em Marte? Inacreditável! Não estamos sozinhos no espaço infinito do universo?

Nas semanas seguintes, as opiniões lentamente se cristalizaram nos jornais diários, nas revistas e nas cartas dos leitores. A Igreja Católica não apresentou nenhuma objeção fundamental à vida extraterrestre. Afinal de contas a Criação de Deus era infinita, e Jesus tinha dito: "Na casa do meu Pai existem muitas moradas." Numerosas seitas, contudo, tiveram uma reação bem diferente. Seus membros acreditavam que a Criação havia ocorrido apenas em benefício do Homem e somente o Homem poderia ser salvo pelo Filho de Deus. A idéia de que em algum lugar no universo pudessem existir criaturas que não eram cristãs e que não haviam sido marcadas pelo Pecado Original era insuportável. Mais aterradora ainda era a noção de que Deus pode ter enviado Seu Filho para inúmeros outros mundos, onde o drama da crucificação teria sido incessante e repetidamente encenado.

O mundo científico permaneceu cético e calmo durante algum tempo. Depois, como era de se esperar, começou a responder por meio da mídia. Vida primitiva lá fora? E claro, por que não? Mas apenas vida *primitiva.* O vencedor do Prêmio Nobel, Professor Dr. Manfred Eigen, declarou na revista *Der Spiegel* que não havia razão para a vida primitiva unicelular ter necessariamente desenvolvido e produzido criaturas mais complexas. Cito as seguintes palavras dele: "É por isso que é altamente improvável que encontremos formas de vida ou mesmo inteligência no universo, pelo menos dentro do nosso alcance."[2]

Tudo bobagem, eu gostaria de replicar. Encontraremos uma abundância de formas de vidas inteligentes no universo. Muitas serão semelhantes aos seres humanos; e viajar através de distâncias in te restei ares não irá apresentar nenhum problema.

Como posso dizer publicamente essas coisas? Minha suposição se baseia numa crença ingênua? Ou trata-se de uma fantasia ou de uma teimosia obstinada? Onde está minha prova?

Há pelo menos dez anos todo radioastrônomo já sabe que o universo está repleto dos componentes básicos da vida. Eles têm a forma de cadeias de moléculas e, como cada molécula possui uma vibração típica própria, seu comprimento de onda pode ser medido por nossos sofisticados radiotelescópios gigantes. Isso acontece o tempo todo. Relaciono a

seguir apenas alguns dos conhecidos "componentes básicos" que percorrem o universo sob a pressão luminosa de uma ou outra estrela:

fórmula química	*molécula*	*comprimento de onda*
OH	**Hidroxila**	**18,0 cm**
NH	**Amônia**	**1,3 cm**
H_2O_3	**Água**	**1,4 cm**
H_2CO	**Formaldeído**	**6,2 cm**
HCOOH	**Ácido fórmico**	**18,0 cm**
H_3C-CHO	**Acetaldeído**	**28,0 cm**

Para que a vida se desenvolva os planetas precisam girar ao redor do seu sol a uma distância ideal — sua temperatura não pode ser nem quente demais nem fria demais. Como o Telescópio llubble tem pesquisado o ambiente de certas estrelas, sem ser tolhido por distúrbios da atmosfera terrestre, sabemos com certeza absoluta que existem outros planetas além do nosso sistema solar. Steven Beckwith, diretor do Instituto de Astronomia Max Planck em Heidelberg, acredita que "existem planetas na galáxia em abundância" e, entre eles, muitos com condições favoráveis à vida. E o astrônomo inglês David Hughes acrescenta: "Pelo menos em teoria, deve haver sessenta bilhões de planetas em órbita na Via-láctea." Quatro bilhões deles, acredita David Hughes, devem ser "semelhantes à Terra, úmidos e com condições de temperatura favoráveis".[3] A probabilidade estatística de encontrar planetas como a terra sempre seria elevada. Os sóis são para os planetas como os gatos são para os gatinhos.

Logicamente, seria de se esperar que os planetas parecidos com a Terra — e não apenas esses — contivessem água. A NASA descobriu sinais de água na lua de Júpiter, Kuropa, oxigênio congelado na lua Ganymede e gelo numa cratera lunar. Até mesmo em Marte existe água congelada (gelo) tanto nos pólos quanto debaixo da superfície. A idéia de que essa água extraterrestre é estéril logo se revelará errada, pois a água sempre surge da mesma maneira. O planeta esfria, gases de todo tipo de composição são lançados na atmosfera, chovem sobre massas de rocha borbulhantes e se transformam uma vez mais em vapor. Através de milhões de anos, os átomos se ligam para formar cadeias de moléculas, que por sua vez formam — entre outras coisas — água. Mas essa água corre, sibila e borbulha continuamente por sobre formações rochosas e através delas, que já contêm os componentes da vida. Todos os planetas, afinal de contas, são formados a partir da mesma matéria básica. O que os radioastrônomos recebem como informação das cadeias de moléculas orgânicas do cosmo também está presente na crosta dos planetas semelhantes à terra. Não existe pedra sem minerais. O caminho para as combinações químicas complicadas, e delas para a matéria orgânica, é o mesmo em todos os casos. Todo estudante de química sabe disso desde que Stanley Miller realizou suas experiências.

Em 1952 o bioquímico Dr. Stanley Miller construiu um recipiente de vidro no qual ele fez circular uma atmosfera artificial de amónia, hidrogênio, metano e vapor de água. Para garantir que a experiência seria conduzida em condições totalmente estéreis, Miller primeiro manteve aquecido o recipiente e seu conteúdo a uma temperatura de 180 graus centígrados durante 18 horas. Por meio de dois eletrodos soldados no recipiente de vidro foram criadas minúsculas tempestades primordiais. Numa segunda esfera de vidro ele aqueceu água estéril cujo vapor correu para o "mecanismo de Miller" através de um tubo fino. Os produtos químicos esfriados gotejaram em direção à esfera de água estéril, foram aquecidos e passados uma vez mais para o recipiente que continha a "atmosfera primordial". Desse modo. Miller criou uma circulação contínua — como teria acontecido, segundo as pessoas

então acreditavam, na criação da Terra. A experiência durou uma semana. No final, as análises acusaram a presença do ácido aminobutírico, do ácido aspártico, alanina e glicina — em outras palavras, aminoácidos necessários ao desenvolvimento de sistemas biológicos. Na experiência de Miller, combinações inorgânicas (mortas) haviam se transformado em substâncias orgânicas complexas.

É verdade que nos anos seguintes Miller foi humilhado algumas vezes. Os vencedores do Prêmio Nobel Francis Crick e James Watson descobriram a hélice dupla do DNA (ácido desoxirribonucleico), que consistia em nucleotídeos sem os quais nenhuma vida seria possível. Mas Miller e sua equipe rapidamente se atualizaram. Ao modificarem as condições da sua experiência, eles imediatamente detectaram a presença de nucleotídeos. Hoje em dia o fato de que a atmosfera primordial não pode ter sido composta de hidrogênio e metano é totalmente aceito, visto que a luz do sol os teria decomposto. Esse conhecimento, no entanto, apenas alterou as substâncias na experiência e não a tornou inválida.

Os pesquisadores químicos não têm a menor dúvida de que as combinações orgânicas surgem das inorgânicas. Nos últimos trinta anos as experiências de Miller têm se repetido inúmeras vezes sob as mais variadas condições. O resultado sempre tem sido uma quantidade maior de aminoácidos. Algumas vezes foi usado nitrogênio em vez de amónia, outras, o formaldeído ou mesmo o dióxido de carbono em vez do metano. Os "raios" de Miller foram algumas vezes substituídos pelo ultra-som ou pela luz normal. No entanto os resultados não se alteraram. Todas as vezes, aminoácidos e ácidos carbônicos orgânicos não nitrogenados surgiram de cada uma dessas atmosferas primordiais de diferentes composições. Em algumas ocasiões, a atmosfera primordial até mesmo produziu açúcar.

Considerando-se esse conhecimento experimentalmente deduzido e levando-se em conta as cadeias moleculares descobertas no cosmo, acho difícil entender por que a entrevista coletiva à imprensa da NASA causou tanto estardalhaço. Sinais de vida no cosmo? O que mais poderíamos esperar? Substâncias orgânicas nas rochas de Marte? É claro! E o que é verdadeiro para Marte e para a Terra também será verdadeiro para todos os planetas do tipo da Terra.

Mas é óbvio que as moléculas orgânicas e as formas de vida primitiva como as bactérias estão a um longo caminho da vida complexa. O vencedor do Prêmio Nobel Manfred Eigen está absolutamente certo com relação a isso. Mas, por alguma razão, nossos cientistas têm a estranha tendência a restringir à terra o desenvolvimento de formas de vida complexas. Isso é simplesmente egocêntrico! Imagina-se que o milagre da evolução humana foi possível *somente* aqui na terra. O fato de essa obstinada perspectiva ser completamente mal orientada é demonstrado pela seguinte experiência conceituai.

Johann von Neumann foi um matemático com idéias fantásticas. Nos anos 50 ele imaginou uma estranha máquina que foi batizada de "máquina de von Neumann" pelos astrônomos. Esse fato é sempre mencionado na literatura especializada quando se fala a respeito de os planetas distantes serem habitáveis, embora uma "máquina de von Neumann” nunca tenha sido construída.

A "máquina de von Neumann" é um mecanismo que se reproduz.[4] O que isso significa?

Uma máquina com as características de um foguete decola, deixa o nosso sistema solar e ruma para o sol mais próximo — Próxima do Centauro, situado a cerca de quatro anos-luz de distância. Durante o vôo, a máquina estende sensores para verificar se existem planetas em órbita ao redor de Próxima do Centauro e se há algum dentro da ecosfera (*i.e.,* onde condições de vida são possíveis). Se não houver nenhum planeta que preencha essas condições, a máquina segue adiante, continuando em busca de um planeta parecido com a Terra. Quando a máquina von Neumann descobre um planeta adequado, ela avança em direção a ele e aterrissa suavemente por meio de um pára-quedas.

A bordo da máquina von Neumann existem todos os tipos de ferramentas e extensões,

vários instrumentos de medição, um pequeno alto-forno e um computador que orienta as atividades da máquina. Um carro miniatura é desembarcado, sondas penetram o solo do mundo desconhecido, as composições gasosas são analisadas e, é claro, é feita uma busca para verificar se existe alguma forma de vida no local. Gradualmente a máquina von Neumann começa a produzir aço e ferro, a formar pequenas cremalheiras e a gerar eletricidade. Todo esse processo dura séculos, mas a máquina von Neumann tem à sua disposição uma grande quantidade de tempo. Num determinado momento, mesmo que isso leve dez mil anos, a máquina von Neumann se terá reproduzido totalmente e substituído as partes que foram perdidas na ocasião da aterrissagem. Existem agora duas máquinas von Neumann. Ambas partem do planeta desconhecido, cada uma rumando para um sol diferente. No decorrer de milhões de anos as máquinas von Neumann se multiplicam e se espalham através de boa parte da Via-láctea — e continuam a fazê-lo *ad infinitum*. O custo de todo o empreendimento estaria restrito à máquina original.

É claro que o projeto é irreal — Johann von Neumann sabia disso. Esse mecanismo era uma idéia completamente utópica nos anos 50. E hoje em dia?

Nas últimas duas décadas a tecnologia de computador realizou progressos com os quais ninguém teria sonhado na época de von Neumann. Em meados da década de 1980 qualquer PC digno de ter esse nome era capaz de alcançar a velocidade de um megaflop (FLOPS = Floating Points Operations Per Second [Operações de Pontos Flutuantes por Segundo], Megaflops = um milhão de flops). Dez anos depois, chegou o gigaflop (um bilhão de flops) e, logo depois disso, dez giga-flops passaram a ser possíveis. Hoje em dia são usados computadores de cem gigaflops e o teraflop está sendo desenvolvido (um trilhão de flops). Os especialistas falam sobre o advento de computadores de dez teraflops. Mas, ao mesmo tempo que esse desenvolvimento está acontecendo, as máquinas estão se tornando cada vez menores. Os especialistas não vêem nenhum motivo pelo qual um computador teraflop não possa ser do tamanho de uma caixa de fósforos.

Outro ramo da tecnologia do qual o público praticamente não ouve falar é a "nanotecnologia". O nanômetro equivale a um milionésimo do milímetro; é tão pequeno que é praticamente invisível. No entanto é possível trabalhar nessa escala microscópica e incorporar minúsculos componentes. Por exemplo, no Centro de Pesquisas Atômicas em Karlsruhe (Alemanha) foi desenvolvida uma cremalheira de níquel com um diâmetro de apenas 130 micrômetros (um micrômetro = mil nanômetros). Movida a ar, a cremalheira microscópica gira cem mil vezes por minuto. Além disso, nos vários institutos americanos de tecnologia onde "nanotecnólogos" são treinados, existem microfiltros tão minúsculos que bactérias ficam presas neles. Um grande futuro está previsto para essa mecânica liliputiana, como, por exemplo, na filtragem de gases, nos robôs microscópicos e na medicina. A nanotecnologia em breve estará produzindo marcapassos cardíacos, pâncreas artificiais e "nanopurificadores" que viajam pelo sistema circulatório limpando as artérias obstruídas. A nanotecnologia criará minúsculos dispositivos eletrônicos e mecânicos que poderão ser aplicados a todos os tipos de situações.

Essa miniaturização no mundo dos computadores e da nanotecnologia possibilitará a criação de máquinas von Neumann que não serão maiores do que uma bola de tênis e não pesarão mais do que cem gramas. Até mesmo hoje em dia essas "bolas de tênis" poderiam ser catapultadas da lua ou de uma órbita para o planeta seguinte semelhante à terra. Elas poderiam atingir velocidades de até cinqüenta por cento da velocidade da luz e irradiar suas informações de volta para a Terra. E essas bolas de tênis von Neumann também se reproduziriam muito mais rápido do que permitiria o antigo conceito von Neumann. Embora o público nada tenha ouvido ainda a respeito, vários grupos de tecnólogos espaciais estão pensando seriamente no assunto.[5-7] E o custo? O programa Apoio da NASA absorveu cem bilhões de dólares e no momento os Estados Unidos gastam anualmente cerca de quinhentos bilhões de dólares com a defesa. Em comparação com isso, o custo de uma

máquina von Neumann miniatura seria insignificante, pois apenas a primeira custaria alguma coisa.

Se uma máquina von Neumann começasse a fazer cópias de si mesma cinqüenta anos depois de chegar ao destino inicial, estas poderiam então partir depois de mais cinqüenta anos em direção a novos e mais distantes destinos. Se admitirmos que os "descendentes" partiriam em direção a sistemas solares que estão aproximadamente a dez anos-luz de distância, isso significaria uma distribuição de velocidade de dez anos-luz a cada sessenta anos. Como a nossa Via-láctea se estende a uma distância de cerca de cem mil anos-luz, a colonização realizada pelas máquinas von Neumann levaria de seiscentos a setecentos mil anos. Ou então, dependendo da velocidade, um período de tempo duas ou três vezes mais longo. Mesmo que ela levasse dez milhões de anos, ainda assim representaria apenas um milésimo da idade da Via-láctea, pois ela já atingiu dez bilhões de anos.

Mas por que enviar máquinas para o cosmo quando existe uma maneira mais fácil de empreender a tarefa?

À semelhança de todas as criaturas vivas, o ser humano é um "mecanismo que se reproduz”. Esse "mecanismo" pode ser analisado até o âmbito de uma única célula. Cada célula contém o DNA completo necessário para desenvolver todo o organismo do corpo. Por que então enviar uma complexa tecnologia ao espaço longínquo se podemos fazer exatamente a mesma coisa coin o microscópico DNA? O DNA humano poderia ser espalhado pelo universo, lenta ou rapidamente. A versão mais vagarosa envolveria catapultar pequenos recipientes, pouco maiores do que agulhas de costura, em direção a planetas apropriados; ou poderíamos disseminá-lo numa seção particular da Via-láctea — de uma maneira análoga à que um agricultor semeia um campo com milho. Se a semente cair num solo inadequado — areia, gelo, rocha ou mesmo água —, ela não se desenvolverá. Se ela cair num solo adequado, ela poderá crescer. Iodas as informações necessárias para a germinação do milho estão contidas no DNA dele.

Poderíamos ter um objetivo mais específico e lançar o DNA num raio *laser* em direção a um planeta particular semelhante ao nosso. Isso daria início a um processo evolucionário, como aconteceu na Terra. E como essa evolução resultaria em seres humanos inteligentes, eles também seriam curiosos e mais cedo ou mais tarde indagariam: "De onde viemos? Estamos sozinhos no universo? Como podemos estabelecer contato com seres de outros lugares? Como podemos nos espalhar através do cosmo?" Eles também, sem dúvida, se veriam diante da idéia da máquina de von Neumann e a rejeitariam com a mesma certeza com que dizemos Amém no final de uma prece. Eles descobririam então seu próprio DNA e finalmente enxergariam a luz.

Nossos cientistas, que continuam a afirmar que as distâncias no cosmo são intransponíveis, que os anos-luz representam uma barreira natural e que as formas de vida extraterrestres nunca se pareceriam com os seres humanos, ainda não viram a luz. Seu egocentrismo os impede de notar o que é óbvio: o cosmo está explodindo com vida, e seres parecidos com os humanos existem em outros planetas semelhantes à terra. E as coisas são assim simplesmente porque todos descendem de uma espécie original — a respeito da qual não estamos (ainda) em posição de filosofar.

Essas idéias não são novas, mas parecem não apresentar nenhum interesse para os astrônomos ou mesmo jornalistas científicos. No final do século XIX o químico sueco e vencedor do Prêmio Nobel Svante August Arrhenius (1859-1927) postulou que a vida era eterna, independentemente da sua origem. Naturalmente, disse ele, o círculo começa em algum lugar, mas, no momento em que a circunferência encontra a si mesma e fecha o anel, a questão relacionada com seu início se torna inválida, por não poder ser respondida. Segundo Arrhenius, tudo que podemos fazer é postular um Criador — ou seja lá o que entendemos por "Deus" — no início do círculo. A única coisa que posso fazer é humildemente aceitar esse ponto de vista.

Arrhenius também apresentou a "teoria da panspermia",[8] de acordo com a qual as sementes da vida estão espalhadas pelo cosmo com o mesmo automatismo e naturalidade com que a poeira se espalha por toda parte na terra. O Professor Fred Hoyle e o professor indiano N. C. Wickramsinghe, um gênio da matemática, examinaram a teoria da panspermia e apresentaram provas claras de que as sementes da vida são disseminadas pelo universo por meio dos meteoritos.[9] Iodo astrofísico sabe que as rochas planetárias e os cometas se chocam continuamente, sem nenhuma pausa, com um ou outro planeta no universo. Qual o resultado? Novos fragmentos de rocha se estilhaçam. Quando um meteorito se choca com a terra, fragmentos de rocha são lançados no espaço, além do campo gravitacional do nosso planeta, pela força do impacto. E o que esses fragmentos de rocha contêm? As sementes da vida, é claro! A disseminação da vida através das distâncias interestelares começou há milhares de milhões de anos. Quem quer que rejeite essa idéia está se comportando como a avestruz proverbial.

O Professor Francis Crick — lembrem-se de que ele também é um vencedor do Prêmio Nobel e não apenas um excêntrico — deu um passo adiante. Ele sugeriu que uma civilização alienígena talvez tenha lançado microrganismos no universo milhões de anos atrás com a ajuda de naves espaciais, semeando a vida em todo o cosmo.[1"]

Depois que a NASA havia anunciado que um tipo de vida primitivo havia sido descoberto num meteorito de Marte, questionou-se não poder ter sido o contrário, ou seja, se há milhões de anos um fragmento de rocha terrestre não se teria chocado contra Marte e semeado lá a vida terrestre. "Seremos nós os marcianos?", perguntaram, brincando, os jornalistas.

Essas sugestões são típicas — a vida, é claro, *tem de* ter começado *conosco!* Mas isso não leva a nenhum lugar. Se a Terra foi a origem de toda a vida no universo, então isso tem necessariamente de ter acontecido há quatro bilhões de anos; do contrário Marte não poderia, logicamente, ter sido "fertilizado" pela Terra. E se Marte foi fertilizado dessa maneira, então isso também poderia ter acontecido em outros planetas. Por conseguinte, nós teríamos lançado *nossas* sementes de vida no cosmo, se bem que de maneira inconsciente; e a pergunta a respeito de como os extraterrestres poderiam ser "terrestres" seria inválida, visto que compartilharíamos uma origem comum. Mas tudo isso nada mais é do que tortura mental, pois a vida *não pode* ter começado conosco. Como Hoyle e Wickramsinghe demonstram sem qualquer sombra de dúvida, não houve tempo suficiente para isso. Se a Terra, contrariando toda probabilidade, tivesse realmente produzido a vida primitiva propriamente dita e *não* fertilizado Marte, isso significaria que a vida teria surgido duas vezes de forma independente: na Terra e em Marte. Se isso pôde acontecer duas vezes num pequeno sistema solar como o nosso, então logicamente tem de ter acontecido um milhão de vezes na Via-láctea.

Em comparação com a Via-láctea, sem falar nas outras galáxias, a Terra é um planeta relativamente jovem. Por conseguinte, em mundos que são bilhões de anos mais velhos do que o nosso, e que, portanto, tiveram muito mais tempo para evoluir, deve haver uma infinidade de formas de vida inteligente. Como é provável que essas formas de vida mais antigas tenham tido interesse em se espalhar pelo universo, nós somos semelhantes a eles — ou eles a nós. Não importa como contemplemos a coisa — a teoria da panspermia ou a disseminação por meio de extraterrestres inteligentes —, não existe a menor possibilidade de estarmos sozinhos no universo.

A literatura especializada demonstra que essas conclusões *não* são devaneios de um lunático." [15] Mesmo há vinte anos, o astrônomo James R. VVertz calculou que extraterrestres poderiam ter facilmente visitado nosso sistema solar em intervalos de 7,5 vezes 105 anos — em outras palavras, 640 vezes nos últimos quinhentos milhões de anos.[16] E, dez anos depois, o Dr. Martin Fogg da London University declarou que muitas galáxias provavelmente já eram habitadas na época em que a Terra estava tomando forma.[17]

Afinal de contas, o que realmente sabemos no meio do nosso esplêndido isolamento? A ficção científica postula "buracos de traça" que as naves espaciais atravessam zunindo a uma velocidade muitas vezes maior que a da luz. Ou a "viagem através do espaço-tempo"; ou a "viagem através das dobras espaciais" tão popular nas séries da televisão. Tudo isso ainda está na esfera da fantasia. Mas por quanto tempo? A NASA criou um grupo de trabalho para analisar com seriedade essas idéias. O Breakthrough Propulsion and Power Working Group está ligado ao Advanced Space Transportation Pro- gramme da NASA e é composto por uma equipe de cientistas espaciais, físicos e astrofísicos. Suas instruções são analisar o potencial dessas coisas, mesmo que "elas contrariem a opinião teórica estabelecida".[18]

E os astrônomos sabichões, que ficam perguntando onde estão esses extraterrestres, se é que eles realmente existem, devem ser gratos aos F.Ts por eles terem algum tato e prudência com relação a nós.

Enquanto escrevo estas páginas, a imprensa mundial noticia que o Vaticano finalmente reconheceu a teoria da evolução de Darwin como válida, mesmo que com cem anos de atraso. Em 1950, o Papa — Pio XII —, na encíclica *Humana generis* (A origem da humanidade) tinha dito que a teoria de Darwin devia ser encarada como uma hipótese. Hoje, o Papa João Paulo II entregou uma mensagem à Academia Papal de Ciências na qual a teoria da evolução recebeu a bênção papal. Boquiabertos, lemos as seguintes palavras: "Novas descobertas nos levam a contemplar a idéia da evolução como mais do que apenas uma hipótese." O papa continua e qualifica o que acaba de dizer, afirmando que a teoria da evolução só é relevante para o corpo: "A alma é criada diretamente por Deus."[19]

De acordo com essa maneira de ver as coisas, o plano divino consistiria em permitir que "os processos químicos e físicos seguissem seu curso". O Secretário Geral da Conferência de Bispos Suíços, Nicholas Betticher, ofereceu mais detalhes:

> Deus foi responsável pelo Big Bang, criou as estrelas, a água, o ar e o sol. Isso deu origem às primeiras células, que se desenvolveram e se transformaram em amebas, animais e, finalmente, em seres humanos. A diferença entre os seres humanos e os animais situa-se no fato de que Deus tomou parte na evolução, soprou o espírito no Homem e o criou de acordo com Sua imagem.[20]

Os espertos teólogos da Igreja Católica Romana não parecem ter notado que o comentário de Nicholas Betticher despedaçou a história bíblica da Criação. O que restou do Pecado Original cometido no Paraíso se a evolução segue o modelo darwiniano? E por que precisamos ser "salvos" pelo "Filho de Deus" se o Pecado Original nunca teve lugar?

De qualquer modo, não foi Deus que criou o ser humano "segundo Sua imagem", e sim "os deuses", no plural. Também é isso que está escrito no original hebraico do primeiro livro de Moisés. (A palavra "Elohim" que é usada no Gênese é na verdade um conceito plural.) Se simplesmente substituirmos a pequena palavra "deuses" por "extraterrestres" teremos acertado na mosca. Mas esse fato não será aceito enquanto os ETs não aterrissarem na Praça de São Pedro em Roma e celebrarem um serviço em homenagem a toda a Criação. Nessa ocasião, talvez recebamos a encíclica *Ad honorem extraterrestris* (Em homenagem aos extraterrestres).

O que acabo de dizer é uma blasfêmia? Bobagem! Afinal de contas, no início da cadeia da criação ergue-se o espírito grandioso subjacente a todo o universo. Ou, em outras palavras, Deus.

Notas

1. "Wieder Spuren von Leben in Stein vom Mars entdeckt", *Welt am Sonntag,* n. 41, 6 de outubro de 1996.
2. "Die Funde passen ins Bild", *Der Spiegel,* n. 33, 1996.
3. "Planeten-Brut aus dem Urnebel", *Der Spiegel,* n. 22, 1993.
4. Arthur W. Burks, *Theory of Self-Reproducing Automata by lohn von Neumann,* University of Illinois Press, 1966.
5. Georg von Tiesenhausen e Wesley A. Darbo, *Self-Replicating System — A System's Engineering Approach,* NASA Technical Memorandum TM-78304, Marshall Space Flight Center, Alabama, julho de 1980.
6. Jacqueline Signorini, "How a SIMD machine can implement a complex cellular automation. A case study of von Neumann's 29-state cellular automation", *Super Computing 89,* ACM Press, 1989.
7. Richard D. Klafer, Thomas Chmielewski e Michael Negin, *Robotic Engineering: An Integrated Approach,* Prentice Hall, 1989.
8. F. H. Crick e L. E. Orgel, "Directed Panspermia", *Icarus,* n. 19, Londres, 1973.
9. Fred Hoyle e N. C. Wickramsinghe, *Die Lebenswolke,* Frankfurt/ Main, 1979.
10. Francis Crick, *Das Leben selbst. Sein Ursprung, seine Natur,* Muni- que e Zurique, 19K1.
11. Ralph C. Merkle, "Molecular Nanotechnology", *Frontiers of Supercomputing — II: A National Reassessment,* University of California Press, 1992.
12. Ralph C. Merkle, "Two Types of Mechanical Reversible Logic", *Nanotechnology,* vol. 4, 1983.
13. Erich K. Drexler, ***Molecular Engineering: an approach to the development of general capabilities for molecular manipulation,*** National Academy of Sciences, EUA, 1978, pp. 5.275-8.
14. Ralph C. Merkle, "A Proof About Molecular Bearing", *Nanotechnology,* vol. 4, 1993, pp. 86-90.
15. Ralph C. Merkle, "Self-Replicating Systems and Molecular Manufacturing", *Journal of the British Interplanetary Society,* vol. 45,
1992, pp. 407-13.
16. James R. Wertz, "The Human Analogy and the Evolution of Extraterrestrial Civilisations", *journal of the British Interplanetary> Society',* vol. 29, n. 7/8, 1976.
17. Martin J. Fogg, "Temporal Aspects of the Interaction among the First Galactic Civilisations. The Interdict Hypothesis", *Icarus,* vol. 69, 1987.
18. Johannes Fiebag, "Völlig abgehoben?", *Ancient Skies,* n. 6, 1966.
19. "Der Mensch stammt doc ab", *Focus,* n. 44, 1966.
20. "Yes to Darwin — but God took care of the Big Bang", entrevis- ta de Susanne Stettier, *Der Blick,* 28 de outubro de 1996.

APENDICE — A FASCINANTE NAZCA

As fotografias de número 109 a 124 também pertencem à coleção do Dr. Cabrera em Ica, no Peru. As fotografias de número 125 a 144 mostram detalhes da região de Nazca que não são mencionados no texto. Existem sempre novas revelações, estimulantes ou enigmáticas a serem descobertas!

◁ [109] [110] △ △ [111] [112] ▽

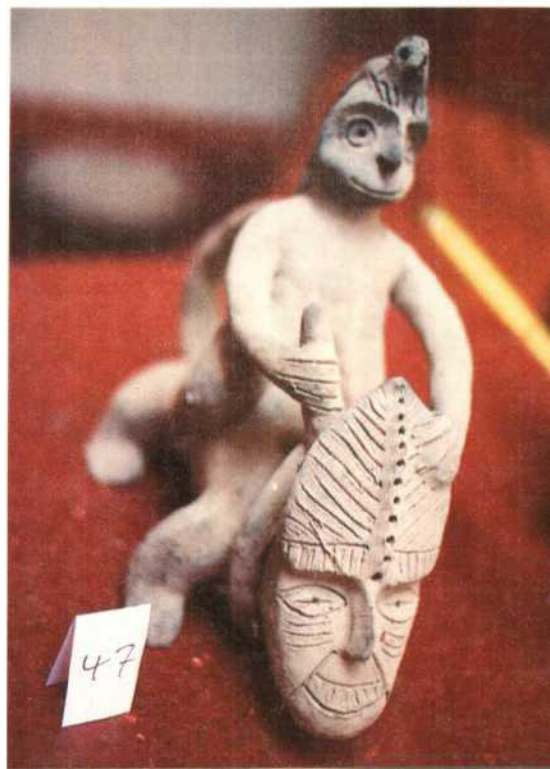
[113]

[114]

[115]

[116]

[117]

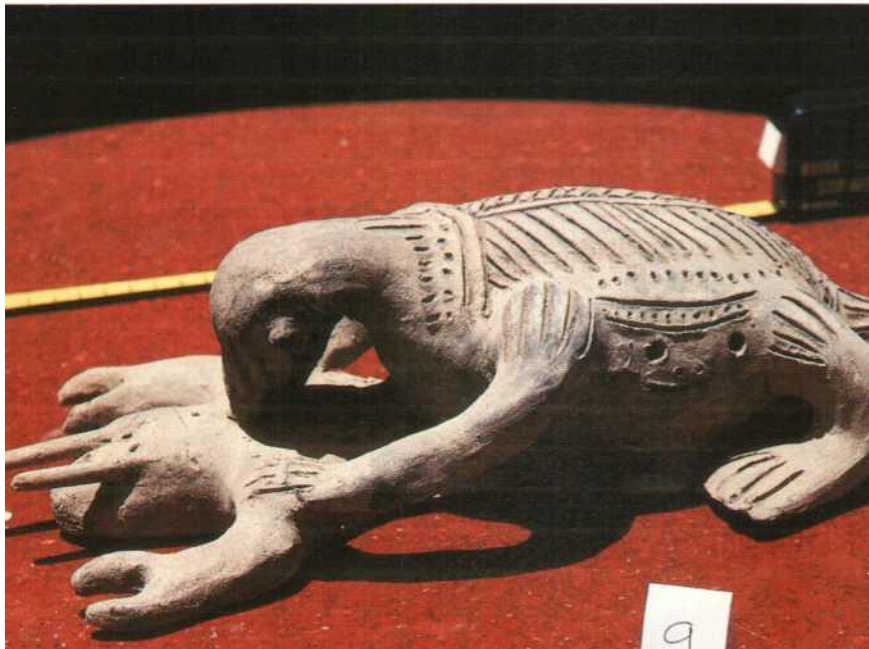
[118]

[119]

[120]

[121]

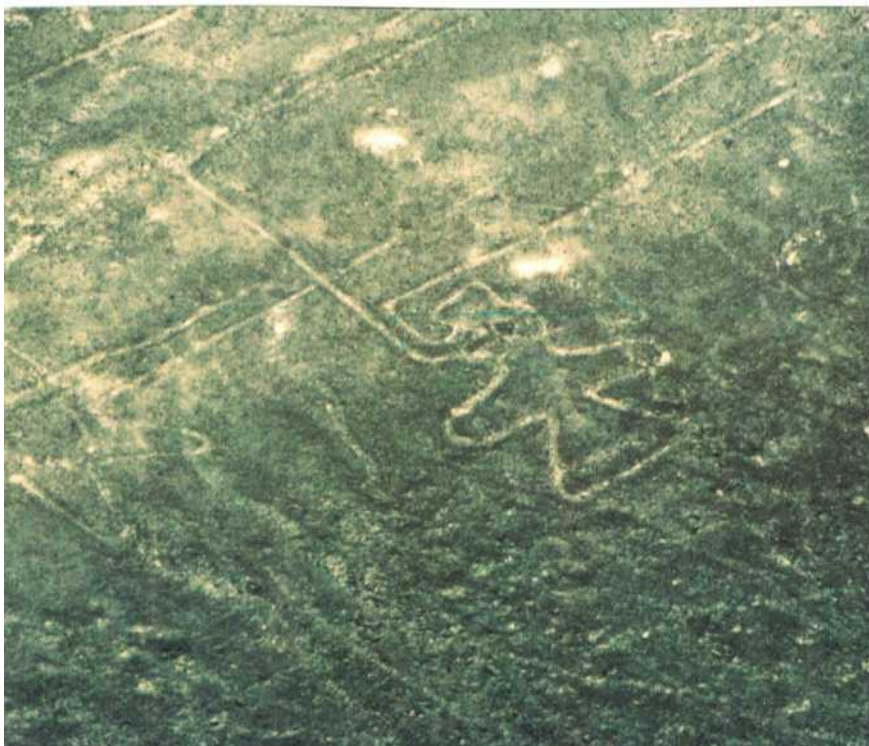
[122]

[123]

[124]

[125]

[126]

[127]

[128]

[129] △

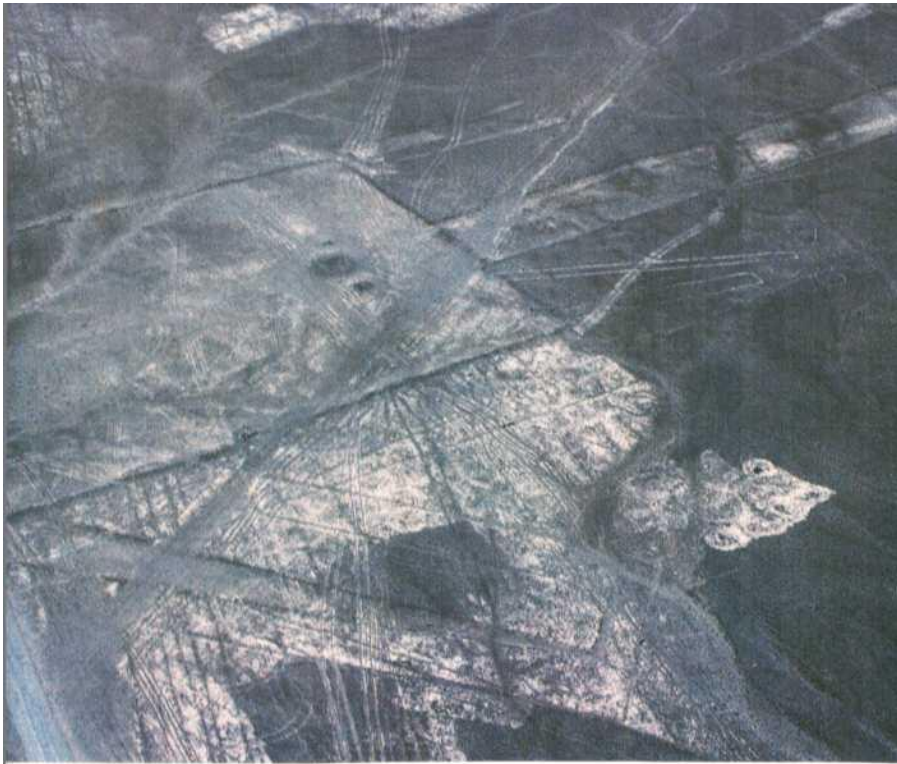
[130] ▽

[131] ▷

[132]

[133] ▷

[134]

[135]

[136]

[137]

[138]

[139]

[140]

[141]

[142]

[143]

[144]

PREZADO LEITOR...

Um livro de não-ficção é diferente de um romance. É claro que o escritor de não-ficção também pode fantasiar um pouco e, certamente, teorizar— mas primeiro ele precisa fazer sua pesquisa, o que pode levar anos e custar muito dinheiro. Nem os vôos nem o equipamento fotográfico são gratuitos, e os escritórios e os assistentes precisam ser pagos.

Assim sendo, eu me considero uma pessoa de sorte por ter amigos que estão sempre prontos a me ajudar desinteressadamente. Sou grato a Uli Dopatka, bibliotecário da Universidade de Berna, que me forneceu uma vasta literatura sobre o assunto, e a Valentin Nussbaumer que, junto com Uli, me ajudou semanas a fio tanto na residência do Dr. Cabrera quanto em Nazca. Tampouco quero me esquecer de Peter Kaschel, professor diplomado em Recklinghausen. Ele tem a coragem de debater o tema controvertido de "Dãniken" na escola secundária na qual leciona. Ele também revisou meu original. Sou também grato a meus bons amigos Dr. Eenboom, Peter Belting e Conny Lübbers, que dedicaram grande parte do seu tempo à construção e aos testes de urn avião modelo baseado num antigo projeto. Quero agradecer também ao meu secretário Kilian Bohren, que rapidamente se ajustou ao meu escritório e há muito tempo já se adaptou ao turbilhão

de exigências diárias, com ou sem a minha presença. E por último, mas não por ser menos importante, desejo agradecer à minha mulher, Elisabeth, que é extremamente paciente e compreende meu trabalho, apesar de, em virtude dele, eu ficar muito pouco tempo em casa.

Minha gratidão a todos eles é muito sincera e não impelida pela cortesia ou pelo dever.

Nazca é apenas um dos grandes enigmas do nosso mundo. Existem outros, nos cinco continentes, mas eles só são acessíveis a poucos. Apenas uma pequena parcela da humanidade pode viajar para terras distantes, visitar florestas úmidas ou desertos áridos. Ainda existe muita coisa a ser descoberta pelos jovens de hoje — mas primeiro temos de fazer as perguntas certas.

Gostaríamos de oferecer ao maior número possível de pessoas a oportunidade de estudar os grandes enigmas do mundo num contexto vivo, tridimensional e interativo. É por esse motivo que estamos planejando construir nos próximos anos, em Interlaken, nas montanhas de Berna, um parque temático. Uma fundação já foi criada e um grupo de projeto está trabalhando na idéia. Descubra de que maneira *você* pode se envolver no estudo solicitando gratuitamente um prospecto detalhado. Escreva para Erich von Däniken em CH-3803 Beatenberg, Suíça.

Tudo de bom,

Erich von Däniken

CRÉDITOS DAS FOTOGRAFIAS

Valentin Nussbaumer, Zurique: 27, 28, 29, 44, 45, 52, 66, 67, 114, 123, 124
Willi Dünnenbaumer, Quito: 83, 89 Torsten Sasse, Berlim: 85-89 Jaime Bascur, Santiago do Chile: 90
Todas as outras fotografias são de autoria de Erich von Däniken, Beatenberg.